



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIA VIRGINIA BREVILHERI BENASSI

**CRÔNICAS HUMORÍSTICO-OPINATIVAS DE JOSÉ SIMÃO:
A ANÁLISE LINGÜÍSTICA NA LEITURA**

LONDRINA
2008

MARIA VIRGINIA BREVILHERI BENASSI

**CRÔNICAS HUMORÍSTICO-OPINATIVAS DE JOSÉ SIMÃO:
A ANÁLISE LINGÜÍSTICA NA LEITURA**

Dissertação apresentada ao Curso de pós graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito ao título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Maria Gregório

LONDRINA
2008

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B456c Benassi, Maria Virginia Brevilheri.
Crônicas humorístico-opinativas de José Simão : a análise lingüística
na leitura / Maria Virginia Brevilheri Benassi. – Londrina, 2008.
138f.

Orientador: Regina Maria Gregório.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade
Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2008.

Bibliografia: f.134-138.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Gêneros textuais – Teses.
3. Análise lingüística (Lingüística) – Teses. I. Gregório, Regina Maria.
II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências
Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.
III. Título.

CDU 801

MARIA VIRGINIA BREVILHERI BENASSI

**CRÔNICAS HUMORÍSTICO - OPINATIVAS DE JOSÉ SIMÃO:
A ANÁLISE LINGÜÍSTICA NA LEITURA**

Dissertação apresentada ao Curso de pós graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito ao título de Mestre em Estudos da Linguagem.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Regina Maria Gregorio

Prof. Orientador

Universidade Estadual de Londrina

Profª Drª Alba Maria Perfeito

Prof. Componente da Banca

Universidade Estadual de Londrina

Profª Drª Elódia Constantino Roman

Prof. Componente da Banca

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Londrina, 17 de junho de 2008

A Deus por me iluminar em todos os momentos de minha vida, meu refúgio e minha fortaleza.

À minha família abençoada, meu marido Luiz e minhas filhas, Amanda e Heloisa, razões do meu viver. Obrigada pelo total apoio, compreensão e amor ... e por entenderem as tantas ausências...

Aos meus pais Denice e Waoriples ... Um dia o amor se tornou vida e de suas vidas eu existi ... Muito obrigada pela força e amparo, por sempre me fazerem acreditar que sou capaz.

Aos meus irmãos Fernando e Júlio César, dois grandes exemplos de luta, dedicação e sabedoria .

A todos da família Macedo, minha querida sogra, sogro, cunhadas, cunhados, sobrinhos e sobrinhas, pelo imenso apoio e precioso atendimento ao meu marido e às minhas filhas durante esta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha orientadora prof^a Dr^a Regina Maria Gregorio, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade, paciência, dedicação, carinho e por entender os meus anseios.

À professora Alba Maria Perfeito pela valiosa atenção, amizade e compreensão em toda a caminhada.

Às amigas do mestrado Claudia e Ana Paula pelos momentos de descontração, as piadas, os passeios e o apoio em todas as horas, enfim, vocês serão inesquecíveis. Quanta saudade!

À amiga Silvana Quintilhano Ferreira, pelo incentivo e ombro amigo nos momentos difíceis.

À amiga Gladys Plens de Quevedo Camargo, pela sua prontidão e sempre me oferecendo boas razões para que eu superasse meus obstáculos.

Ao amigo Cipriano Luiz Sanches, pela força e auxílio nas normas do trabalho.

Ao Disque-gramática e em especial à prof^a Cristina Valéria B. Simon, pela correção final.

“A mente que se abre a uma nova idéia jamais
volta ao seu tamanho original”

Albert Einstein

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. **Crônicas humorístico-opinativas de José Simão**: a análise lingüística na leitura. 2008. 138 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

RESUMO

Atualmente, percebe-se a dificuldade dos professores de língua materna em trabalhar com a gramática contextualizada, ou seja, aquela inserida na construção de sentidos de um texto. O presente trabalho tem como objetivo efetuar a análise lingüística do gênero discursivo crônica jornalística opinativa, do colunista-humorista José Simão, da seção coluna Ilustrada da Folha de S. Paulo. A intenção é buscar uma compreensão dos textos de José Simão sob uma perspectiva bakhtiniana. Este estudo é parte de um projeto, de caráter etnográfico, na área de Lingüística Aplicada, desenvolvido pelo Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), intitulado “Escrita e ensino gramatical: um novo olhar para um velho problema”, procurando proporcionar aos professores da rede pública uma outra percepção de ensino da gramática contextualizada às práticas de leitura e de produção textual, via abordagens de gêneros discursivos. Sendo assim, realizou-se neste trabalho uma pesquisa de cunho analítico-descritivo, selecionando cinco crônicas a serem analisadas em relação ao contexto de produção, conteúdo temático, forma composicional e as marcas lingüístico-enunciativas do gênero crônica jornalística. Na seqüência, propõe-se contribuir com sugestões metodológicas direcionadas para uma sala de aula de oitava série do ensino fundamental. Como aportes teóricos da dissertação, serão abordadas teorias fundamentadas em Bakhtin, Rojo, Dolz e Schneuwly, como também serão apresentadas as Concepções de linguagem de Língua Portuguesa e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Sob tal ótica, pretende-se contribuir para a reflexão do professor de Língua Portuguesa sobre o seu trabalho em sala de aula ao inovar, mobilizar conteúdos e interagir de modo mais produtivo, significativo e crítico com seus alunos.

Palavras-chave: Gramática contextualizada. Gênero discursivo. Crônica jornalística. Análise lingüística.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. **José Simão's humoristic opinative chronicles**: linguistic analysis in reading. 2008. 138 fls. Dissertation (Masters in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

ABSTRACT

Nowadays one can notice mother tongue teachers' difficulty in working with contextualized grammar, that is, the one inserted in the construction of the meanings in a text. The present work aims at presenting a linguistic analysis of the discursive genre journalistic chronicle, written by the columnist Jose Simão, from the section "Ilustrada" in the newspaper "Folha de São Paulo". The intention is to search to develop more and more the work with the language in the reading and comprehension of oral and written texts, showing one of the forms of working with genres by using Bakhtin's theoretical concepts. This study is part of an Applied Linguistics ethnographic project developed by the Department of Vernacular and Classical Languages of the State University of Londrina (UEL) entitled "Writing and grammar teaching: a new look to an old problem", aiming at providing public teachers another perception of contextualized grammar teaching to the skills of reading and textual production through discursive genres. Thus, this work intends to make a descriptive-analytical research by selecting five chronicles to be analyzed in relation to the production context, thematic content, compositional form and the linguistic-enunciative marks of the genre journalistic chronicle. In addition, this work contributes methodological suggestions of work directed to the eighth grade of the primary education. Theoretically speaking, this research is based on the concepts proposed by Bakhtin, Rojo, Dolz and Schneuwly, as well as the language concepts in the Portuguese Language and the National Curricular Directives (PCNs). From this perspective, it intends to contribute for the reflection of Portuguese Language teacher on his/her work in classroom when innovating, to mobilize contents and to interact in more productive, significant and critical way with you students.

Key-words: Contextualized grammar. Discursive genre. Journalistic chronicle. Linguistic analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM	14
2.1 LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGÜÍSTICA.....	26
2.2 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS)	33
3 GÊNEROS DISCURSIVOS.....	38
4 A HISTORICIDADE DA CRÔNICA E SUAS CARACTERÍSTICAS	49
4.1 A IMPRENSA NO BRASIL	55
4.2 FOLHA DE SÃO PAULO	57
4.3 A CRÔNICA E OUTROS GÊNEROS QUE APARECEM NUM JORNAL	58
5 METODOLOGIA	61
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	61
5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO	62
6 ANALISANDO AS CRÔNICAS	64
6.1 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, A ESTRUTURAÇÃO E AS MARCAS LINGÜÍSTICAS DA CRÔNICA JORNALÍSTICA DE JOSÉ SIMÃO: RECORRÊNCIAS.....	64
6.1.1 Contexto de Produção e Relação Autor/Leitor/Texto	64
6.1.2 Conteúdo Temático	69
6.1.3 Estrutura Composicional	69
6.1.4 Marcas Lingüístico-enunciativas	70
6.2 A ANÁLISE LINGÜÍSTICA NA LEITURA DAS CRÔNICAS DE JOSÉ SIMÃO.....	78
6.2.1 Ambigüidade	79
6.2.2 Dialogismo e Polifonia	80
6.2.3 Formas Populares de Linguagem	81
6.2.4 Intertextualidade	82
6.2.5 Hipérbole	83

6.2.6 Metáforas e Comparações	84
6.2.7 Neologismo	87
6.2.8 Pontos de Exclamação.....	88
6.2.9 Trocadilhos e Jogos de Palavras	88
6.2.10 Os Efeitos da Ironia nas Crônicas de José Simão	90
6.2.11 Análises das Crônicas	91
6.2.12 Conclusões Parciais	120
6.3 MODELO DE SUGESTÃO DE ENCAMINHAMENTO PEDAGÓGICO	122
6.4 PRODUÇÃO TEXTUAL	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS.....	134

1 INTRODUÇÃO

Recentes pesquisas têm abordado o ensino de Língua Portuguesa, apresentando propostas no que diz respeito ao ensino-aprendizagem. De acordo com Rojo (2005), essas discussões visam a um maior aprofundamento sobre novas práticas implementadas no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, com base nos PCNs (BRASIL, 1998) do 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental, os quais privilegiam os gêneros discursivos como objeto de ensino, já que todo texto se organiza dentro de determinado gênero.

Nesse sentido, este trabalho fundamenta-se na teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos, com o propósito de enfatizar uma reflexão sobre as práticas de leitura e escrita, presentes na escola e fora dela, em diferentes esferas de circulação da linguagem escrita.

Na presente pesquisa, será abordada a crônica jornalística contemporânea, sob a perspectiva da análise lingüística integrada à atividade de leitura. A preocupação de propiciar ao aluno a familiarização com uma proposta de integração de diferentes práticas de uso e reflexão, observando o contexto de produção, o conteúdo temático, a organização geral e as marcas lingüísticas dos textos do gênero crônica.

A idéia do trabalho com gêneros surgiu de reflexões realizadas em reuniões do projeto de pesquisa intitulado “Escrita e ensino gramatical: um novo olhar para um velho problema”, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina. Nele são discutidos os gêneros como objeto de ensino, procurando proporcionar aos professores da rede pública uma percepção relativa ao ensino da gramática contextualizada, sem utilizar o texto como pretexto, aprimorando sua formação profissional – via diagnóstico e intervenção, por meio da reflexão prática-teoria-prática.

O projeto em questão, de cunho processual, etnográfico, de diagnóstico e de intervenção, teve início no ano de 2003 e foi encerrado em outubro de 07. Caminhou desde a gravação em áudio de aulas de português, envolvendo professores de quatro escolas públicas e uma particular de 4ª a 8ª série até a proposta de ensino gramatical contextualizado às práticas de leitura e de produção textual, via gêneros discursivos.

Foi desenvolvido, junto aos professores participantes do projeto de pesquisa, um curso de 80 h/aula, realizado entre maio e outubro de 2007. O projeto se propõe a desenvolver um trabalho com a linguagem, em que os gêneros discursivos passam a ser o centro motivador para o ensino e a aprendizagem da linguagem, exigindo uma compreensão mais aprimorada dos conteúdos por parte dos professores, a fim de desenvolver a análise lingüística contextualizada às práticas de leitura e produção textual e de observar não só a organização estrutural dos enunciados, mas também os processos de construção da significação, o léxico, as redes semânticas e os modos de organização dos discursos.

Dessa forma, o aluno poderá interagir com diversos gêneros, que muitas vezes ele não conhece, ou que aprende sob a forma de uma tipologia textual – narração, descrição, dissertação, como por exemplo a notícia, a reportagem, as crônicas, os editoriais, as cartas de reclamação, os comunicados, as biografias, a bula de remédio, entre muitos outros. Por parte do professor, essa nova concepção de linguagem propiciará a este ter a consciência de que o ensino não deve ser pautado somente em normas gramaticais com ênfase na linguagem escrita, mas trabalhado de forma integrada com as práticas de leitura, de produção e de análise lingüística, via gêneros discursivos como eixo de articulação e de progressão curricular.

De acordo com Bronckart (1999) e Schneuwly e Dolz (2004), além de o gênero como objeto de ensino, adota-se também a noção de gênero como ferramenta que atua no processo de aprendizagem, sendo encarado como um verdadeiro instrumento para o desenvolvimento dos três tipos de capacidades de linguagem: as de ação, as discursivas e as lingüístico-discursivas, cada qual envolvendo um aspecto diferenciado dentro da produção textual, fazendo o aluno interagir nas diferentes situações sociais.

Após leituras dos PCNs (BRASIL, 1998), vinculados a estudos bakhtinianos, percebemos que a teoria dos gêneros discursivos constitui-se como referência para as discussões curriculares da área de Língua Portuguesa, no sentido de contribuir com os professores no processo de revisão e de elaboração de propostas didáticas, a fim de criar, nas escolas, condições que permitam aos alunos ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

Os PCNs (BRASIL,1998) têm como proposta capacitar o aluno a

interpretar diferentes textos que circulam socialmente e produzi-los com eficácia nas mais variadas situações, com o objetivo de interagir pela linguagem e realizar uma atividade discursiva. A partir dessa visão, considera-se que, na segunda etapa do Ensino Fundamental, os alunos passam a se inteirar mais dessa família de textos com uma série de semelhanças, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana.

O foco da presente pesquisa é o estudo do gênero discursivo crônica jornalística contemporânea, na qual se observarão a organização estrutural dos enunciados e a construção da significação, abordando a análise lingüística na leitura, de modo a propiciar ao aluno a familiarização com esse gênero, primeiramente para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para em seguida compreendê-lo e até produzi-lo na escola ou fora dela.

Partindo-se da hipótese de que os professores de Língua Portuguesa geralmente encontram dificuldades em trabalhar a gramática contextualizada, este trabalho tem como objetivo geral analisar cinco textos do gênero crônica humorística-opinativa de José Simão na perspectiva bakhtiniana, com vista à transposição didática, priorizando a análise lingüística.

Nesse sentido, têm-se como objetivos específicos identificar as marcas lingüístico enunciativas das crônicas de José Simão, relacionadas às condições de produção, ao seu conteúdo temático e à sua construção composicional, resgatar o histórico do gênero crônica, definir as crônicas de José Simão como gênero discursivo e apontar possibilidade de trabalho pedagógico, contextualizando a análise lingüística às atividades de leitura e de produção textual.

Segundo Brait e Melo (2005), o enunciado, dependendo das diferentes teorias lingüísticas, enunciativas e discursivas, na qual está inserido, equivale a frase ou a seqüências frasais, entretanto, em outras, assume um outro valor se adotado um ponto de vista pragmático. O termo e o conceito “enunciado” são utilizados, em oposição a frase, como uma seqüência de palavras organizadas de acordo com a sintaxe, portanto passível de ser analisada “fora de contexto”.

O enunciado, nessa perspectiva, é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizada. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a “frase” ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações “enunciativas” (BRAIT; MELO, 2005, p. 63).

Sendo assim, cabe ao enunciado configurar o processo interativo, implicando muito mais no que está visível na materialidade lingüística, podendo, pois, dar origem a diferentes sentidos/interpretações conforme as condições de produção.

Sob tal perspectiva, com o intuito de colaborar com a reflexão dos professores de Língua em relação ao enfoque de suas práticas pedagógicas, e despertar no aluno o senso crítico, a partir dos gêneros, a dissertação está organizada da seguinte forma:

O capítulo I apresenta o Ensino de Língua Portuguesa no Brasil e as Concepções de Linguagem, enfatizando a concepção de linguagem como forma de interação.

O capítulo II versa sobre os gêneros discursivos e destaca a importância de se trabalhar com gêneros na área de ensino aprendizagem de Língua Portuguesa, sob o enfoque teórico de Bakhtin.

No capítulo III, discute-se a historicidade da crônica, sua inserção no gênero jornalístico e a imprensa no Brasil.

No capítulo IV, explicita-se a metodologia utilizada no estudo em questão .

Já no capítulo V, faz-se a análise de cinco crônicas de José Simão, com o objetivo de apresentar aos professores uma forma de trabalhar a gramática contextualizada, tendo o gênero discursivo como objeto de ensino. Finalizamos com sugestões de encaminhamento pedagógico, para uma possibilidade de ampliar novos horizontes na relação professor/aluno/texto e as considerações finais.

2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Só a partir da segunda metade do século XVIII é que o Brasil pôde começar a ser definido como um espaço de língua dominante portuguesa, devido à conhecida política lingüístico-cultural desenvolvida pelo Marquês de Pombal. A repressão ao uso de línguas indígenas, sobretudo de base tupi - tronco lingüístico mais difundido na área já colonizada, desencadeada por essa orientação política, tirou o Brasil de um rumo que poderia tê-lo levado a ser um país de base lingüística majoritariamente indígena (PARANÁ, 2006).

Os dois séculos e meio de colonização que precederam à decidida política pombalina recobrem múltiplas situações de contato lingüístico, entre falantes da língua portuguesa e centenas de línguas nativas, que ainda continuam vivas, e múltiplas línguas africanas. O surgimento da Língua Portuguesa no Brasil está profunda e inseparavelmente ligado ao processo de constituição da Nação Portuguesa. A cada conquista, os desbravadores impunham aos vencidos, seus hábitos, suas instituições, os padrões de vida e a língua.

Entretanto, a Língua Portuguesa passou a integrar os currículos escolares brasileiros somente nas últimas décadas do século XIX, depois de já há muito organizado o sistema de ensino. Devido a alguns fatores históricos, a formação da nação brasileira deve à língua muito da sua identidade.

A preocupação com a formação do professor dessa disciplina teve início nos anos 30 do século XX (PARANÁ, 2006). Assim, Faraco salienta que:

[...] com a expansão quantitativa da rede escolar, passaram a freqüentar a escola em número significativo falantes de variedades do português muito distante do modelo tradicionalmente cultivado pela escola. Passou a haver um profundo choque entre modelos e valores escolares e a realidade dos falantes: choque entre a língua da maioria das crianças (e jovens) e o modelo artificial de língua cultuado pela educação da lingüística tradicional; choque entre a fala do professor e a norma escolar; entre a norma escolar e a norma real; entre a fala do professor e a fala dos alunos (FARACO, 1997, p. 57).

Pensar no ensino de Língua Portuguesa significa pensar numa realidade que permeia todos os nossos atos cotidianos: a realidade da linguagem. Ela nos acompanha onde quer que estejamos e serve para articular não apenas as

relações que estabelecemos com o mundo, como também a visão que construímos sobre o mundo. É via linguagem que nos constituímos enquanto sujeitos no mundo, é a linguagem que, com o trabalho, caracteriza a nossa humanidade, que nos diferencia dos animais.

A atividade mental, própria do homem, é organizada pela linguagem. É ela que nos possibilita pensar nos objetos e operar com eles na sua ausência. É importante entendermos a transformação do homem para compreendermos o surgimento da própria linguagem.

Não vivemos sem nos comunicar. A sociedade humana não existe sem as palavras, sem a expressão. Para comunicar o que vivemos, o que sentimos, para resgatar a memória, para se imaginar o futuro precisamos das palavras, de uma linguagem para nos expressarmos. Há muitos estudiosos que buscam um conceito sobre linguagem.

Para Azeredo (2000, p.16), a linguagem é a “capacidade humana de criar símbolos e servir-se deles na comunicação”. Fazendo uma reflexão dos conceitos, pode-se dizer que a linguagem é o produto da vida em sociedade, ou seja, a capacidade e o instrumento da comunicação humana. Nesse sentido, não se separa a linguagem de seu contexto social. Dessa forma, entende-se que o objetivo do ensino de Língua Portuguesa é procurar desenvolver no aluno a prática da oralidade, da leitura e da escrita, ou seja, fazer com que o aluno interaja socialmente e domine atividades de leitura e de escrita, refletindo sobre a própria linguagem.

Partindo desse contexto, em toda a prática pedagógica o professor prioriza uma concepção de linguagem. Nessa concepção, o professor irá direcionar o seu trabalho, construindo sua metodologia, seus conteúdos e sua forma de avaliação.

Segundo Geraldi (1984), para conceituar o termo concepção de linguagem e sua abordagem perante a postura educacional, há três modos basicamente de se conceber a linguagem: como expressão do pensamento e como instrumento de comunicação e como forma de interação. Travaglia (2000) e Castilho (1998), preocupados com um ensino comunicativo também postulam a mesma idéia. Sendo assim, todo professor na sua prática em sala de aula prioriza uma concepção de linguagem, a qual direciona o seu trabalho e sua maneira de encaminhar o seu fazer pedagógico, moldando sua forma de ensinar.

De acordo com Perfeito (2005), no que tange à expressão de pensamento, essa concepção de linguagem é um princípio sustentado pela tradição gramatical, a Gramática de Port-Royal (1612-1694), que tem sido considerada a mais expressiva contribuição da França em relação aos estudos lingüísticos e a análise da linguagem em geral. Port-Royal abordou uma gramática que consolidava a tradição gramatical construída desde Platão.

Segundo essa concepção, o ser humano exteriorizará seu pensamento através de uma linguagem organizada e articulada. Nesse sentido, conforme Bakhtin (1995) para se referir à concepção em foco, utiliza-se do termo subjetivismo individualista o qual apóia sobre a enunciação monológica como ponto de partida da sua reflexão sobre a língua, ou seja, um ato individual, como expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc.

O ensino de língua pautado na concepção que considera a linguagem como expressão do pensamento privilegia o domínio dos conceitos básicos e normativos da gramática normativa.

Até 1967, o ensino de Língua Portuguesa manteve sua característica elitista até meados do século XX, quando se iniciou, no Brasil, “um processo de “democratização” do ensino, com a ampliação de vagas, a eliminação dos chamados exames de admissão, entre outros fatores “(FREDERICO; OSAKABE, 2004, p. 61). Em consequência desse processo de democratização, a multiplicação de alunos, as condições escolares e pedagógicas, as necessidades e as exigências culturais passaram a ser outras, bem diferentes”.

O ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de se melhorar a sua qualidade no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, na leitura e na escrita dos alunos, responsável pelo fracasso escolar que se expressa com clareza nas séries iniciais.

Quanto à questão gramatical, para que haja clareza e precisão no uso da linguagem, impreterivelmente há regras a serem seguidas. Isso significa que a gramática teórico-normativa, conceitua, classifica, para depois, entender e seguir prescrições, em relação à concordância, à regência, à acentuação, à pontuação, ao uso ortográfico, à morfologia, à sintaxe e à pragmática. É comum termos a

consciência de que, para dominarmos uma língua, internalizamos regras de estruturação e itens lexicais.

Com a lei 5692/71, a disciplina de português era nomeada, no primeiro grau, Comunicação e Expressão (nas séries iniciais) e Comunicação em Língua Portuguesa (nas últimas séries). Portanto, a gramática deixava de ser o enfoque principal do ensino de língua e a teoria da comunicação passava a ser o referencial, mas ainda predominando o normativismo. Durante a década de 1970 e no início da década de 1980, o ensino de Língua Portuguesa se restringia a exercícios estruturais, técnicas de redação e treinamento de habilidades de leitura.

Esses exercícios se resumiam no preenchimento de lacunas ou nos questionários de simples verificação de ocorrência, desconsiderando a interação com o texto e não havendo, assim, um incentivo para as atividades de leitura. A concepção de linguagem como expressão do pensamento foi rompida por Saussure ao estabelecer a dicotomia saussureana¹.

De acordo com Saussure (1969, p. 23), há uma outra concepção: a linguagem como instrumento de comunicação, influenciada por postulados lingüísticos, denominada de Estruturalismo, a qual alega que a língua “é a parte social da comunicação, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.”

Diante desse contexto, entende-se que a língua pode ser estudada separadamente da fala. A fala, segundo o autor, é um ato individual, sujeito a variações. Nessa ótica, a língua, é vista como um código. Ainda prevalece na concepção como instrumento de comunicação o ensino gramatical, mas a leitura e a produção textual ganham mais relevância na escola.

A linguagem como instrumento de comunicação é orientada pelo pensamento filosófico-lingüístico denominado objetivismo abstrato. A língua é vista como um código, capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, isolada de sua utilização. Essa concepção se associa à Teoria da Comunicação, na qual cada signo é constituído de um significado e um significante e, através desses signos, é possível o falante transmitir uma mensagem ao receptor.

¹ A dicotomia saussureana acaba sendo analisada em termos de código-mensagem e o estudo da língua passa a ser concebido enquanto código virtual, isolado do contexto enunciativo, relacionando-se à teoria da comunicação de Jakobson (1973).

A concepção de linguagem como instrumento de comunicação se fundamenta em Saussure e Chomsky, com alguns diferentes conceitos. Para Saussure, “a língua é um patrimônio de toda uma comunidade e não de cada falante, que retém apenas uma parte do sistema” (SAUSSURE, 1969, p. 23); mas para Chomsky, “cada falante retém a gramática de sua língua, graças a sua competência lingüística”. (CHOMSKY, 1965, p. 17).

Na década de 60 e início de 70, as propostas de reformulação do ensino de Língua Portuguesa indicavam, fundamentalmente, mudanças no modo de ensinar, pouco considerando os conteúdos de ensino. Acreditava-se que valorizar a criatividade seria condição suficiente para desenvolver a eficiência da comunicação e expressão do aluno. Essas propostas se restringiam aos setores de classe média, sem pensar nas conseqüências que as camadas mais pobres sofreriam.

O ensino de Língua Portuguesa orientado pela perspectiva gramatical ainda parecia adequado, ou seja, os alunos que freqüentavam a escola falavam uma variedade lingüística bastante próxima da chamada variedade padrão e traziam representações de mundo e de língua semelhantes às que ofereciam livros e textos didáticos (BRASIL, 1998).

Diante dessa situação, a nova crítica do ensino de Língua Portuguesa, no entanto, só se estabeleceria mais consistentemente no início dos anos 80, quando as pesquisas produzidas por uma lingüística independente da tradição normativa e filológica e os estudos desenvolvidos em variação lingüística e psicolingüística, entre outras, possibilitaram avanços nas áreas de educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita. Essas novas pesquisas para a concepção da linguagem foram interpretadas por correntes de estudos da língua, reunidas, conforme Geraldi (1984), Travaglia (2000), Antunes (2003) e Cardoso (1999), ou seja, nomeadas como Lingüística da Enunciação.

No entanto, passamos a discutir a terceira concepção de linguagem, a qual será mais abordada nesse capítulo, por estar ligada às teorias interacionistas, ou seja, a partir de 1997, o foco da pesquisa está voltado para o trabalho com gênero discursivo. Na linguagem como processo de interação verbal a língua é um fato social cuja existência funda-se nas necessidades de comunicação (BAKHTIN, 1995). Em decorrência disso, pensar a linguagem como atividade interativa é necessário que se estabeleça como unidade de trabalho o texto e, como objeto de

ensino, o gênero discursivo. Destacamos ainda, de acordo com Cardoso (1999, p. 27), que:

Dentre as visões da linguagem apresentadas acredita-se hoje que a linguagem como interação tem maior possibilidade de fundamentar uma prática pedagógica que visa, como bem expressam os Parâmetros, a encontrar formas de garantir a aprendizagem da leitura e da escrita.

Anterior aos PCNs, Geraldi (1984), inserido na concepção de linguagem como forma de interação, preconizava há mais de vinte anos, o ensino gramatical contextualizado, integrado, sem artificialidade, às atividades de leitura e produção textual, ou seja, o texto como objeto de ensino. Por conseguinte, em sua obra *Portos de Passagem* (1991), expõe sobre suas experiências como professor de 1º e 2º graus de Língua Portuguesa, seu início de carreira, levando consigo a crença de como era ser professor.

Logo em seguida, foram citados alguns aspectos que tratavam a crise escolar, a baixa qualidade da escola e desqualificação dos professores, ou seja, todo um sistema, o qual não possibilita condições de trabalho. Desse modo, Geraldi (1991), aborda ainda a crise no ensino de Língua Portuguesa, a necessidade de se ver o ensino da língua em um sentido mais amplo. Repensar o ensino de Língua Portuguesa, tendo em mente a importância e o papel da linguagem na nossa constituição como seres humanos. Não se trata de confinar a questão do ensino de Língua Portuguesa à linguagem, mas pensá-lo à luz da linguagem.

Sob tal enfoque, é necessário focalizar a linguagem a partir da relação do processo interlocutivo e, com este olhar, pensar o processo educacional e instaurá-lo sobre a singularidade dos sujeitos em contínua constituição. O autor critica os estudos tradicionais de língua através de afirmações “de que pessoas que não conseguem se expressar, não pensam” (GERALDI, 1984). Isto leva à hipótese de que a natureza da linguagem é racional, por entender que os homens pensam conforme regras universais.

Os recursos expressivos levam inevitavelmente o outro a um processo de compreensão e este processo depende também das expressões usadas e não só de supostas intenções que o interlocutor atribua ao locutor. Não se domina uma língua pela incorporação de um conjunto de itens lexicais.

Segundo Faraco (2003), principalmente a partir da década de 1980, tem havido um esforço por parte dos professores de língua portuguesa e

pesquisadores de Língua Materna para enfrentar e criar alternativas que consideram a crise do ensino. Para ele “o quadro pedagógico tem mudado pouco, porque ainda não conseguimos fazer e disseminar a crítica radical ao que se denomina normativismo” (FARACO, 2003, p. 22).

No entanto, o que está sendo pesquisado obviamente com o objetivo de melhoria é a questão da gramática ensinada de forma descontextualizada, pois o aluno só se preocupa com a prova e a aprovação final, uma prática pedagógica que vai da metalinguagem para a língua, por meio de exemplos, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia (BRASIL, 1998). O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção textual, leitura e escrita de textos.

Nesse contexto, o papel da escola e dos professores do ensino médio e fundamental quanto ao exercício do ensino-aprendizagem de Língua Materna, é um processo de visão sem preconceitos à diversidade do português que aqui se fala e a consciência de que a norma padrão também precisa ser cultivada e difundida como um fator de inclusão sociocultural do cidadão, bem como das políticas sociais necessárias para a melhoria na qualidade de vida do indivíduo. Dessa forma, o domínio de diferentes níveis de concretização da língua viabiliza a ampliação do conhecimento sobre as atividades de escrita e de leitura, já que, por meio delas, o educando pode e deve ganhar uma certa autonomia para suas leituras e produções textuais.

De acordo com Geraldi (1991), o ensino da gramática se apresenta como um processo de “fetichização”, ainda sendo usado por alguns professores que se esquecem de trabalhar o texto como parte do conteúdo de ensino, sendo que este é um fator fundamental no processo discursivo, onde há a relação do eu e o tu, onde se faz o imaginário, pois se penso em escrever tenho que pensar no público que lê. Um texto pode significar várias coisas, dependendo do interlocutor.

Na década de 1990, buscava-se que o texto fosse o ponto de partida e chegada das três práticas: leitura, produção e análise lingüística em Língua Portuguesa. É através deste que o aluno expõe suas emoções e sentimentos. Antigamente o texto era tido apenas como um modelo de leitura em voz alta (para

toda a classe) como um objeto de imitação. Fazia-se uma leitura do texto sem análise interpretativa, apenas a leitura superficial.

É preciso observar detalhadamente tudo o que existe no texto, a fim de propiciar condições necessárias e fundamentais à produção de sentidos na leitura, preencher os espaços em branco, aceitos como inevitáveis, em função da natureza do próprio funcionamento da linguagem, com preenchimentos diferenciados não só em consequência de diferentes interpretações das estratégias de produção, mas também como consequência do pertencimento a universos discursivos diferentes (autor/leitor) e ao uso da linguagem em instâncias diferentes, tem seu preenchimento agenciado a partir das pistas que este oferece (GERALDI, 1991, p. 111-112).

A questão não é “corrigir” leituras com base numa leitura privilegiada e apresentada como única; mas também não é admitir qualquer leitura como legítima (ou legítima), como se o texto não fosse condição necessária à leitura e como se o autor não mobilizasse os recursos expressivos em busca de uma leitura possível. Trata-se agora de reconstruir, em face de uma leitura de um texto, a *caminhada interpretativa* do leitor: descobrir por que este sentido foi construído a partir das “pistas” fornecidas pelo texto (GERALDI, 1991, p. 112).

É com base nessa perspectiva como professores que é necessário analisar a leitura do texto dos alunos, percorrendo toda uma caminhada interpretativa, interagindo com esse texto, construindo e reconstruindo idéias, através de diálogos, entendendo e esclarecendo dúvidas, tornando-se assim um processo mais produtivo para ambos, professor e aluno.

Em relação à questão do locutor, interlocutor eu e tu, é fundamental pensar em um contexto para que o texto possa ser interpretado de maneira coerente. Mesmo tendo vários significados dentro desse contexto, deve existir um sentido interpretativo, isso varia das múltiplas estratégias de interpretação, pois as comunidades lingüísticas não são homogêneas e assim temos diferentes construções de enunciados, com várias interpretações.

O objetivo do ensino de Língua Materna, diante da concepção de linguagem como forma de interação, é desenvolver a competência comunicativa do aluno, levando-o a adequar a língua às mais diversas situações. Nesse contexto, a unidade de ensino só pode ser o texto e toda a sua dimensão discursiva, propulsores da reflexão crítica e imaginativa do aluno como leitor e produtor.

A prática de ensino muitas vezes guiada pelo livro didático ainda segue uma concepção de linguagem que não prioriza a história, o sujeito e o contexto, restringindo-se em demonstrações de regras e nos macetes da gramática tradicional (PARANÁ, 2006). Portanto, é importante que a gramática seja trabalhada no sentido de auxiliar a construção de sentidos no texto, de acordo com as condições de produção e do gênero a que pertence.

Nesse contexto, o ensino de Língua Portuguesa deveria levar em conta as necessidades trazidas por esses alunos para o espaço escolar, ou seja, a presença de registros lingüísticos e padrões culturais diferentes dos até então admitidos na escola. Essas novas propostas pedagógicas teriam o intuito de cada vez mais aprimorar o ensino de Língua Portuguesa inovando e buscando qualificar o aluno para o mercado de trabalho (PARANÁ, 2006).

Com base nesses objetivos foram implantados e entregues aos professores das séries finais do ensino fundamental os Parâmetros Curriculares Nacionais, a fim de ampliar e aprofundar um debate educacional envolvendo escolas, pais, governos e sociedades, buscando a melhoria do sistema de ensino no Brasil e cuja finalidade é “constituir-se como referência para as discussões curriculares da área em curso há vários anos em muitos estados e municípios e contribuir com técnicos e professores no processo de revisão e elaboração de propostas didáticas” (BRASIL, 1998, p. 4a).

Segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p.18), há algumas críticas que se faziam ao ensino tradicional destacando-se entre elas:

[...] a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos, a excessiva escolarização das atividades de leitura e produção de texto; o uso do texto como pretexto para ensinar aspectos gramaticais; a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão; o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos lingüísticos em frases soltas; a apresentação de uma teoria gramatical inconsistente, uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada.

No entanto, é importante lembrar que, apesar de ainda imperar no tecido social uma atitude “corretiva” e preconceituosa em relação às formas não canônicas de expressão lingüística, as propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino em que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem. A partir dessa idéia,

observa-se que hoje é praticamente consensual que as práticas devam partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades lingüísticas, particularmente daquelas associadas aos padrões da escrita.

Perceber a natureza social da linguagem, enquanto produto de uma necessidade histórica do homem, leva-nos à compreensão do seu caráter dialógico, interacional. Em outras palavras, tudo o que dizemos, dizemos a alguém e é esse alguém interlocutor, presente ou não no ato da nossa fala, que acaba por determinar aquilo que vamos dizer. Nossas palavras dirigem-se a interlocutores concretos, isto é, pessoas que ocupam espaços bem definidos na estrutura social. Mais do que isso, as nossas idéias sobre o mundo se constroem nesse complexo processo de interação.

A interação verbal ocupa um lugar na produção da linguagem e dos sujeitos, que neste processo se constituem pela linguagem. Quanto a essa abordagem, admite-se que a língua funciona com um sentido sociolingüístico, os sujeitos se constituem à medida que interagem com os outros e as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo. Tudo o que se tem a dizer exige uma expressão adequada, pronta e disponível.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998), no que diz respeito à linguagem, há algumas condições de possibilidade de plena participação social, isto é, o domínio da mesma, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística. Logicamente, pela linguagem, os homens e mulheres se comunicam, têm acesso à informação, defendem seu ponto de vista, constroem sua visão de mundo e produzem cultura. “Pela linguagem se expressam idéias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alteram suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas reações” (BRASIL, 1998, p. 20).

A partir desses pressupostos, decorrem três idéias básicas: 1- o complexo universo das relações determina aquilo que vamos dizer e como vamos dizer. 2- dizemos coisas para alguém que está socialmente situado. 3- dizemos coisas do ponto de vista do grupo social e da época a que pertencemos. Esse raciocínio nos leva a compreender que a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.

No entanto, queremos dizer que a palavra adquire o sentido que o contexto social e histórico lhe confere; nessa perspectiva, seu sentido estará, portanto, subordinado a um determinado ponto de vista, este também ideológico, porque construído no social e na história. Essas novas pesquisas tomaram corpo, efetivamente, a partir dos anos 1980, com as contribuições de alguns pensadores que integram o Círculo de Bakhtin. Dessa forma, a língua se configura num espaço de interação entre sujeitos que se constituem por meio dessa interação, ou seja, constitui-se pelo uso e pelos sujeitos que interagem. Tal concepção diverge das abordagens de cunho formalista-estruturalista que enfocam o caráter normativo da língua.

Partindo dessa definição, para que o aluno desenvolva de forma competente a capacidade da escrita, é necessário que ele tenha conhecimento de diferentes tipos de textos. A oportunidade de criar seu próprio texto permite ao aluno expandir seu conhecimento de gênero discursivo. Dessa forma, segundo Rojo (2005), os PCNs (BRASIL, 1998) explicitam os gêneros como objeto de ensino e destacam a importância de considerar suas características na leitura e produção textual. Ainda de acordo com Rojo essa consideração tem provocado uma explosão das pesquisas que tomam por base teórica a teoria dos gêneros.

Conforme a visão dialógica de Bakhtin (1997), é na interação verbal, estabelecida pela língua com o sujeito falante e com os textos anteriores e posteriores, que a palavra se torna real e recebe diferentes sentidos conforme o contexto. O autor considera o homem um ser social e histórico, cheio de valores, e a língua, na qual e pela qual se constitui, como reflexo das relações estáveis entre os falantes. Em consequência, é de acordo com o contexto, a época, o grupo social, a situação que irão dizer qual variante domina naquele momento, índices que existem diferentes e infinitos “modos de dizer.”

A partir dessa concepção interacionista de Bakhtin, difundem-se os conceitos de dialogismo e dos gêneros discursivos, cujo conhecimento e repercussão suscitaram novos caminhos para o trabalho pedagógico com a linguagem verbal, surgindo uma nova abordagem para o ensino de Língua. Nesse sentido, Bakhtin se posiciona da seguinte forma:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, para seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo assim isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279).

No ensino de Língua Portuguesa no 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, os PCNs procuram focar o item relacionado à análise lingüística, visto que é nesse período da escolarização intensificado o ensino de gramática. Mesmo que não concordemos com isso, não podemos negar que é assim que funciona o cotidiano escolar brasileiro: o professor de 3º e 4º ciclos tradicionalmente ensina gramática, faz exercícios de leitura e produção textual. Com base nesse contexto, Araújo (2001) destaca também que, quando são mencionadas as atividades de leitura e de produção, são levados em consideração textos orais e escritos.

Travaglia (2000) tem como proposta trabalhar a gramática em uma perspectiva formal mais ampla, perante o funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua. Para ele, a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas, abstraídas de qualquer situação de comunicação:

A perspectiva textual tem a possibilidade de fazer com que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que a gramática é a própria língua em uso. Isto muda também o conceito de gramática que será usado no ensino de língua materna, pois passa-se a ver como integrando a gramática tudo que é utilizado e/ou interfere na construção e uso dos textos em situações de interação comunicativa e não só conhecimento de alguns tipos de unidades e regras de língua restritas aos níveis morfológico (classe de palavras, flexão verbal e nominal e as categorias que elas expressam: gênero, número, flexão verbal modo, voz e aspecto) e sintático (termos da oração, tipos de orações e períodos, regras de concordância e regência, etc.) (TRAVAGLIA, 2000, p. 109).

Supostamente inserido nesse contexto, pode-se dizer que procuramos seguir a ordem do bem falar e do bem escrever, sendo assim prevalece o ensino da gramática normativa, com uma visão mais ampla, não somente se restringindo a regras gramaticais. Atualmente o que se procura enfatizar é a questão da leitura, pois além do conhecimento gramatical, se o aluno não prioriza o hábito da

leitura, não conseguirá se expressar de forma coerente tanto na parte de produção escrita quanto oral.

Para promover atividades visando ao domínio efetivo da linguagem, tanto na oralidade como na escrita, através do uso da própria linguagem, o professor deverá conhecer os resultados dos trabalhos científicos que vêm sendo feitos, principalmente no que se refere à questão da concepção de linguagem, da variação lingüística e do texto.(PARANÁ, 1994).

Para que tal proposta seja alcançada e alcancemos melhores êxitos no ensino de Língua Materna, é de grande valia o trabalho com a leitura, produção de textos e análise lingüística. Nesse caso, o centro do processo pedagógico deve estar voltado para o trabalho com o texto.

2.1 LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGÜÍSTICA

De acordo com Antunes (2003), para que se realize um processo de interação verbal, devem-se empreender os trabalhos com texto em sala de aula, a fim de que se possa buscar aquilo que se ensina e que se aprende. Uma atividade interativa, implica uma ação conjunta entre duas ou mais pessoas, cujas ações tenham a mesma finalidade. A oralidade e a escrita servem à interação verbal, sob a forma de diferentes gêneros. “Tanto a fala quanto a escrita podem variar, podem estar mais planejadas ou menos planejadas, podem estar mais, ou menos, cuidadas em relação à norma padrão, podem ser mais ou menos formais, pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos de uso.” (ANTUNES, 2003, p. 100).

No entanto, de acordo com esse contexto, oralidade e escrita caminham juntas no trabalho com textos. Sabe-se que os mesmos se desenvolvem a partir de um tema específico que surgiu de um determinado assunto. O aluno verifica, por meio da análise de um texto, os aspectos discursivo, textual e lingüístico, a fim de perceber os efeitos de sentido que transmitem ao discurso.

Dessa forma, podemos observar que a crise no ensino-aprendizagem de língua materna nos faz refletir como a gramática age no funcionamento da linguagem e como ela pode ser considerada um dos suportes que auxilia o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos, se trabalhada de

uma forma contextualizada. Sob tal enfoque, Travaglia (2000, p. 23) expõe que “a interação comunicativa se dá pela produção de efeitos de sentido entre os interlocutores, em uma dada situação de comunicação em um contexto sócio-histórico e ideológico”.

Cardoso (1999) ressalta a importância do conhecimento das três concepções de linguagem, por estar convencida de que a escola tem que alfabetizar, garantir o uso eficaz da linguagem em todos os níveis. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998), cabe à escola viabilizar o acesso ao universo dos textos que circulam socialmente, ou seja, gêneros diferenciados, ensinar a produzi-los e interpretá-los, para que seja possibilitado ao aluno ampliar o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, algo importante para a sua participação crítica em uma sociedade.

Conseqüentemente, os PCNs (BRASIL, 1998) preconizam que a prática de análise e reflexão sobre a língua é fundamental para a expansão da capacidade de produzir e interpretar textos. A partir dela, é possível explicitar saberes implícitos dos alunos, abrindo espaço à sua reelaboração, no caso da escrita, ou à discussão sobre diferentes sentidos atribuídos ao texto, no caso da leitura, e sobre elementos discursivos que validam ou não essas atribuições de sentido.

Quanto ao conceito de leitura, mediante a visão interativa, Perfeito (2005, p. 58) enfatiza que “a leitura é vista como co-produtora de sentidos”. A leitura propicia diferentes maneiras de ver, de avaliar o mundo e de reconhecer o outro. Dessa forma, a leitura deve ser praticada desde o período da alfabetização, na atribuição de sentido ao texto, dentro de um interacionismo dialógico, e nas relações com a intertextualidade, a fim de que o aluno possa multiplicar suas possibilidades e desenvolver seu senso crítico, a partir de sua experiência de vida.

Para a AD, a leitura é uma produção de sentido e a relação entre leitor e texto é fundamental. Essa relação não é direta, mas mediada por formações imaginárias. De acordo com Orlandi (2006) que estabelece a distinção entre leitor virtual e leitor real: o primeiro está inscrito no texto, é constituído no próprio ato da escrita. Trata-se do leitor imaginário, “aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. tanto pode ser um ‘cúmplice’ quanto um seu adversário” (ORLANDI, 2006, p.9).

No que se refere ao leitor real, Orlandi o define como “aquele que lê

o texto, se apropria do mesmo, já encontra um leitor aí constituído com o qual ele tem de se relacionar necessariamente”. (ORLANDI, 2006, p. 9). Ler é, pois, produto de uma prática histórica: social e ideológica. Tanto o leitor virtual quanto o real estão inscritos em formações discursivas, disto resultando a possibilidade, a dificuldade e a facilidade da leitura. Na busca do sentido, o leitor real tem de se relacionar com um texto que apresenta um leitor virtual inscrito nele: “o sentido não está nem no texto nem no leitor, mas na relação entre os dois”. (ORLANDI, 2006, p. 11). Portanto, o texto não é auto-significativo, muito menos acabado, pronto, produto, a não ser se tomado como objeto empírico.

No que tange à produção textual, entende-se que é um processo onde o aluno mobiliza recursos expressivos em função de seu conhecimento, pois é no trabalho com textos que o professor pode ter noção de como avaliar as dificuldades dos alunos. Sendo base do ato comunicativo, o texto é um processo para muitos autores. É o seu percurso que permite ir e vir, em busca da melhor forma de expressar-se com alguém, sobre algo, em uma dada situação e com determinado objetivo. Nessa produção estão inseridas as atividades que fortalecem a capacidade cognitivo-discursiva e lingüística de seus autores: a leitura crítica, a escrita com objetivo e leitor definidos, a compreensão e a interpretação, a reflexão sobre a própria linguagem.

No entanto, a dificuldade que os alunos enfrentam em relação à produção de texto escrito é causa de preocupação. Portanto, uma das soluções que pode mudar essa situação se traduz na busca dos professores por uma forma adequada, tanto lingüística quanto discursiva, para desenvolver as habilidades básicas na formação de cidadãos proficientes e críticos.

Em meio a essas razões que justificam essa procura, estão alguns questionamentos que permeiam o cotidiano em sala de aula e, além disso, o fato de os alunos, após todo o ensino fundamental, não conseguirem, em sua maioria, apresentar um resultado minimamente adequado ao domínio da leitura e da escrita. Os problemas surgem quando os alunos têm necessidade de se expressar formalmente e, segundo Antunes (2003), agravam-se no momento de produzir textos mais complexos, de gêneros especializados, já que um percentual considerável deles ainda não consegue, após vários anos de escolaridade, entender que há diferenças sócio-históricas marcantes entre falar e escrever.

Diante dessa discussão, além da leitura e escrita, ressaltamos a

análise lingüística como um outro processo que permita ao aluno se inteirar de diferentes gêneros discursivos (orais e escritos), que circulam em diversos domínios sociais, (esferas da atividade humana). Para Perfeito (2005, p. 60), entende-se por análise lingüística:

[...] o processo reflexivo (epilingüístico) dos sujeitos aprendizes, em relação à movimentação de recursos textuais, lexicais e gramaticais, no que tange ao contexto de produção e os gêneros veiculados, no processo de leitura, de construção e de reescritas textuais (mediado pelo professor).

Segundo Geraldi (1991), a análise lingüística se encontra no interior das práticas de leitura e produção textual, por meio de operações discursivas que constroem os sentidos. Todavia, o trabalho de análise lingüística é de grande prioridade, pois é por meio dos recursos utilizados (léxico, escolhas sintáticas, etc) que se constroem os efeitos de sentido pretendidos.

Ainda citando Perfeito (2005, p. 60), a análise lingüística pode ser levada a efeito em dois momentos, mais especificamente:

[...] na mobilização dos recursos lingüísticos-expressivos, propiciando a co-produção de sentidos, no processo de leitura; no momento da reescrita textual, local de análise de produção de sentidos; de aplicação de elementos, referentes ao arranjo composicional, às marcas lingüísticas (do gênero) enunciativas (do sujeito-autor), de acordo com o gênero(s) selecionado(s) e com o contexto de produção, na elaboração do texto. E, desse modo, oportunizar a maior abordagem de aspectos formais e da coerência (progressão retomada, relação de sentidos e não –contradição), sempre de acordo com a situação de comunicação, socialmente produzida.

Em se tratando de trabalhar com gêneros discursivos (e não textuais), Rojo (2005) afirma que “ambas as vertentes encontravam-se enraizadas em diferentes releituras da herança bahktiniana, sendo que a primeira – teoria dos gêneros do discurso – centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos”. Portanto, segundo a autora, essa vertente tende a selecionar os aspectos da materialidade lingüística, seguindo os parâmetros da enunciação, sem pretender esgotar a descrição dos aspectos lingüísticos, mas ressalta as marcas lingüísticas decorrentes ou produzidas pelas significações e temas de relevância no contexto.

Para Bakhtin (1997), separar a linguagem do seu conteúdo ideológico ou vivencial é um grande equívoco da lingüística formalista, mostrando que esta é influenciada pela filologia que se fundamenta em enunciações isoladas, fechadas e monológicas, por ignorar o contexto em que a enunciação ocorre. De

acordo com Rojo (2005, p. 196), os gêneros do discurso apresentam três dimensões essenciais e indissociáveis:

- os temas- conteúdos *ideologicamente conformados* – que se tornam comunicáveis (dizíveis) através do gênero;
- os elementos de estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero (forma composicional);
- as configurações específicas das unidades de linguagem, *traços da posição enunciativa do locutor* e da forma composicional do gênero (marcas linguísticas ou *estilo*).

Analisando a visão de Rojo, o centro organizacional de toda enunciação não é interior, mas exterior, situado no meio social onde está o indivíduo. Nesse sentido, não pode ser um fato individual, uma vez que é organizado fora dele, pelas condições determinadas pelo meio social. Assim, o autor define a elaboração da enunciação: “A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir é de natureza social [...]. Cada elo dessa cadeia é social, assim como toda a dinâmica de sua evolução” (BAKHTIN, 1997, p. 308-316).

Para Geraldi (1991), a análise lingüística não deve ser entendida como a gramática aplicada ao texto, mas como um deslocamento da reflexão gramatical, a fim de construir conhecimento e não reconhecer as estruturas. Emerge, portanto, a idéia de que a compreensão da língua não é um sistema abstrato de formas lingüísticas, mas a interação verbal que constitui a sua realidade fundamental. Para Perfeito (2005), considera-se que na concepção interativa de linguagem, o discurso, quando produzido, se manifesta por meio de textos e todo texto se organiza dentro de determinado gênero.

Dessa forma, existem sempre modos diferentes de falar, muitas linguagens, constituídas pelo extralingüístico, refletindo a diversidade da experiência social. Logo, podemos considerar a língua inseparável do fluxo da comunicação verbal, sendo transmitida, não como um produto acabado, mas como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal.

Assim, nas últimas décadas, sobretudo, a partir da Lingüística da Enunciação, da Análise do Discurso e da Pragmática, há uma mudança de enfoque no ensino de Língua Materna: a linguagem passa a ser vista como uma forma de interação, servindo para o indivíduo agir sobre o outro e sobre a linguagem, ou seja, para interagir. (KOCH, 2003).

No entanto, a partir dos anos 90 no Brasil, a prática da Escola Histórico-Crítica, aponta o professor não mais como um mero transmissor de informações, mas como um mediador do conhecimento. Nessa perspectiva, o aluno passa a ser um sujeito concreto, com sua história de vida, dentro de um contexto sócio-cultural. Já na prática pedagógica, há ênfase na construção de significados, na contextualização, no diálogo em sala de aula. Por sua vez, aquela visão em que somente a norma culta deve ser privilegiada vai sendo substituída pela eficácia e proficiência no uso das modalidades lingüísticas, nas diferentes situações de fala, adequadas ao contexto educacional do indivíduo.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1995, p. 123).

Para Geraldi (1991), não só a linguagem se constitui pelo trabalho dos sujeitos, como estes se constituem pelo trabalho lingüístico, em processo recíproco. Neste, dá-se uma ação própria da linguagem que limita e estabiliza formas de raciocínio e formas de compreensão do mundo. Por sua vez, as ações com a linguagem e as ações sobre a linguagem produzem a possibilidade de ir além desses limites, de forma que se repete a oscilação entre a estabilidade e a mudança. Esse autor defende que, em ambas, o trabalho lingüístico constrói uma e outra, tanto as possibilidades de raciocínio lógico-lingüístico quanto os sistemas de referência, ou seja, de acordo com Bakhtin (1995), sistemas ideológicos (moral, arte, religião, ciência), cristalizando-se em uma interação dialética constante.

Partilhando dessa mesma concepção, Geraldi (1991) afirma que a Língua e seu ensino, ao contemplar seu caráter evolutivo, identifica-se com o processo de viver e com o processo de interagir. O ensino de Língua Portuguesa, se não identificado com o meio social, torna-se mais um elemento excludente na escola, pois não se percebe seu reflexo na ação cidadã de compreender e interagir com a linguagem social do indivíduo

Sob a ótica bakhtiniana, é no fluxo da interação verbal que a palavra se concretiza como signo ideológico, que se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que ela surge. Dessa forma, o diálogo revela-se como a tessitura da vida pela linguagem. Assim, à medida que o

conhecimento é sistematizado, na interação dialética constante, as idéias e as experiências dos homens são difundidas textualmente.

É importante salientar que, na concepção de linguagem como interação, o uso lingüístico é visto com um processo histórico e social. Nessa concepção, o objeto de trabalho não é mais a palavra ou frases isoladas, mas sim o texto e toda a sua dimensão discursiva. Com base nessa idéia, Perfeito argumenta que:

[...] discurso, gênero e texto, e não mais possibilidades e explicação dos fenômenos básicos da frase, passam a ser considerados, aliados aos novos estudos sobre pensamento e linguagem, nos quais a prevalência e importância desta sobre aquele é (re)estabelecida (PERFEITO, 2005, p. 48).

Nesse contexto, o objetivo do ensino de línguas, segundo a concepção de linguagem como forma de interação, é desenvolver a competência comunicativa do aluno, levando-o a adequar o uso da língua às mais diversas situações e tendo como objeto de ensino o gênero, uma vez que ninguém se comunica somente por frases. Quando o indivíduo utiliza a língua de modo variado, automaticamente ele produz diferentes efeitos de sentido e procura adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita, o que contribui para a sua competência lingüística.

Assim, consideramos que, na concepção como forma interativa, o discurso, quando produzido, se manifesta por meio de textos e todo texto se organiza dentro de um determinado gênero, o qual, segundo os PCNs (BRASIL, 1998), torna-se objeto de ensino.

Sob essa ótica, a importância e o valor da linguagem são determinados historicamente segundo as exigências sociais de cada momento. A necessidade de atender a certas exigências obriga o sistema a rever os métodos de ensino e a constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução, ou seja,

um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. É o que aqui se chama de competência lingüística e estilística. (BRASIL, 1998, p. 23).

Desse modo, o ponto alto do desenvolvimento é a linguagem, é na construção dela que os indivíduos criam vida como sujeitos, é no interior das

formações social e ideológica que os discursos adquirem seu significado próprio. Nesse aspecto, “A língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se. A essência da língua, de uma forma ou de outra, resume-se à criatividade espiritual do indivíduo” (BAKHTIN, 1997, p. 289). Isto explica porque o texto pode ter confrontos de sentidos, rerepresentando pensamentos diversos.

Pode-se, então, afirmar que ninguém está certo ou errado, mesmo quando comete falhas gramaticais. A Língua Portuguesa não tem a função de julgar, mas de recontar a história do Brasil, seus hábitos e culturas. Assim, a língua reflete a imagem de seu falante, pois é um elo da identidade do povo brasileiro, considerando-se a história da língua portuguesa como um processo dinâmico. Sua evolução pode ser acompanhada por meio de sons, imagens, palavras, frases completas ou expressões desconexas.

2.2 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS)

A educação deve encarregar-se de propiciar o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, daí a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação da cidadania. Atualmente, há uma competição exacerbada entre os que disputam um espaço no mercado de trabalho, provavelmente em razão dos progressos e avanços tecnológicos, que reduziram a oferta de emprego. Como o mercado de trabalho impõe novas exigências, o sistema (educacional) exige uma revisão dos currículos, cuja função é orientar o trabalho cotidiano realizado pelos professores, especialistas e pesquisadores em educação no nosso país.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são elaborados com a intenção de ampliar e aprofundar um debate educacional que envolva escolas, pais, governos e sociedade, com o objetivo de melhorar cada vez mais a educação em nosso país e criar condições, nas escolas, que permitam aos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

O trabalho se faz com a participação de muitos educadores brasileiros com marcas de suas experiências e de suas pesquisas, com o fim de discussões pedagógicas atuais. Tais discussões se desenvolvem a partir de

documentos elaborados, por especialistas da educação e de outras áreas, além de instituições governamentais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 7-8) indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

<ul style="list-style-type: none">• compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo o respeito;
<ul style="list-style-type: none">• posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
<ul style="list-style-type: none">• conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais, e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
<ul style="list-style-type: none">• conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
<ul style="list-style-type: none">• perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
<ul style="list-style-type: none">• desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo, o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
<ul style="list-style-type: none">• conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade e relação à saúde e à saúde coletiva;
<ul style="list-style-type: none">• utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções situações de comunicação;

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; |
| <ul style="list-style-type: none">• questionar a realidade formulando problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. |

Uma das discussões mais freqüentes atualmente na área de educação engloba os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e seu reflexo no ensino. No que se refere à língua portuguesa, os PCNs (BRASIL, 1998) vêm apresentar propostas de trabalho que valorizam a participação crítica do aluno diante da sua língua e que mostram as variedades e pluralidade de uso inerente a qualquer idioma.

Entretanto, algumas idéias que aparecem nos PCNs (BRASIL, 1998) não são tão recentes, pelo contrário, são objetos de debates há décadas, como é o caso, por exemplo, dos pressupostos da Lingüística Textual. A reação dos profissionais de educação diante desse material não tem sido das melhores. As críticas, por vezes fundamentadas, abarcam desde o caráter dos parâmetros, considerados por alguns como impositivo e fora da realidade brasileira, até as teorias lingüísticas e pedagógicas que norteiam o texto. Nem sempre, porém, os críticos se voltam para o texto dos PCNs com o olhar de quem conhece a realidade da sala de aula e as necessidades dos alunos. É nesse aspecto que os PCNs colaboram na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Também nesses PCNs (BRASIL, 1998), na primeira parte, propõe-se a interdisciplinaridade, para que o aluno considere a língua em uma perspectiva mais ampla, e a relação da disciplina com os temas transversais que os norteiam (ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo); e, na segunda parte, constam informações sobre projetos, uso de tecnologia em sala de aula e critérios de avaliação. Esses aspectos, entretanto, não serão detalhadamente comentados, por considerar-se que eles se referem mais a questões gerais do que à área específica de Língua Portuguesa.

Na primeira parte, a Língua Portuguesa é apresentada como uma área em mudança no que se refere ao ensino, pois tem se passado do excesso de regras e tradicionalismo típicos das escolas para um questionamento de regras e comportamentos lingüísticos. Geralmente o texto é usado como pretexto para retirar

exemplos de “bom uso” da língua, descontextualizado e fora da realidade do aluno, mostrando uma “teoria gramatical inconsistente” (BRASIL, 1998, p.18).

No entanto, a perspectiva mais crítica de ensino de língua apresenta a leitura e a produção de textos como a base para a formação do aluno, mostrando que a língua não é homogênea, mas um somatório de possibilidades condicionadas pelo uso e pela situação discursiva. Assim, o texto é visto como unidade de ensino e a diversidade de gêneros deve ser privilegiada na escola.

O ponto de discussão dessa perspectiva de ensino de língua mais produtivo aparece no próprio texto dos PCNs onde “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva” (BRASIL, 1998, p. 23). É, portanto, na percepção das situações discursivas que o aluno poderá se constituir como cidadão e exercer seus direitos como usuário da língua.

Para que essa idéia possa ser aplicada, é necessário que o foco do ensino saia das regras pré-estabelecidas para se basear na análise de textos, visando à compreensão e produção. A novidade dos PCNs (BRASIL,1998) é a inclusão de textos orais no ensino de línguas, porque não é comum os livros didáticos e os professores enfatizarem a oralidade na sala de aula. Portanto, é a pluralidade de textos, orais ou escritos, literários ou não, que fará o aluno perceber como se estrutura a língua.

Outro aspecto importante, nesse contexto, é a importância do trabalho com textos produzidos pelos próprios alunos. As chamadas “redações”, geralmente textos sem objetivos e produzidos meramente como avaliação, passariam a ser material de apoio para os professores, uma vez que poderiam ser analisadas e utilizadas em sala para mostrar aos alunos que eles são produtores de textos e que a gramática não é algo tão abstrato. Sugere-se, então, que se refaçam os textos dos alunos como exercício de análise lingüística e prática textual. Assim, pode-se fazer uma reflexão sobre língua e linguagem e, comparando textos orais e escritos, dos mais diversos gêneros, o aluno vai percebendo as variações lingüísticas.

Com relação à segunda parte dos PCNs de ensino fundamental para terceiro e quarto ciclos, o que mais chama a atenção é a maneira como são apresentadas as diferentes práticas de trabalho com a linguagem, cujo objetivo é desenvolver no aluno:

[...] o domínio da expressão oral e escritas em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (BRASIL, 1998, p. 49).

Dessa forma, a prática de escuta de textos orais / leitura de textos escritos, a prática de produção de textos orais e escritos e a prática de análise lingüística formariam um tripé no qual se sustenta o ensino de língua portuguesa, funcionando como um bloco na formação dos alunos. Os conteúdos partem, portanto, de textos, sempre, conforme já foi dito, valorizando e destacando diferenças e semelhanças, fazendo com que o aluno discuta o que vê / lê para conseguir se sentir usuário da língua e participante do processo de aprendizagem. Em resumo, tem-se o princípio uso – reflexão – uso. (BRASIL, 1998, p. 65).

Quanto à prática de análise lingüística, ressalta-se, no texto dos PCNs, que ela não é um novo nome para o ensino de gramática, mas uma maneira de perceber fenômenos lingüísticos e relacioná-los aos textos.

Quando se pensa o texto como unidade de ensino, ainda que se considere a dimensão gramatical, não é possível adotar uma caracterização preestabelecida. Os textos submetem-se às regularidades lingüísticas dos gêneros em que se organizam e às especificidades de suas condições de produção: isso aponta para a necessidade de priorização de alguns conteúdos e não de outros (BRASIL, 1998, p. 78-79).

3 GÊNEROS DISCURSIVOS

Conforme posto, a atenção se volta para o trabalho com os gêneros, prova disso são os documentos oficiais que sinalizam e orientam para a importância dos gêneros como objeto de ensino.

Segundo Bakhtin (1997), denomina-se gênero discursivo “qualquer enunciado considerado isoladamente, é claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Os gêneros do discurso, segundo esse autor, são uma porta de acesso para a interação verbal entre os homens nas esferas sociais.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 279)

Dessa forma, ressaltamos a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que envolvem diferentes tipos de diálogos e as mais variadas formas de exposição científica e modos literários. Nesse sentido, os gêneros variam assim como a língua, a qual é viva e não estanca, ou seja, conforme Bakhtin (1997), toda manifestação lingüística se dá como discurso.

Foi Bakhtin, no começo do século XX, que mencionou a idéia de que os “tipos de textos” são incontáveis e que todos têm um conjunto de características relativamente estáveis que os diferenciam dos demais: tema, estrutura e estilo. Nada mais justo que diversificar os textos em aula.

Atualmente, parece haver um consenso na área de ensino de língua materna - se não efetivado nas práticas escolares, pelo menos verbalizado teoricamente - de que é necessário trabalhar com uma diversidade textual, na medida em que não existe um tipo de texto prototípico que possa “ensinar” a compreender e a produzir textos pertencentes a todos os tipos existentes (BARBOSA, 2000, p. 152).

Nesse sentido, percebe-se que há diversos “tipos de textos”, pois as comunidades lingüísticas são heterogêneas e nelas se encontram várias formas de linguagem, onde são verificados os efeitos de sentido que o texto produz de acordo com suas condições de produção.

A esse respeito, Brait (2000) discute as diferenças existentes entre gêneros discursivos e tipologias textuais, relacionando algumas conseqüências para o ensino de leitura e produção de textos. Com base teórica bakhtiniana, mas em diálogo com outras concepções que privilegiam o texto, a idéia em questão é enfatizar que :

Na medida em que o conceito de linguagem e de ensino privilegiados envolvem indivíduo, história, cultura e sociedade, em uma relação dinâmica entre produção, circulação e recepção de textos, os conceitos de gêneros discursivos e tipologias textuais, feitas as devidas diferenças e observado o diálogo constitutivo que os une, contribuem para um trabalho efetivo com a língua e a literatura, tanto no que diz respeito a suas estabilidades quanto instabilidades, provocadas pelas coerções do uso nas diversas atividades humanas em diferentes momentos históricos (BRAIT, 2000, p. 14).

Conforme Bakhtin, os enunciados e os gêneros do discurso são o resultado do produto social, e as ações comunicativas acontecem na sociedade, sendo a mesma a responsável pelos enunciados entrecruzados, que são os elos da cadeia do discurso comunicativo. Nesse sentido, a comunicação só é possível através dos gêneros discursivos. “Se não existissem os gêneros do discurso, se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos que construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.” (BAKHTIN, 1997, p. 302).

Rodrigues (2005) enfatiza que as idéias bakhtinianas têm provocado discussões teóricas e desenvolvimentos pedagógicos na área de ensino de línguas a partir de meados da década de 80. Nessa perspectiva, o conhecimento de Língua Materna redimensiona as composições vocabulares e estruturas gramaticais, enfocando enunciados concretos que produzimos e ouvimos nas comunicações discursivas, com as pessoas de nosso convívio.

A comunicação verbal na vida cotidiana não deixa de dispor de gêneros criativos. Esses gêneros do discurso nos são dados quase como é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. A língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical – não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam (BAKHTIN, 1997, p. 301).

Nessa abordagem, percebemos que, quando aprendemos a falar, estruturamos enunciados, portanto os gêneros do discurso organizam nossa fala da

mesma forma que organizam as formas gramaticais, entretanto modelamos nossa fala através dos gêneros.

Em decorrência, optamos nesse trabalho pela noção bakhtiniana de gêneros do discurso, pelo conceito de gênero como objeto discursivo ou enunciativo, por estarem fundamentados nos PCNs (BRASIL, 1998) de Língua Portuguesa e por centrar-se nas situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos (ROJO, 2005). As dimensões dos gêneros discursivos de Bakhtin (1997), já citadas anteriormente, são determinadas pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados e pela apreciação valorativa do locutor a respeito dos temas, do interlocutor e de seu discurso. Nesse aspecto, o objetivo é abordar as marcas lingüísticas que se refletem e se refratam no enunciado/texto,

Segundo Bakhtin (1997), em toda comunidade lingüística, os textos produzidos se distribuem em gêneros reconhecidos como tais; gêneros que têm, em geral, nomes que permitem designá-los, falar deles, avaliá-los, e que regulam em grande parte o comportamento de linguagem. Mais precisamente, e sempre com base em Bakhtin, podem-se definir três dimensões que formam a identidade de um gênero: o que é dizível por meio dele (o conteúdo temático), a forma de organização do dito (a estrutura composicional) e os meios lingüísticos que operam para dizê-lo (o estilo). A partir dessas dimensões, Rojo (2005, p. 197) afirma :

São elementos essenciais desta situação social mais imediata os parceiros da interlocução: o locutor e seu interlocutor, ou horizonte/auditório social, a quem a palavra do locutor se dirige. São as relações sociais, institucionais e interpessoais desta parceria, vistas a partir do foco da *apreciação valorativa* do locutor, que determinam muitos aspectos temáticos, composicionais e estilísticos do texto ou discurso.

Desta maneira, as relações dos parceiros da enunciação seguem uma estrutura organizada nos devidos lugares sociais, nas diferentes instituições e situações de produção de discursos, tanto nas esferas do cotidiano quanto dos sistemas ideológicos constituídos.

Segundo Machado (2005), em outra época, os gêneros eram classificados como formas poéticas: lírico, épico e dramático. Foi na literatura que se consagrou o gênero literário. Para Bakhtin (1997), os gêneros passam a ser focalizados como relações interativas, processos produtivos de linguagem. Há muitos gêneros híbridos, devido a algumas variabilidades e mobilidades discursivas nos gêneros prosaicos. A prosificação da cultura letrada pode ser considerada um

processo de grande evolução, pois é possível discutir idéias e criar senso crítico em relação ao mundo. Bakhtin (1997) discorre sobre a transmutação dos gêneros e a assimilação de um gênero por outro gerando novos.

De acordo com o exposto, as relações entre os parceiros da interlocução são determinadas pelas esferas comunicativas, que são divididas em dois grupos, de acordo com Bakhtin (1997), que distingue os gêneros primários (cotidiano), aqueles que não precisam ser ensinados na escola, dos secundários (comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita), esses gêneros exigem maior planejamento para serem usados. Precisam, pois, ser ensinados na escola para que os alunos possam dominá-los como instrumento de comunicação, indispensável para o exercício da cidadania.

De acordo com Brait e Melo (2005, p. 89), em relação à esfera de atividade humana, gênero e estilo:

[...] cada esfera conhece gêneros apropriados as suas especificidades. A esses gêneros correspondem determinados estilos. Uma dada função, seja ela científica, técnica, religiosa, oficial, cotidiana, somada às condições específicas de cada uma das esferas da comunicação, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. Aqui, sem dúvida, se pensamos no estágio atual da construção do conhecimento, em nossa cultura e nos círculos acadêmicos em geral, certamente saberemos apontar alguns gêneros e as coerções que determinam sua temática, sua forma composicional e seu estilo. Mas saberemos, também, em meio às estabilidades, apontar o que há de marca autoral em artigos, monografias, teses, aulas expositivas, seminários, conferências.

Nesse contexto, cada esfera conhece gêneros apropriados a suas especificidades, no entanto, a esses gêneros correspondem determinados estilos. Segundo os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), o trabalho com textos, via gêneros do discurso, é relevante, pois os textos se organizam sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero (BRASIL, 1998, p. 23). Pelo fato de os gêneros existirem em um número ilimitado, é necessário que a escola os priorize, de acordo com a necessidade dos alunos.

O gênero é fundamental na escola, visto que, segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 71), é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. No afã de favorecer a aprendizagem da escrita de textos, a

escola sempre teve contato com gêneros, mas restringiu seus ensinamentos aos aspectos estruturais ou formais dos textos.

Para Lopes-Rossi (2002), cabe ao professor, selecionar de acordo com sua turma os gêneros a serem desenvolvidos, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e lingüísticas de diversos gêneros para que eles tenham uma certa competência para desenvolver conhecimentos lingüísticos referentes ao léxico e à estrutura da língua. Nesse contexto, Bakhtin afirma:

São muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera [...] É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, (o intuito discursivo que livremente concebemos) (BAKHTIN, 1997, p. 303-304).

A idéia de introduzir gêneros discursivos como proposta para o ensino, oferece oportunidade ao aluno de ter contato com diferentes textos que circulam na sociedade. Segundo Lopes-Rossi (2002, p. 37), “a percepção do professor com relação às necessidades de seus alunos e às possibilidades de criação em sala de aula de um contexto adequado à produção de determinados gêneros o guiará as escolhas.”

Barbosa (2000), ao discutir os gêneros discursivos, afirma que sua eleição como objeto de ensino de Língua Portuguesa pode contemplar o complexo processo de produção e compreensão de textos e com isso fornecer parâmetros mais claros acerca do que se deve ensinar e avaliar. A partir dessa visão, considera-se que, na segunda etapa do ensino fundamental, os alunos possam se inteirar mais do que é recorrente nos gêneros, desde os textos mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana.

Utilizando as palavras de Bakhtin (1997), gêneros são modelos comunicativos e servem, muitas vezes, para criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para uma determinada reação. Importa aqui situar a questão de se trabalhar gêneros nas escolas, apontando a diversidade de possibilidades de observação, procurando saber diferenciá-los, tanto na oralidade quanto na escrita.

No que tange aos gêneros no contexto escolar, deveríamos manter nossas aulas mais dinâmicas, para que pudéssemos solicitar dos alunos um trabalho buscando como base seu conhecimento prévio, em situações discursivas de seu cotidiano e de outros contextos que desejamos explorar. É claro que tudo depende da motivação que investimos em nossos alunos e de que forma iremos propiciar as atividades. Posto isso, temos a consciência de que os alunos podem se tornar capazes de apresentar desempenhos de grande valia, desde que estejam inseridos em seu ambiente. Para Bazerman (2006):

[...] o gênero é uma ferramenta para descobrir os recursos que os alunos trazem consigo, ou seja, os gêneros que trazem de sua formação e de sua experiência na sociedade. É também uma ferramenta para definir os desafios que levarão os alunos a novos domínios até então não explorados por eles, mas não tão diferentes dos domínios que conhecem a ponto de serem ininteligíveis (BAZERMAN, 2006, p. 31).

Diante dessas considerações, vemos que a idéia de gênero como meio de articulação está relacionada às práticas de linguagem e de atividades de linguagem. Segundo Dolz & Schneuwly (2004), no que se refere às práticas de linguagem, implicam-se tanto dimensões sociais como cognitivas e lingüísticas do funcionamento da linguagem numa situação de comunicação particular. Nesse sentido, as práticas sociais “são o lugar de manifestações do individual e do social na linguagem” (BAUTIER, 1995, p. 203).

Quanto à atividade de linguagem, ela funciona como uma interface entre o sujeito e o meio e responde a um motivo geral de representação-comunicação, e sempre se origina nas situações de comunicação, desenvolvidas em zonas de cooperação social determinadas. Atribui-se às práticas sociais um papel determinante na explicação de seu funcionamento. Neste aspecto, a atividade pode ser definida como um sistema de ações, que produzem, compreendem, interpretam ou memorizam um conjunto organizado de enunciados orais ou escritos.

Nesse sentido, para Dolz e Schneuwly (2004), toda ação de linguagem opera em diversas capacidades por parte do sujeito: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades lingüístico-discursivas. Como dizem os autores, “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 74). Dessa forma, como os gêneros permitem a possibilidade de comunicação, estabilizam os elementos formais e rituais das práticas de linguagem.

Para definir um gênero como suporte de uma atividade de linguagem três dimensões parecem essenciais: 1) os conteúdos e os conhecimentos que se tornam dizíveis por meio dele; 2) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos reconhecidos como e pertencentes ao gênero; 3) as configurações específicas de unidades de linguagem, traços, principalmente, da posição enunciativa do enunciador e dos conjuntos particulares de seqüências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura. O gênero, assim definido, atravessa a heterogeneidade das práticas de linguagem e faz emergir toda uma série de regularidades no uso (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 75).

Partindo dessa idéia, é que se insere a questão da aprendizagem, mediante as práticas e as atividades de linguagem. Por meio delas, o aluno será capaz de construir seu próprio trabalho de produção escrita. Nesse sentido, o gênero passa a ser considerado um megainstrumento que fornece subsídios em várias situações de aprendizagem. A prática de linguagem fornece um ponto de vista contextual e social das experiências humanas (e do funcionamento da linguagem); as atividades de linguagem abrangem um aspecto psicológico para dar conta dos mecanismos de construção interna das experiências acumuladas pela sociedade no decorrer de sua história. “É através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 74).

Para Barbosa (2003), os gêneros são instrumentos que medeiam, dão forma, viabilizam a materialização de uma atividade de linguagem e fornecem pistas sobre o que e como ensinar de forma contextualizada.

Megainstrumento no sentido de que um gênero não só é um instrumento de uso da língua em si mesmo, como também traz dentro de si instrumentos menores: aspectos estruturais, formas gramaticais, etc. Apropriar-se de um gênero e relacioná-lo com seu(s) contexto(s) de produção é garantir grande parte do caminho andado na direção da mestria e domínio do seu uso, seja para atividades de compreensão, seja para atividades de produção, ou , ainda, para atividades de análise lingüística. (BARBOSA, 2003, p. 6).

Dessa forma, a escola pode ampliar e enriquecer seus programas curriculares, possibilitando ao professor o trabalho com diferentes gêneros discursivos como objeto de ensino. Neste contexto, o professor deve ter em mente que não existe só um tipo de texto, considerando que cada gênero supõe capacidades diferentes para sua compreensão e produção.

O trabalho com os gêneros leva em conta usos e funções numa situação comunicativa. Com eles, as aulas de Língua Portuguesa podem deixar de ter um caráter dogmático ou fossilizado, pois os alunos podem trocar experiências e construir conhecimento na interação com o objeto de estudo. Gêneros são tidos

como um valioso instrumento, pois abordam vários assuntos: “gênero dá forma a nossas ações e intenções” (BAZERMAN, 2006, p. 10), ainda segundo o autor:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar. (BAZERMAN, 2006, p. 23).

A partir disso, convém salientarmos que o gênero é um lugar de interação humana, onde obtemos novos domínios discursivos, a fim de fazermos uso da linguagem para as nossas atividades sociais, pois os gêneros são enunciados variados, múltiplos e heterogêneos. Assim, toda atividade lingüística acontece em forma de discurso, não isolada, mas provém de muitos outros discursos inseridos na sociedade.

Ainda citando Bazerman (2006, p. 29), “os gêneros constituem um recurso rico e multidimensional que nos ajuda a localizar nossa ação discursiva em relação a situações altamente estruturadas”.

Dolz Schneuwly (2004), para efeitos de organização do trabalho pedagógico, apresentam uma proposta de categorização por agrupamentos de gêneros em ordens ainda que incompleta e flexível, sujeita a incorporações de gêneros e de ordens e à discussão de hibridismos. A categorização, para fins pedagógicos, faz-se necessária, segundo os autores, em virtude da diversidade dos gêneros, seu número muito grande, praticamente inesgotável, tais como gêneros do narrar, do relatar, do argumentar, do expor e do instruir. Não querem dizer com isso que se esgotam as possibilidades de existência de gêneros para as diferentes práticas culturais e determinadas pelas sociedades em que se inserem os falantes da língua.

Perfeito (2005), ao retomar as idéias veiculadas pelos PCNs (BRASIL, 1998), reitera que o gênero deve ser tomado como objeto de ensino de língua e o texto, como unidade de ensino: elemento integrador. A proposta do agrupamento dos gêneros por ordens é definida pelos domínios sociais, aspectos tipológicos e capacidades de linguagem dominantes, conforme o quadro abaixo:

<p><i>Domínios sociais de comunicação</i> Aspectos tipológicos Capacidades de linguagem dominantes</p>	<p>Exemplos de gêneros orais e escritos</p>
<p><i>Cultura literária ficcional</i> Narrar Mimeses da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil</p>	<p>conto maravilhoso conto de fadas fábula lenda narrativa de aventura narrativa de ficção científica narrativa de enigma narrativa mítica <i>sketch</i> ou história engraçada biografia romanceada romance romance histórico novela fantástica conto crônica literária adivinha piada</p>
<p><i>Documentação e memorização das ações humanas</i> Relatar Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo</p>	<p>relato de experiência vivida relato de viagem diário íntimo testemunho anedota ou caso autobiografia <i>curriculum vitae</i> ... notícia reportagem crônica social crônica esportiva ... histórico relato histórico ensaio ou perfil biográfico biografia ...</p>
<p><i>Domínios sociais de comunicação</i> Aspectos tipológicos Capacidades de linguagem dominantes</p>	<p>Exemplos de gêneros orais e escritos</p>
<p><i>Discussão de problemas sociais controversos</i> Argumentar Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição</p>	<p>textos de opinião diálogo argumentativo carta de leitor carta de reclamação carta de solicitação deliberação informal</p>

	debate regrado assembléia discurso de defesa (advocacia) discurso de acusação (advocacia) resenha crítica artigos de opinião ou assinados editorial ensaio ...
<i>Transmissão e construção de saberes</i> Expor Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	texto expositivo (em livro didático) exposição oral seminário conferência comunicação oral palestra entrevista de especialista verbete artigo enciclopédico texto explicativo tomada de notas resumo de textos expositivos e explicativos resenha relatório científico relatório oral de experiência ...
<i>Instruções e prescrições</i> Descrever Ações Regulação mútua de comportamentos	instruções de montagem receita regulamento regras de jogo instruções de uso comandos diversos textos prescritivos

Quadro 1 - Proposta provisória de agrupamento de gêneros

Fonte: Dolz e Schneuwly , 2004, p. 60-61.

Mediante essas categorias, privilegia-se nesta dissertação o gênero discursivo crônica jornalística, da ordem do relatar, o qual está cada vez mais presente nas aulas e manuais de línguas, não só no Brasil mas também em outros países (o que demonstra a influência da mídia no mundo em geral e uma prática de letramento presente e difundida entre vários povos). Considerando-se que os gêneros jornalísticos apresentam uma grande relevância social, as pesquisas desse tipo podem trazer subsídios não só para os profissionais da área do jornalismo, como também para a educação e formação do cidadão crítico.

Segundo Bazerman (2006), o gênero é uma ferramenta para descobrir os recursos que os alunos trazem consigo, ou seja, os gêneros que trazem de sua formação e de sua experiência na sociedade. É também uma ferramenta para definir os desafios que levarão os alunos a novos domínios até então não explorados por eles, mas não tão diferentes dos domínios que conhecem a ponto de serem ininteligíveis.

Diante dessa abordagem, o gênero discursivo dentro da concepção bakhtiniana repercute no processo de interação verbal, não apenas por palavras, mas por linguagens da comunicação, seja dos ritos ou das mediações tecnológicas. Ao valorizar as esferas de usos da linguagem, abriu-se caminho para as realizações que vão além do domínio da voz, tais como os meios de comunicação de massa e as mídias eletrônico-digitais.

Um dos objetivos deste trabalho é justamente a análise lingüística na leitura do gênero crônica jornalística, como objeto de ensino, possibilitando com essa amostragem um novo caminho interpretativo da linguagem.

4 A HISTORICIDADE DA CRÔNICA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Saber um pouco mais sobre o papel da crônica como gênero jornalístico e literário é um dos principais pontos discutidos neste capítulo. Incluem-se observações sobre a história e o papel do gênero, quando apresentado em um veículo de comunicação no jornal impresso. Os cronistas, “historiadores das coisas miúdas”, foram e ainda são de extrema importância para os leitores de um modo geral.

De acordo com o exposto, foram escolhidas para este trabalho as crônicas jornalísticas do colunista-humorista José Simão da Folha de São Paulo, pelo fato de as mesmas servirem para atenuar o impacto de notícias desagradáveis, pois a estrutura de sua linguagem e os recursos estilísticos usados possibilitam a construção do efeito humorístico. Vale lembrar, no entanto, que a intenção não foi fazer uma biografia do autor escolhido, e sim, mostrar suas atuações através da análise de seus textos.

Segundo Melo (2005), a crônica é um gênero do jornalismo contemporâneo, cujas raízes localizam-se na história e na literatura, constituindo suas primeiras expressões escritas. Na literatura, a crônica afigura-se como texto primário, produzido por espectadores privilegiados. A crônica histórica assume, portanto, o caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomando como fonte de referência as informações reunidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares. A intenção é explicitamente resgatar episódios da vida social para o uso da posteridade, impedindo, segundo Heródoto (apud MELO, 2005, p. 140), “que as ações realizadas pelos homens se apaguem com o tempo”.

No princípio, a crônica teve uma função histórico-narrativa; em Portugal, no século XV, Fernão Lopes destacou-se escrevendo a história de seu país, foi o cronista-mor do reino. No século XVI, o gênero, com feição mais descritiva, abarcava as crônicas de viagens dos autores que, deslumbrados com o novo continente, tentavam passar o que viam, da maneira mais documental possível, para o leitor europeu. É desta época nossa crônica mais famosa: a carta de descobrimento do Brasil (HARTUIQUE, 2003).

Para Bender e Laurito (1993, p. 15), a crônica jornalística dos dias

de hoje teve sua origem no folhetim francês do século XIX, que se destinava a entreter o leitor e a lhe dar uma pausa para o descanso, “em meio à enxurrada de notícias graves e pesadas que ocupavam [...] as páginas dos periódicos”. A palavra “crônica” permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos.

Nessa perspectiva, a palavra grega *chronos* significa “tempo” (BENDER; LAURITO, 1993, p.15). Na mitologia clássica, o deus Cronos é a personificação do tempo. A palavra crônica não deixa de radicar-se no sentido original de cronos (tempo). Porém, este termo mudou de sentido em sua evolução, mas não perdeu o vínculo com o sentido etimológico de sua formação. Em sua acepção atual, crônica é o enfoque dos fatos do dia-a-dia. Assim, a palavra crônica pode significar tanto notícias do mundo, como eventos culturais, informes sobre saúde ou língua, conversas com o público no sentido de resolver dúvidas ou problemas, narrativas históricas, notícias e/ou comentários esportivos, notícias sociais. Desta lista, exclui-se “o tecido textual do cronista literário”.

É interessante que, em uma vasta bibliografia, são várias as definições para a crônica, principalmente aquela encontrada nos jornais e revistas. Existe quem a considere subliteratura; outros, soma de jornalismo e literatura. Enfim, ela é mesmo um gênero não satisfatoriamente identificado. Todavia, perturbador, atraente e gratificante ao mesmo tempo.

Da História e da Literatura, a crônica passa ao jornalismo, sendo um gênero cultivado pelos escritores que ocupam as colunas da imprensa diária e periódica para relatar os acontecimentos pessoais. “O característico da verdadeira crônica é a valoração do fato ao tempo em que se vai narrando. O cronista, ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento; põe em sua narração um toque pessoal” (MELO, 2005, p. 141).

Nesse sentido, de uma forma bem genérica, a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, cuja função é a de ser uma espécie de avesso, do negativo da notícia. Cada notícia procura a todo custo convencer o leitor de que determinado fato é importante, crucial. Contudo, na notícia ou artigo assinado, o propósito é fazer o leitor se incomodar, tomar partido, exigir soluções, etc. O propósito da crônica é fixar um ponto de vista individual, externo aos fatos, externo ao próprio jornal. (MELO, 2005).

Em relação ao exposto, percebe-se que a crônica é um gênero

indefinível, caracteriza-se pela ambigüidade que não aparece nos outros gêneros. O cronista na coluna do jornal tem toda uma certa liberdade que permite que ele retrate uma realidade que ele vê e expõe em sua linguagem.

Sobre a posição da crônica no jornal, Medeiros (2003) afirma que apenas esporadicamente ela aparecia nos suplementos literários, pois seu lugar era quase sempre no primeiro caderno, na página do editorial. O percurso da crônica foi do rodapé no século XIX para a vizinhança do editorial e das colunas dos articulistas.

Para Alves (2006), a crônica também se apropria da realidade do cotidiano, como o jornalismo factual, mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências. Nutre-se do mundo real, alimenta-se dele, é nele que o cronista vai buscar inspiração, é nele que encontra assuntos para escrever um texto por dia. Sem esse alimento, a crônica correrá o risco de se tornar apenas algo banal.

Por pertencer ao jornalismo e à literatura, a crônica se caracteriza por uma ambigüidade que não aparece nos outros gêneros. Até onde vai o jornalista, onde começa o escritor? [...]. por jornalismo literário não se deve entender o jornalismo que se ocupe de assuntos literários; e sim o que se caracteriza pela potência literária do jornalista -escritor. Um característico relativamente fácil de ser captado: contanto que se dê tempo ao tempo (BENDER; LAURITO, 1993, p. 50).

Como se percebe, a crônica é um gênero de classificação ambígua. Escreve fatos do cotidiano. É um gênero que mistura o épico e o lírico, focaliza façanhas de heróis ou mostra a felicidade e sensibilidade de pessoas bastante comuns, e pode ter caráter jornalístico.

Nesse aspecto, não importa se o assunto tratado na crônica é política, polícia ou esporte. O que vale no texto é o que o cronista capta em um breve instante, ou seja, são os pequenos momentos que fazem parte da condição humana, não copiados do real, mas recriados pelo autor e que possibilitam ao leitor aprender a ler na história "inventada ou recriada" a sua própria história, da qual ele mesmo faz parte.

É fato que há uma crença de que a crônica seja um gênero fácil de escrever, ou até um gênero menor de ficção, sem comprometimento do autor. Segundo Bender e Laurito (1993, p. 27-28), "esse suposto descompromisso do cronista - sujeito comprometidíssimo com o seu ofício - não implica mediocrização do texto"; trata-se de artifício para atrair o leitor.

Hartuique (2003), questiona: a crônica é um gênero ligado ao jornalismo ou à literatura? E cita Bender e Laurito (1993, p. 53), que afirmam que “o exercício da crônica pode permitir ao prosador que seja também poeta, ao jornalista que seja filósofo ou místico, ao contador de casos que seja um historiador do cotidiano ou um trágico que a ela se dedique”, uma vez que, ao falar do cotidiano, o cronista acaba incluindo, em seus textos, seus sentimentos. No que se refere à forma, ele se utiliza dos vários modos de organização do discurso: modo enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo, sem que haja o predomínio de um sobre os demais. A crônica mistura gêneros discursivos e tem por característica essa ambigüidade.

Hartuique (2003) cita a proposta de classificação de textos, de Carneiro (1996, p. 67-69), que emprega, para tal, as propostas da Retórica Clássica de Aristóteles para os gêneros literários e a classificação das funções da linguagem de Jakobson. No caso da crônica, a autora questiona se ela se enquadraria na função criativa (dos gêneros literários clássicos) ou na função interativa (diversos textos: didáticos, informativos, fáticos, normativos, exortativos, divinatórios, emotivos). Ela conclui, pela análise da crônica que constitui o *corpus* de seu trabalho, que se trata de texto ambíguo, pois pode exercer tanto a função criativa quanto a interativa.

De acordo com Hartuique (2003), esse *texto* mais se aproxima de uma conversa, que é, sem dúvida, o texto mais livre das classificações tipológicas.

Segundo Medeiros (2003), são inúmeros os escritores que escrevem na imprensa; são muitos os cronistas presentes nos jornais. Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. Nesse caso, cada cronista tem seu estilo peculiar, inclusive quanto à escolha do tipo de texto a que se dedica mais, pode usar sua produção para uma autocrítica, mas já se sabe humilde e consciente de sua simplicidade.

Medeiros (2003) conclui que a crônica é difícil de ser caracterizada, até porque é polimórfica, como o espaço a ela destinado. A crônica vai tendo suas marcas fixadas a partir da forma como é escrita em confronto com o que seriam as marcas do local onde se instala: o jornal, entretanto a crônica vai sendo definida em oposição a algumas das ilusões características do discurso jornalístico.

Ainda hoje há a relação da crônica e o jornalismo. Os jornais ainda publicam crônicas diariamente, mas seu aspecto literário já é indiscutível. O próprio fato de conviver com o efêmero propicia uma comunicação que deve ser reveladora, sensível, insinuante e despretensiosa como só a literatura pode ser. É uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história.

No Brasil, a crônica se consolidou por volta de 1930 e atualmente vem adquirindo uma importância maior em nossa literatura graças aos excelentes escritores que resolveram se dedicar exclusivamente a ela, como Rubem Braga e Luís Fernando Veríssimo, além dos grandes autores brasileiros como Machado de Assis, José de Alencar e Carlos Drummond de Andrade, que também resolveram se dedicar seus talentos a esse gênero. Tudo isso fez com que a crônica se desenvolvesse no Brasil de forma extremamente significativa (ALVES, 2006).

Hoje, porém, quando se fala em crônica, logo se pensa num gênero muito diferente da crônica histórica. Agora se trata simplesmente de um relato ou comentário de fatos corriqueiros do dia-a-dia, fatos de atualidade que alimentam o noticiário dos jornais desde que se tornaram instrumentos de informação de grande tiragem, no século passado. A crônica virou uma seção de jornal ou da revista. Para que se possa compreendê-la adequadamente, em seu modo de ser e sua significação, deve ser pensada, sem dúvida, em relação com a imprensa, a que esteve sempre vinculada sua produção.

De acordo com o exposto pela teoria de Dolz e Schneuwly (2004) da ordem do relatar, o gênero crônica jornalística parte de um conceito de jornalismo de onde se exclui o relato poético, em detrimento da própria prática jornalística. A crônica transmite ao leitor seu juízo sobre fatos, idéias e estados psicológicos pessoais e coletivos. Conforme Coutinho (1965), a crônica jornalística pode ser definida como uma composição em prosa, breve, que tenta ou experimenta interpretar a realidade à custa de uma exposição das reações pessoais do artista frente ao assunto de experiência, podendo assim ser considerada um gênero elástico, flexível e livre, que permite maior liberdade no estilo, no assunto e no método.

Assim como os demais gêneros jornalísticos, a crônica está intimamente relacionada à atualidade, mas diferentemente do jornalismo mundial, que vincula o termo “crônica” à narração de fatos de forma cronológica, como

documento produzido por cronistas e legitimado pela literatura que a recolheu como representativa da expressão de uma determinada época no Brasil.

Sob tal ótica, percebe-se que a crônica pretende fazer o leitor pensar sobre os mais diversos temas corriqueiros que, muitas vezes, escapam aos olhos do leitor comum. O subjetivismo do autor é marca do gênero e o seu exercício é definitivamente o que vai aproximar o público do cronista. Enquanto o jornalismo tem no fato o seu objetivo, seja para informar divulgando-o, seja para comentá-lo dirigindo a opinião, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, das coisas, dos seres. O cronista é um solitário com ânsia de comunicar-se.

De acordo com Arrigucci Júnior (1987), a crônica, quase sempre parte de um flagrante do cotidiano, é um gênero aberto, que admite tanto a narração como o comentário. É considerado também o casamento entre o jornalismo e a literatura, que produziu grandes cronistas-escritores. Outro aspecto interessante é que o cronista pode estar à distância dos fatos, já que a crônica exige um estilo dinâmico de escrever, pois ela pede um tipo de relato em que o autor não precisa estar presente quando se dá o episódio, para relatá-lo, podendo recriá-lo pela invenção.

Conforme já exposto, a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios lingüísticos de penetração e organização artística: é que nela se afloram em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal é um dos instrumentos (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1987).

Podem ser encontrados na crônica os mesmos recursos estilísticos dos outros gêneros. Linguagem metafórica, alegorias, repetições, antíteses, paradoxos, gradação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, diminutivos afetivos, aumentativos depreciativos, suspense... tudo que a elaboração literária permite pode estar lá, naquele texto, jornalístico também, aparentemente desprezioso, que parece ao leitor ser fácil, pois "é só passar para o papel o que a gente pensa ou fala!". Mas é arte e depende de talento (BENDER; LAURITO, 1993, p. 76).

Segundo Bender e Laurito (1993), o cronista é um “equilibrista do cotidiano”, pois ele transfere a seus textos acontecimentos do cotidiano, com uma linguagem livre, mais aberta e cria uma certa intimidade com o leitor, fazendo-o refletir sobre vários fatos comuns da vida.

Portanto, a crônica é um artigo de jornal que, em vez de relatar ou comentar acontecimentos do dia, oferece reflexões sobre literatura, teatro, política, acidentes, crimes e processos, e sobre os pequenos fatos da vida cotidiana, enfim, sobre todos os assuntos. A crônica sempre se prende à atualidade, mas sem excluir a nostalgia do passado. Pode ser tendenciosamente crítica, mas sem agressividade. Costuma misturar sentimentalismo e humorismo. Trata-se de um gênero que, embora jornalístico, pertence (ou pode, pelo menos, pertencer) à literatura.

Para tanto, a crônica se enquadra também na sociologia da literatura e tem importância notável para a situação material dos escritores, muitos dos quais não poderiam sobreviver sem escrever crônicas, enquanto outros as escrevem por vocação. Por esse motivo, a crônica é gênero cultivado por tão grande número de escritores que sua história completa equivaleria a um corte transversal através das literaturas ocidentais dos séculos XIX e XX.

4.1 A IMPRENSA NO BRASIL

A Colônia portuguesa era decadente e não tinha qualquer tipo de imprensa, os jornais que vinham para o Brasil eram produzidos na Inglaterra e chegavam com, pelo menos, 30 dias de atraso, pois vinham de navio. O primeiro jornal brasileiro foi o Correio Brasiliense com uma tiragem de 200 a 800 exemplares e tinha reflexões sobre a política brasileira.

Surge também a Gazeta do Rio de Janeiro (trabalhando para o governo). Com o advento da independência, em 1822, e a nova Constituição (1824), surgem os debates: Monarquia ou República? O país não tinha qualquer tipo de tecnologia, muito menos papel que tinha de ser importado. Os jornais nasciam e a maioria eram folhetins. Somente a partir de 1850, os jornais brasileiros começam a se modernizar, tendo como base os padrões franceses e ingleses. Porém, somente com o advento de Canudos e da Guerra do Paraguai, é que se pôde ver um pouco

mais de consumo de jornal no Brasil.

Os baixos índices de leitura do povo brasileiro justificavam a falta de consumidores e, além do mais, os jornais eram vendidos por assinatura, que era muito cara. Somente após a segunda década do século XX, teremos o advento dos jornais que hoje são conhecidos do nosso dia-a-dia. Em 1921, nasce a Folha de São Paulo, 1925. O Globo e o Diário de São Paulo. Grande parte desse impulso se deu com o processo de modernização e renovação cultural através da Semana de Arte Moderna (1922).

O surgimento do Rádio no Brasil tem o papel de nacionalizar as informações, pois os jornais escritos circulavam apenas na “Corte”. Neste período nasce a primeira escola de Jornalismo em Nova York (1908), e com isto começa a ser empregado o estilo americano com “lead” (o que, como, onde, quando e por que), onde o redator começa a tratar as matérias com um padrão gostoso, direto e objetivo. Por volta dos anos 50, nascem os manuais de redação.

O Brasil conta hoje com 400 diários (jornais) com cerca de 8.000.000 de exemplares diários durante a semana e 12.000.000 aos domingos, que é um número bastante pequeno. Como dado comparativo, a Argentina, que tem um quinto da nossa população, tem a mesma tiragem do Brasil.

As agências de informação são fechadas e formam verdadeiros monopólios, vinculados aos veículos de comunicação arrendados a terceiros. As televisões estão fundamentadas em verdadeiros oligopólios.

A Rede Globo com cerca de 45% da audiência, 200 emissoras e 75% do faturamento publicitário está em 1º lugar neste patamar. Em 2º, vem o SBT, em 3º a RECORD, em 4º a REDE TV, em 5º a BANDEIRANTES.

No setor de jornais escritos, o domínio é de família, sendo que a maioria dos diários brasileiros tem uma tiragem entre 15.000 e 45.000 exemplares e vivem principalmente às custas de publicidades oficiais dos governos municipais, estaduais e federais.

A notícia se constitui numa cadeia de gêneros discursivos que podem ser entendidos a partir dos recursos próprios da edição do jornal, tais como: título, imagens (fotografias, ilustração, infografia, selo, charges). A edição pode, também, exigir recursos gráficos (olho, linha) que também se enquadram como gêneros discursivos. Além disso, é da notícia que surgem outros gêneros como a crônica, o comentário, a análise, a crítica, a opinião. No jornal impresso diário, na

maioria absoluta das vezes, esses são gêneros que se originam depois da notícia, a qual, por sua vez, “nasceu” depois da informação.

Os jornais diários Folha de São Paulo, O Globo, O Dia, O Estado de São Paulo, Diário Popular, além da divisão em editoriais e cadernos temáticos mencionados acima, apresentam ainda outras seções de conteúdo jornalístico porém não-noticioso.

Não se pode esquecer de que o jornal é feito pelos jornalistas (empresa) e comprado (pelo leitor). Se o leitor não gostar do jornal, ele não compra e a troca acaba (não existe comunicação). O jornal deixa de existir. Enfim, é necessário evidenciar que não há nenhuma idéia ingênua descartando o fato ideológico e de jogos de interesse pessoal (do jornalista ou grupo que ele tem condições de representar). Sob esse ponto de vista, para se alcançar a dinâmica ideológica é preciso lançar para o jornal um olhar cibernético não apenas como controle, mas também como forma de organização e manutenção de uma ordem de coisas.

4.2 FOLHA DE SÃO PAULO

A Folha de S. Paulo, ou simplesmente Folha, é um jornal Brasileiro editado na cidade de São Paulo. É o jornal de maior circulação do Brasil, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC). Ao lado de O Estado de São Paulo, O Globo e Jornal do Brasil, a Folha é um dos jornais mais influentes do país. Tem um formato Standard com sede em São Paulo (SP), e com circulação no Brasil.

Os assinantes do jornal citado, em geral, são pessoas com um certo nível cultural a fim de saber discernir as várias informações nele inseridas. Fundado em 19 de fevereiro de 1925, com o nome original de Folha da Manhã, por Olival Costa e Pedro Cunha, o jornal foi comprado na década de 1960 pelos empresários Octavio Frias Oliveira e Carlos Caldeira Filho, quando o mesmo foi rebatizado. No início da década de 1990, a Folha começou a investir na criação de novos produtos e suplementos dentro do jornal, como a Revista da Folha, o caderno Folhateen e a TV Folha. Tendo como aliada uma grande campanha publicitária, em que o próprio diretor de redação Matinas Suzuki aparecia na TV anunciando as novidades do

jornal, a Folha passou a liderar as vendas em São Paulo, superando o Estado de São Paulo.

O jornal impresso diário apresenta uma estrutura própria, particular, que o determina, fazendo com que ele seja diferente de qualquer outro veículo. Tal estrutura se concentra num núcleo textual que é a notícia. Porém, o ponto de partida para a compreensão do jornal como sistema semiótico é a definição de sua estruturalidade a partir da informação. Dela resulta a notícia que, por sua vez, é o foco gerador que estará sempre presente nas mais variadas formações textuais do jornal impresso: os assim chamados gêneros discursivos. Neles reside a noção de jornal como sistema modelizante. Portanto, para o jornal ser jornal é, antes de mais nada, necessário que haja informação, mas não qualquer informação, mas sim a narração resumida dessa informação, tendo como princípio o novo, aquilo que não é conhecido do público-leitor. A novidade é o motor do jornal e do jornalismo.

4.3 A CRÔNICA E OUTROS GÊNEROS QUE APARECEM NUM JORNAL

De acordo com Barbosa (2001), um jornal sempre visa interessar seus leitores para que possa obter maior tiragem e, portanto, maior lucro. Por isso, além de informar, o jornal também comenta os fatos ocorridos, veicula opiniões, fornece outros tipos de serviço a seus leitores, procura diverti-los etc. Um jornal não vive só dos episódios acontecidos no dia anterior, mas também da discussão, do debate e da análise de fatos ou situações que estão acontecendo, já aconteceram ou que possam acontecer.

Como sabemos o jornal comporta variada gama de gêneros discursivos conectados pelos lides da primeira página, propicia ao leitor definir o fluxo de sua leitura, sem se prender a uma seqüência linear. Transita, no texto jornalístico, significativa parcela de vozes e discursos, estabelecendo uma relação dialógica autor- texto- leitor, preenchendo, assim, a função social da leitura (Barbosa, 2001).

A não-linearidade pode ser observada na esfera jornalística, que possui uma estratégia de organização textual composta por muitos gêneros: o informativo, o opinativo, as cartas do leitor, a crônica, o editorial, etc. Importante

destacar, ainda, que cada um desses gêneros trata de assuntos diferentes, como já foi dito anteriormente, mas interligados pela trama do cotidiano.

Os gêneros veiculados pela esfera jornalística são essencialmente interativos. O jornal é um agente provocador e circulador de significados, com grande potencial. Do ponto de vista da especificidade da mídia contemporânea, podem-se enumerar os seguintes requisitos exigidos pelo texto jornalístico: popular, polissêmico, social, persuasivo, convencional, realista e intertextual.

Mediante esse contexto, fortalece-se a visão de que os textos não são enunciados independentes, mas uma cadeia de enunciados que se complementam entre si, indicando a necessidade de se trabalhar, na escola, com textos numa perspectiva intertextual engajada, questionadora e responsiva, o que vem a caracterizar a leitura crítica. Em segundo lugar acreditamos que a leitura realizada numa concepção dialógica mediada pela noção de gênero discursivo poderia proporcionar a construção de repertórios de textos pertencentes a cada gênero. O conhecimento intertextual e discursivo propiciaria a apresentação do modo específico de organização dos enunciados de cada gênero.

A leitura dos gêneros da esfera jornalística numa perspectiva intertextual e hipertextual permite que os alunos interajam com textos mais próximos do seu contexto social. Dessa forma, abordaremos o gênero crônica no âmbito jornalístico, para poder distingui-lo e analisá-lo com o propósito de buscar o gosto pela leitura, e possibilitar o diálogo com outros textos, outras vozes.

Na literatura, a crônica afigura-se como texto primário, produzido por espectadores privilegiados, os viajantes ou epistológrafos, que traduzem para leitores distantes as suas impressões de paisagens vistas e gentes conhecidas.

Quanto à crônica jornalística, Martin Vivaldi apud Melo, 2005, p. 141) “explica que a determinação se torna necessária para diferenciá-la de “outras crônicas”, anteriores e posteriores ao jornalismo como atividade de comunicação social”. O característico da verdadeira crônica é a valoração do fato ao tempo em que se vai narrando. De forma bem genérica, a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal. Sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia.

Uma das afirmações recorrentes nos estudos teóricos pós-modernos é a de que tanto a literatura como a história são construtores lingüísticos “altamente convencionalizados em suas formas narrativas”, assim como nada transparentes e

marcadamente intertextuais. Desde os estudos de Bakhtin (1997), destacou-se a importância do estudo de textos na área das ciências humanas. Na visão do autor, as ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). A função do cronista, evidencia o quanto as nossas memórias discursivas, textuais formam verdades, conceitos e instituem a legitimação de saberes, crenças, certezas, dúvidas e toda a possibilidade de produção de sentidos que sustenta a condição humana.

Portanto, na realidade, esse narrador dá corpo a um verbo que aglutina pólos importantes de significação do romance: o ato de buscar e o percurso daquele que, ao mostrar como construiu a narrativa e as personagens, desloca o olhar dos leitores em direção a um foco em processo de deslizamento constante. Nesse sentido, se a literatura no século XIX sustentou-se pelo exercício de sua função enciclopédica, trazendo respostas e explicações no domínio discursivo às comunidades de leitores, provavelmente pela não popularização ainda do discurso científico em grande escala; em fins do século XX, constituído pela e na linguagem.

No Brasil, por exemplo, com tão escassos conhecimentos sobre a história das outras comunidades, até mesmo nas de língua portuguesa, a literatura ainda aciona funções do século XIX, ao mesmo tempo em construção dos saberes e o quanto esses procedimentos engendram leitores e suas leituras. No próximo capítulo abordaremos algumas crônicas de José Simão, as quais serão analisadas a partir das categorizações do gênero em pauta, focando principalmente as marcas lingüístico-enunciativas com as marcas do autor (estilo).

5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada no estudo em questão é a pesquisa qualitativa de cunho analítico-descritivo, pois visa à perspectiva interpretativa. O estudo em pauta surgiu das discussões e trabalhos desenvolvidos no Projeto de Pesquisa em Lingüística Aplicada – “Escrita e ensino gramatical: um novo olhar para um velho problema”, desenvolvido e coordenado pela professora doutora Alba Maria Perfeito. O referido projeto tem como preocupação o professor de língua portuguesa, focaliza a formação do mesmo e principalmente o trabalho com análise lingüística. Nesse processo de discussões, o gênero discursivo é considerado objeto de ensino, eixo de articulação e progressão curricular e é estudado e analisado a partir dos textos, que são os articuladores de três práticas: leitura, produção de textos e análise lingüística.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Pretende-se, através dessa análise, colaborar para o ensino de língua materna, buscando aportes teóricos através de um encaminhamento teórico-metodológico com o domínio da língua oral e escrita, fundamentando-se na concepção dialógica de Bakhtin, trabalhando os gêneros do discurso a fim de suscitar novos caminhos para o trabalho pedagógico com a linguagem verbal, com uma nova abordagem para o ensino de Língua Portuguesa.

Para isso, utiliza-se da pesquisa de caráter qualitativo-interpretativo, a qual apresenta como características, segundo Moreira:

[...] foco na interpretação [...]; ênfase na subjetividade [...] orientação para o processo e não para o resultado; preocupação com o contexto, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência. (MOREIRA, 2002, p. 57).

As abordagens da pesquisa qualitativa começaram a ganhar reconhecimento em 1970. Durante os anos 70 e 80, a pesquisa qualitativa começou a ser usada em outras áreas, além da antropologia e tornou-se significativa no

campo educacional, em estudos sobre deficiência de trabalhos sociais, estudos de gerenciamento, serviço de enfermagem, estudos dos serviços humanos, psicologia e muitos outros campos de trabalho.

Segundo Trivínõs (1987), há autores que entendem a pesquisa qualitativa como “expressão genérica”, ou seja, ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. Por outro lado, essas atividades podem ser caracterizadas por traços comuns. Nesse aspecto, isso é uma idéia fundamental para um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade sob o ângulo qualitativo.

Na pesquisa qualitativa, de forma geral, há uma escolha do assunto ou problema, uma coleta e a análise das informações. Essas informações, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados.

Dessa forma, o pesquisador inicia sua investigação apoiado numa fundamentação teórica geral, o que significa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em foco, a maior parte, neste sentido, se realizando-se no processo de desenvolvimento do estudo.

5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO

As crônicas que compõem este trabalho foram coletadas no período de 29/08/2006 a 30/09/06 aleatoriamente, do jornal Folha de S. Paulo. Para a seleção do *corpus*, foram escolhidas cinco crônicas e analisadas, a fim de refletir sobre o gênero escolhido, contextualizar a gramática às práticas de leitura, através de propostas de ensino inseridas na concepção de linguagem interacionista. As crônicas não foram selecionadas em uma seqüência diária, para que não ficassem repetitivas.

Primeiramente, antes de iniciar o trabalho com as crônicas separadamente, selecionamos as expressões repetidas e o seu papel nos textos de José Simão, a partir da categorização dos gêneros discursivos, ou seja, as condições de produção do autor, a estrutura composicional do gênero em questão e o estilo, observando quais os efeitos de sentido que o autor pretende provocar em

suas crônicas.

Dando prosseguimento, partimos para a análise de 5 crônicas completas. Para finalizar, utilizamos uma crônica que não pertence ao grupo temático das analisadas para apresentar uma sugestão de encaminhamento pedagógico.

6 ANALISANDO AS CRÔNICAS

Em relação às análises, a opção foi trabalhar com cinco crônicas de José Simão, depois de dez textos analisados, tendo como base o contexto das eleições para presidente, governador, deputado e senador, nos meses de agosto e setembro do ano de 2006. A primeira crônica, pois, é datada de 29/08/2006 e a última, de 30/09/2006, não seguindo uma seqüência lógica.

Neste capítulo, serão apresentadas as análises das marcas lingüístico-enunciativas em relação ao contexto de produção, conteúdo temático e forma composicional no processo de construção de sentidos do gênero discursivo crônica jornalística de José Simão.

A partir das categorizações dos gêneros em grupo e das características do gênero já citado anteriormente, Barbosa (2003), fundamentando-se em Bronckart (1999), elabora uma proposta para a análise do gênero Crônica Jornalística.

Contexto de produção : inclui o autor, o leitor (ou ouvinte) e seus papéis sociais, objetivo do texto, locais por onde circulam (ou são publicados) esse texto, etc.

Conteúdo temático – temas que são tratados em textos pertencentes ao gênero em questão.

Forma composicional e estilo: sua organização geral e marcas lingüísticas e enunciativas características.

Fonte: Barbosa (2003, p. 11).

6.1 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, A ESTRUTURAÇÃO E AS MARCAS LINGÜÍSTICAS DA CRÔNICA JORNALÍSTICA DE JOSÉ SIMÃO: RECORRÊNCIAS

6.1.1 Contexto de Produção e Relação Autor/Leitor/Texto

A crônica jornalística de José Simão trata de acontecimentos que o leitor encontra todos os dias, seja em casa ou nas ruas. Portanto, o escritor apela

para o eu e usa e abusa do dia-a-dia, compondo retratos, tipos de personagens, cenas cômicas ou comentários. Para isso, ele utiliza uma linguagem simples, leve e despretensiosa (coloquial), sempre carregada de humor e bastante natural, para mostrar a oralidade no texto escrito. Portanto, mantém ainda um certo ar de família e se parece com uma “conversa fiada” sobre algum assunto. Mesmo quando tem a intenção de comentar ou informar, a crônica procura divertir o leitor.

Sob este aspecto, pode-se enfatizar que as crônicas de José Simão se inserem em uma espécie de crítica da mídia. É um tipo de crônica que se tornou coluna² no jornal, por se enquadrar em um paradigma que tem que ser seguido. Simão emoldurou essa coluna servindo-se de intertextualidade, ambigüidade, humor sexual e esforço do leitor para depreender os sentidos, não é vulgar mas traz conotação vulgar.

José Simão acumulou funções ao longo de sua vida: titular do “*Monkey News*”, programa de TV do portal UOL, comentarista da Rádio “*Bandnews*” e cronista diário da Folha de S. Paulo e mais dez jornais espalhados por todo o país. Por intermédio de Waly Salomão³, aproximou-se da “Folha de São Paulo” no início da década de 1980. De acordo com Sallum (2003), as crônicas de José Simão circulam desde 1987, quando a primeira coluna foi publicada. Há dezesseis anos, mantém sua seção entre as mais lidas da Folha de S. Paulo, sua crônica está inserida na seção Ilustrada, com publicação diária. Quando a coluna de Simão começou a aparecer, muita gente achava que seu autor não existia.

Diante disso, Simão trazia para o universo do jornalismo “sério” no Brasil a tirada rápida, de frase curta, das gags⁴, sketches⁵, trocadilhos e bordões humorísticos de rádio, das piadas de circo e do teatro de revista. Uma tradição oral recuperada para o novo jornalismo brasileiro. (SIMÃO, 2007).

No que se refere às condições de produção, as crônicas em tela abordam a campanha política para eleição presidencial do ano de 2006, com exceção de uma delas do dia 04/04/2006 que foi acrescentada às demais por conter recursos bastante criativos. As crônicas foram publicadas na Folha de S. Paulo nos meses de agosto e setembro, na coluna Ilustrada onde José Simão aborda, de

² Coluna se classifica como “uma divisão vertical das páginas de jornal, revista ou livro. Seção editorial de jornal ou revista, publicada com regularidade e, em geral, ocupando o mesmo espaço.” (LAGE, 2004, p. 69).

³ Waly Dias Salomão (1943-2003) era poeta nascido em Jequié, Bahia. Atuou em diversas áreas da cultura brasileira. Seu primeiro livro foi “Me segura que eu vou dar um troço” de 1972.

⁴ Piadas

⁵ Esboço, em breves traços, de desenho ou de pintura (croquis).

forma irônica e debochada, o humor, satirizando “socialites” e políticos, com um alto teor de humor que, muitas vezes, perpassa o limite da simples ironia e chega a níveis mordazes.

O humor de José Simão sempre procura olhar a vida com “malícia”, ou seja, acontecimentos do cotidiano, pelo olhar perspicaz e rápido e parece ter uma segunda visão, poder expor ao público em outro sentido ou sem sentido algum, “*non sense*”. Essa malícia para espiar o mundo gera uma linguagem de duplo-sentido, cheia de insinuações. (SIMÃO, 2007, p. 12). Diverte-se com possibilidades de significado e com as sonoridades das palavras para produzir o instante prazeroso de uma nova e desconcertante revelação.

Simão (2007) enfatiza que esta diversão com a sonoridade das palavras é algo que aproxima o humorista do poeta. Na política, as diferenças são cada vez menores; as dessemelhanças estão nas nuances de linguagem. No auge do “tucanato”, para usar a expressão de Élio Gaspari, Simão mostrou, que uma das facetas mais interessantes da política naquele momento estava na maneira de falar dos pessedebistas⁶.

Os personagens de José Simão são os fatos. O bom humor é passageiro, assim como o bom jornalismo é passageiro. Nesse caso, “os melhores são os que sabem lidar com o efêmero, não os que sonham com a posteridade”. (SIMÃO, 2007, p. 14).

O cronista argumenta que o humor no Brasil é fácil, as piadas estão prontas. Daí o seu bordão “No País da Piada Pronta”. Irreverente, ao se denominar Macaco Simão – “O Esculhambador Geral da República”, supõe-se que José Simão se coloca como o macaco, animal que figurativiza todas as peraltices, a ironia, o pular de galho em galho, o não ter compromisso com ninguém, o que lhe permite caçoar, zombar e “esculhambar” com tudo e todos. O texto de Simão se caracteriza como um *zapping* dos acontecimentos do dia, dentre os quais, entram temas políticos e sociais, como a crônicas as quais serão analisadas abordando o tema das eleições presidenciais de 2006, como já foi exposto acima.

De acordo com França (2006), José Simão criou um tipo de crônica cujo estilo revela e anuncia mudanças no próprio gênero da crônica jornalística escrita, no entanto reproduz a forma de transmissão oral de notícias seguidas de

⁶ Políticos do PSDB

comentário hilários. Neste trecho de Almeida, afirmamos as “macaquices” presentes no texto de José Simão:

De gargalhada em gargalhada, o Macaco Simão atira na cabeça de personagens que figuram o panorama político, social e televisivo nacional, enquanto vira cambalhotas e piruetas enlaçadas pelo rabo. Atira em todos aqueles que passam debaixo de sua árvore; em alguns acerta, mas outros tiros se perdem apenas no exercício de atirar. Afinal, as colunas são diárias. (ALMEIDA, 1998, p. 15).

O cômico de José Simão tem características da sátira e da ironia, expresso por meio de epigramas, frases curtas e mordazes. Seu texto é irônico, gozador, agressivo e escrachado, exagerando e deformando a realidade pra provocar o riso. Ridiculariza pessoas e situações, alvos facilmente identificáveis pelo leitor atualizado.

De acordo com Brait (1996, p. 56-57), a ironia para alguns estudiosos e escritores da literatura é concebida como princípio de estruturação de um texto. A idéia de ironia, como princípio estruturador de um discurso ou de um texto, pode auxiliar a compreensão não apenas de discursos literários irônicos, mas também dos não literários e de suas especificidades.

A intertextualidade, que pode ser uma das denominações para algumas formas de discurso reportado, assume nesses discursos uma função crítica, a fim de estabelecer um perfil da vítima, do alvo a ser atingido, quer para assinalar pólos de abertura. (BRAIT, 1996, p. 57).

Esse fato explica o porquê de José Simão abordar a ironia como forma de caracterizar o seu estilo e a sua visão de mundo. De acordo com Sallum (2003), as crônicas de José Simão têm como o objeto do riso as pessoas mais eminentes da sociedade brasileira.

O objetivo das crônicas de José Simão é de criar um clima de humor através de suas metáforas cômicas, inseridas em suas piadas, onde apreende algumas denominações caricaturescas, num processo metonímico-metafórico. Seu texto é dirigido a um público adulto em geral, com uma certa tendência para discernir as atualidades das notícias através de sátiras. O jogo com a sonoridade e os significados das palavras, parece ser uma das grandes categorias do riso. De acordo com Bergson (2001, p. 120), “uma personagem cômica geralmente é cômica na exata medida em que ela se ignora. O cômico é inconsciente”.

Sob este aspecto, há ainda duas observações que nos parecem relevantes para se entender o papel desempenhado pela alusão no discurso das

crônicas de José Simão. A primeira diz respeito a um prazer especial que sente o leitor, quando desvenda uma alusão. A segunda é que elas são fontes do lúdico, sendo assim, o leitor acaba em certo sentido participando de uma “brincadeira”. O autor não só insiste no fato de que elas são responsáveis por criarem uma intimidade entre o cronista e seus leitores, mas também o valor persuasivo que possibilita ao orador confundir-se com o seu auditório.

Segundo Eco (1986), em relação às alusões, crônicas desse estilo instigam o riso. Às vezes, o desvendar delas passa pela necessidade de que o leitor domine outras informações, que não as lembradas pelo autor. O leitor, supostamente ciente de que os jogos de palavras e brincadeiras verbais relacionam-se a acontecimentos recentes, saberá identificar as alusões e buscará meios de resolvê-las.

Nessa perspectiva, Simão (2007) trabalha com a interatividade do leitor, e com o advento da Internet os leitores passaram a ler e participar ainda mais, através dos e-mails. Em consequência dessa participação, o leitor passivo passa a ser ativo. “Porque leitor é passivo, internauta é mais ativo [...]” (SIMÃO, 2007, p. 20).

Sob tal enfoque, Simão enfatiza que sempre escreveu em voz alta. Para ele o ritmo é tão importante quanto o conteúdo. O autor não consegue um público somente na televisão. Se a pessoa está lendo e não tem ritmo, procura outro tipo de informação. Em qualquer texto, seja oral ou escrito, deve haver todos os climas possíveis, todos os tipos de pensamentos. “[...] eu tenho que juntar todos os pensamentos e o leitor que tire suas conclusões, ou não! Tenho que fazer um mosaico e dizer: olha, está aqui!” (SIMÃO, 2007, p. 25).

As crônicas de José Simão têm um caráter crítico em relação ao comportamento das pessoas. Por ser um humor inteligente, se trabalhado com alunos do ensino fundamental 3º e 4º ciclos, poderá ser muito interessante e produtivo a fim de despertar no aluno a capacidade de discernimento e senso crítico, envolvendo-os nas situações do cotidiano.

6.1.2 Conteúdo Temático

Do ponto de vista do conteúdo temático, os textos, *grosso modo*, voltam-se basicamente para os colunáveis do mundo político, artístico e esportivo, sempre com o intuito de ridicularizá-los, seja debochando das gafes cometidas, seja surpreendendo-nos em situações inusitadas. A nossa dedução é que o texto de José Simão criou um gênero híbrido, misto de efemérides, notícias, coluna social, verbetes de dicionário, *slogans* onde tudo parece funcionar como pretexto para o humor.

Por tratar de temas da atualidade, sua coluna nunca perde o vigor e está sempre na “boca do povo”, por serem temas que mais deliciam os brasileiros: sexo, política e futebol, denominados pelo autor como o trio elétrico do brasileiro “real, bunda e bola”.

6.1.3 Estrutura Composicional

Quanto à estrutura composicional, a crônica jornalística apresenta, de início, um título para chamar a atenção do leitor, acompanhada de uma ilustração, apontando-lhe uma idéia mais abrangente do tema a ser relatado, provocando o leitor para seguir a leitura, através de seus neologismos, ou seja, “palavras inesperadas”, termos recém-criados, novas estruturas lexicais, ou ainda, a ressignificação de termos já existentes. Podemos considerá-lo um texto narrativo-opinativo-humorístico em 1ª pessoa.

Os termos diferenciados ou em destaque usados no texto caracterizam-se como um espaço enunciativo. Ao colocar palavras entre aspas, a intenção é chamar a atenção do interlocutor. Por ser uma crônica jornalística humorística, explora termos e situações do cotidiano com a presença da linguagem coloquial, hipérboles, ironia, formas populares de linguagem, etc.

6.1.4 Marcas Lingüístico-enunciativas

Em relação às marcas enunciativas do autor, as crônicas em foco, tratam de algo acontecido na realidade. Por meio de uma linguagem despojada, permeada por gírias e marcas de oralidade, com jeito de conversa fiada, na qual o humor geralmente está presente, o cronista-colunista dissemina sua visão de mundo, ao relatar (narrar) ou comentar fatos do cotidiano. [...]

retoma notícias em pauta na mídia, num movimento parodístico: brinca com manchetes do mesmo dia ou do dia anterior; subverte pelo riso pronunciamentos políticos, debochados astros do esporte e da televisão, faz caçoadas sobre o uso da língua por determinados grupos sociais. (DISCINI, 2005, p. 50).

José Simão não poupa políticos, *socialites*, jogadores de futebol, nem celebridades. Em sua coluna não há baixo astral. Suas piadas sempre vêm após uma notícia de grande importância, as quais carregam uma “maldadezinha” gratuita e inteligente, por ser lúdica, leve e superficial.

Algumas expressões utilizadas no decorrer dos textos de Simão (marcas lingüístico-enunciativas) idealizam a sátira e a ironia, são expressões que sempre estão inseridas em todas as suas crônicas, seja qual for o contexto. Fazem parte do seu próprio estilo, como a utilização de: exclamações de valor interjetivo, mostradas geralmente no título, nos primeiros parágrafos e no decorrer das crônicas, tais como:

Ueba! Uau! Rarará!

Segundo Simão (2007), o título tem que ser escandaloso, algo na realidade, sensacionalista. A expressão onomatopaica de riso **Rarará**, reforça o prazer do orador em ironizar os seus personagens. Rarará também pode ser um uso irônico do tipo Olha a nossa situação! O que há de engraçado nisso?? É engraçado? Rarará é lamentável! Também se tornou constante, à época das eleições, algumas expressões de deboche a todo o processo eleitoral, visto que reflete a condição de muitos de nossos candidatos a cargos públicos, como se lê nos exemplos:

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O Esculhambador-Geral da República! Direto do Pleito Caído! A Galera Medonha! A Micareta dos Picaretas! Direto do País da Piada Pronta!

A famosa expressão **Buemba! Buemba!** do colunista social Ibrahim Sued (1924-1995), que significa Bomba! Bomba! é usada para chamar a atenção, cujo efeito é acentuado pelo uso da caixa alta e pela seqüência de frases interjetivas de pequena extensão! Simão demonstra com essa expressão que é necessário atrair, fazer escândalo. Bomba! Bomba!⁷ Era assim que, na década de 70, Ibrahim Sued, se envolvia com comentários políticos, deixando os militares de “cabelo em pé”, anunciava uma notícia que pretendia ser um “furo” de reportagem! Trinta anos depois, José Simão, o irreverente colunista da Folha, destila todo o seu veneno anunciando: Buemba! Buemba! A intenção é sempre a mesma: valorizar a notícia, ou seja, dar a ela a força e o impacto do ineditismo.

Em função disso, o uso de “Buemba”! tem a finalidade de “brincar” com a presença de ditongos no espanhol: buemba/bomba. (SCHMITZ , 2007, p. 20).

A maioria de suas expressões, por sinal, não é criação própria, mexicanizou o Bomba! Bomba! “Já que o brasileiro é supermelodramático, inerente aos mexicanos e tão ao gosto dos brasileiros”, segundo José Simão [...]. “e eu adoro chamar atenção mesmo, nada melhor que um bom Buemba! Buemba! para começar o dia”, explica José Simão (2007, p. 34).

José Simão se auto-denomina Macaco Simão, principalmente porque ele assume “tal máscara” e, “macaqueando”, imita, caricaturiza e parodia a realidade observada. Tudo de forma muito rápida por meio de comentários curtos e sempre variados. O codinome surgiu devido a um personagem infantil chamado Macaco Simão e também porque o macaco é um animal esperto, o que lembra algo bem brasileiro.

Ainda para mostrar, ironicamente, a questão da máfia dos políticos, o cronista destaca algumas expressões como **Direto do Pleito Caído** o que seria a

⁷ BOMBA!Bomba. Disponível em: <www.eventoshumanos.blogspot.com>. Acesso em: 3 ago. 2007.

política desmoralizada e sem escrúpulos, a fim de ironizar a campanha política juntamente com os candidatos que fazem parte de uma Galera Medonha.

A Micareta dos Picaretas significa um carnaval temporão, o qual acontece na maioria das capitais brasileiras. Por exemplo, em Sergipe em um ano houve duas micaretas, ambas financiadas com recursos públicos a fim de lançar a campanha do prefeito petista Marcelo Deda a governador do Estado. A folia começou no mês de março com apresentação de cantores famosos.

A expressão **Direto do País da Piada Pronta**, sempre presente em suas crônicas, enfatiza a situação da política brasileira, mostrando que não é muito difícil fazer piada no Brasil, o país já é uma piada.

Diante do exposto, não nos é difícil afirmar que José Simão, dadas as constantes inovações, criou um tipo de crônica cujo estilo revela e anuncia mudanças no próprio gênero da crônica jornalística escrita, pois reproduz a forma de transmissão oral de notícias, seguidas de comentários hilários. Observa-se a crítica contida no trecho referente ao horário eleitoral:

E o hilário eleitoral devia passar na TV AL Jazira

Crônica nº 2- 01/09/06

O elemento coesivo E é usado reiteradas vezes no início dos parágrafos, dando idéia de acréscimo e criando um paralelismo sintático. Recurso que faz aproximação da escrita com a fala, já que no texto escrito há operadores argumentativos que fazem essa ligação entre as idéias. A própria superfície textual das crônicas revela o macaquear contínuo, a mudança constante dos alvos de José Simão, principalmente pelo uso de enunciados, iniciados pelo conector aditivo **E** seguido de novo sujeito alvo. Sugerem um pulo para um novo assunto, um novo galho. Alguns exemplos são colocados no quadro abaixo:

E a urna eletrônica? Parece microondas. Microondas cívico.

Crônica nº 5- 30/09/06

Nesses exemplos, além de enfatizarmos o elemento coesivo **E**, a expressão de interrogação também é uma marca característica inserida nas crônicas de José Simão. Mostram atos de questionamento, dirigindo-se ao leitor e fazendo-lhes perguntas que conduzem para as suas críticas. O uso da forma interrogativa é abordado retoricamente, desperta e envolve a curiosidade do leitor que sempre está na expectativa. O cronista faz questionamentos por meio das interrogações.

Neste aspecto, o autor trabalha com uma grande variedade de gêneros menores presentes nas crônicas tais como: piadas, adivinhas, provérbios, fofocas, com o objetivo de informar as relações cotidianas da oralidade desses gêneros e da própria crônica.

Para o autor, há um diferencial entre as crônicas tradicionais e as suas crônicas porque estas estabelecem um contato com o leitor, que muitas vezes é colaborador de parte dos seus textos e da organização textual. Essa colaboração é marcada pelo uso das aspas, e pela maneira como inicia suas frases introdutórias, como nos exemplos abaixo:

E como diz um amigo meu: “Estou esperando um candidato que vá trabalhar por mim, ir lá na senzala bater meu cartão”.

Crônica nº 1- 29/08/06

O uso de aspas indica o discurso direto, a fim de ressaltar e enfatizar o enunciado. São usadas sempre para introduzir os discursos relatados, que deixa transparecer uma alusão irônica ou sarcástica. Um outro detalhe importante refere-se ao uso de dois pontos, recurso que indica um esclarecimento a fim de matizar uma enunciação anterior, e ressaltar argumentos, onde o autor sustenta seu ponto de vista. É comum nas crônicas de José Simão a repetição de períodos inteiros, como mostram os exemplos acima, períodos que se repetem anaforicamente. A expressão **“Estou esperando um candidato que vá trabalhar por mim, ir lá na senzala bater meu cartão”** nos remete a idéia de que o povo é escravizado.

Outras expressões equivalentes já fazem parte de suas crônicas diárias independentemente do contexto que o cronista irá explicitar:

É mole? É mole? Ou como diz o outro: é duro, mas desce!

Crônica nº1- 29/08/06

É mole, mas sobe! Ou como diz o outro: é mole mas se provocar, ressuscita

Crônica nº 4- 09/09/06!

Sob este aspecto, as formas populares acima significam uma repetição intensificadora da mesma frase e também faz uso de antítese. José Simão trabalha com a interação do locutor e interlocutor, recurso que ele utiliza para aproximar-se da linguagem oral. Explicita uma expressão que o autor sempre utiliza em suas crônicas, quer dizer, a situação está difícil, mas se tivermos paciência tudo vai melhorar, utilizando-se da ironia, obviamente.

O operador argumentativo **mas**, usado algumas vezes nos textos, contrapõe um argumento, para conclusões contrárias. Um outro operador argumentativo de disjunção inclusiva, presente nesse trecho:

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha “Morte ao Tucanês” Acabo de receber mais um exemplo hilário de antitucanês. É que em Porto Velho tem um motel chamado Motel das cobras. Mais direto impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

Crônica nº 1- 29/08/06

Quando o autor diz: **Continuo com a minha heróica e mesopotâmica⁸ campanha “Morte ao Tucanês”**, a palavra “mesopotâmica” enfatiza a idéia de que os mesopotâmicos eram povos conhecidos como os faróis do saber, era uma civilização antiga e muito inteligente, dominaram o mundo por séculos e foram bravos, foi o berço da civilização, o autor quer nos mostrar algo muito antigo, e faz referência ao partido dos tucanos.

Quanto ao termo “tucanos”,⁹ esse nome se originou devido a uma das reuniões preparatórias do PSDB em Brasília no mês de abril de 1988. Todavia, a

⁸ MESOPOTÂMICA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/>>. Acesso em: 3 ago 2007.

⁹ TUCANOS. Disponível em: <www.psdb.org.br/o_partido/porquetucano.asp>. Acesso em: 28 fev. 2008.

representação de Minas Gerais propôs que houvesse um símbolo para simplificar a identificação do partido e facilitar sua comunicação, portanto sugeriu que o símbolo fosse tucano. Isso se deu pelo fato do tucano ter três importantes significações, tais como: o peito amarelo que lembra a cor da campanha das eleições diretas, sendo também cor e símbolo da luta pela democracia no Brasil.

Um outro fator importante é que o tucano é um dos símbolos do movimento ecológico e da defesa do meio ambiente, é uma ave “brasileira”, característica importante para indicar nossa preocupação com as realidades nacionais de nossa terra e de nossa gente. Dessa forma, a figura do tucano tornou-se o símbolo-marca do partido. Passou a ser intensamente utilizado nas campanhas de comunicação.

Segundo Simão (2007, p. 20-21), o idioma “tucanês” e o verbo “tucanar”, produzem um efeito eufemístico. Esses vocábulos surgiram depois da posse do presidente Fernando Henrique Cardoso. Foram vocábulos criados por ele para indicar a forma com que os democratas falavam, politicamente correto. Já o “antitucanês” seria o Brasil escancarado, o oposto do Brasil, na época, idealizado pelos tucanos. Conforme o autor citado, o “tucanês” também se define como os políticos que se julgam de primeira classe em um país de terceira.

A expressão **Acabo de receber mais um exemplo hilário de antitucanês**, enfatiza a idéia de que uma novidade está por vir. O marcador **mais**, usado no sentido de “mais um entre tantos outros”.

E atenção! Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante.

Nessa passagem, o autor faz uso da ironia quando se refere à “cartilha do Lula”, a fim de desqualificar a imagem do presidente Lula como analfabeto. Simão (2007), esclarece que, quando terminou o mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso e assumiu o presidente Lula, ele mudou o contraponto da enciclopédia, no caso o “tucanês”, pela cartilha, então ficou “cartilha do Lula”. O dicionário “Lulês”, inserido no livro de José Simão “No país da piada pronta”, aborda

o que é a caricatura do que muita gente pensa do Lula, a ignorância, ou seja, a chave do óbvio lulante, que na realidade o termo existente é “óbvio ululante”.¹⁰

O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza, hoje só amanhã!

É comum nas crônicas de José Simão o trecho acima citado “**o lulês é mais fácil que o inglês**”. Nesta passagem, Simão evidencia que é mais fácil entender a fala do Lula do que a Língua Inglesa. Em uma entrevista de José Simão à Revista de Língua Portuguesa, ele afirma que o presidente se comunica bem, mas fala erradamente. Quanto à composição de palavras (**lula+ês**), as letras acrescidas no final das palavras são analisadas como um processo de derivação por sufixação. Nesse caso a palavra **lulês** se classifica como um adjetivo pátrio, por exemplo “baiano/baianês”, pelo fato do acréscimo do sufixo ês indicar origem, procedência ao substantivo.

Já, de acordo com Simão (2007), a segunda expressão “**Nóis sofre, mais nós goza**”, também utilizada em todas as suas crônicas, foi inspiração em um bloco carnavalesco de Olinda, no Estado de Pernambuco. Esse enunciado sintetiza a liberdade, o superar a opressão, é um sinônimo de alegria. Simão diz que é a expressão de que mais gosta, porque mostra a vingança do povo injustiçado, ele afirma ser uma filosofia de vida. Dessa forma, o povo sofre, mas continua nas épocas das eleições, acreditando em candidatos que não trazem melhora para o país, ou seja, literalmente o povo sofre, mas é feliz.

Na seqüência, a expressão “**hoje só amanhã**” significa que as notícias de hoje só serão publicadas amanhã, indica temporalidade, como função de operador argumentativo. Simão afirma tê-la ouvido de uma mulher nas ruas da Bahia. Essa expressão também nos lembra a frase dita pelo povo brasileiro “fiado só amanhã”, que nos remete a idéia de um dêitico temporal **amanhã**. Segundo Benveniste (1995), nos dêiticos, o espaço e o momento de enunciação inscrevem-se em outras formas da língua que só podem ser elucidadas a partir da situação de enunciação. O advérbio **amanhã** organiza a relação espaço-temporal.

¹⁰ Evidente, claríssimo, gritante. (FERREIRA, 2001).

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.

A famosa expressão acima, como presença constante no encerramento de suas crônicas, foi enviada por um leitor. O autor apropriou-se da expressão e nos remete à idéia de que quanto mais alucinado ele se encontra, mais surgem idéias debochadas para escrever suas crônicas.

A Volta da Galera Medonha! A Hora do Espanto! Poltergeist 3!

O autor destaca novamente a questão da Galera Medonha, como já foi citado anteriormente, a desmoralização da política, os candidatos corruptos, uma analogia aos filmes da década de 80, A Hora do Espanto e Poltergeist 3, uma situação tão aterrorizante que pode ser comparada a um filme de terror.

E o Ciro Botelho¹¹ me disse que o Lula tá igual a cavalo de parada: fazendo, andando e sendo aplaudido!

Crônica nº 4- 09/09/06

No primeiro trecho faz uso dos verbos no gerúndio, **fazendo, andando e sendo**, forma nominal que dá uma idéia de alongamento da ação e funciona com uma marca de enunciação gradativa. O verbo ser (**é**) no segundo excerto indica mudança de estado. A expressão **tá igual** indica uma comparação do presidente com um cavalo.

Nos quadros abaixo, é importante ressaltar a semelhança entre alguns aspectos inseridos nos títulos das crônicas de José Simão, os títulos os quais sempre em caixa alta, introduzem o relato seguido de expressões de valor interjetivo e exclamativo. Até no título o autor mantém uma interação com o interlocutor, pois em ambos os exemplos faz questionamentos e exclamações: dando a idéia de um

¹¹ Humorista, redator do show do Tom

“assalto” em “**a bolsa ou a vida**”, isto é, o dinheiro ou a vida; em **Inadimplência ou Morte!**, ou o país continua com a mesma desordem de sempre ou todos morrem.

O uso do operador discursivo **ou** estabelece relação de exclusão entre os elementos enunciados, o título também tenta convencer o leitor mediante um apelo, mesmo abordando o lado irônico de José Simão. O mesmo operador disjuntivo “**ou**” mantém a mesma função nos dois títulos citados.

<p>Lulalá 2006! A Bolsa ou a Vida?!</p> <p style="text-align: right;">Crônica nº 3- 02/09/06</p>
<p>Buamba! Inadimplência ou Morte!</p> <p style="text-align: right;">Crônica nº 4- 09/09/06</p>

Portanto, conforme expusemos, José Simão externa seu humor por meio da linguagem. O humor com que ele trabalha surge no decorrer da interação diária das pessoas. Sem a linguagem não há humor. A própria estrutura da linguagem e os recursos lingüísticos de cada idioma possibilitam a confecção do humor por parte de diferentes usuários. Pelo visto, José Simão tem um grande dom para usar a estrutura sintática, morfológica, léxica e fonológica para a elaboração de textos humorísticos. Suas crônicas servem para amenizar o impacto dos leitores ao se depararem com notícias desagradáveis.

6.2 A ANÁLISE LINGÜÍSTICA NA LEITURA DAS CRÔNICAS DE JOSÉ SIMÃO

Apresentaremos, nos itens a seguir, alguns recursos expressivos (marcas lingüísticas e enunciativas) que serão priorizados nesta análise, no sentido de reforçar o enunciado usado pelo locutor, a fim de fornecer um efeito irônico nas suas crônicas. Tais marcas permitem-nos explicitar a posição do locutor (autor) em relação aos seus interlocutores.

6.2.1 Ambigüidade

É a possibilidade de um enunciado admitir mais de um sentido. No entanto, geralmente é provocada pela má organização das palavras na frase. Segundo Jakobson (1973), pode-se definir ambigüidade como a co-presença de dois sentidos, um que postula a referência ao mundo, o outro que emana das combinações do contexto:

A ambigüidade é uma propriedade intrínseca, inalienável, de toda a mensagem centrada sobre si mesma, logo, é um corolário obrigatório da poesia. [...] Não somente a própria mensagem, mas também o destinador e o destinatário tornam-se ambíguos. Além do autor e do leitor, há o “eu” do herói lírico ou do narrador fictício e o “tu” ou “vós” do destinatário suposto dos monólogos dramáticos, das súplicas, das epístolas (JAKOBSON, 1973, p. 238).

Diante disso, a ambigüidade pode abarcar todos os níveis lingüísticos. Fenômenos não lexicais podem ser ambíguos, como por exemplo a transferência de referentes anafóricos, como certas expressões que José Simão aborda em uma das passagens de suas crônicas. A expressão do quadro abaixo sempre está presente no início de suas crônicas, a qual Simão trabalha com a ambigüidade, com a elegância de um esculhambador. “Na realidade eu desconstruo, começo por pensamento hermético e depois desconstruo. Você tem que desconstruir”. (SIMÃO, 2007, p. 19).

Essa expressão mostra a maneira como José Simão irá abordar o seu texto, com muita piada. O vocábulo “esculhambar” tem um sentido negativo e um positivo. Quem “esculhamba” pode de fato tornar algo desorganizado ou desordenado. Mas quem esculhamba, no sentido positivo, colabora com a sociedade graças a sua crítica aos desmandos reinantes no cenário nacional e internacional.

“ Esculhambador Geral da República! ”

E as ex-aeromoças da Varig que posaram nuas para a “Playboy”? É a primeira empresa que faliu por excesso de fundos! Rarará.

Nesse exemplo, Simão faz uma associação com a decadência da empresa aérea Varig e com suas aeromoças que posaram nuas na revista Playboy. A expressão **excesso de fundos** apresenta ambigüidade.

6.2.2 Dialogismo e Polifonia

Segundo Barros e Fiorin (2003), o dialogismo é concebido como princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Nesse sentido, primeiramente examina-se o dialogismo discursivo, desdobrado em dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto, e o da intertextualidade no interior do discurso.

O termo polifonia significa como um coro de vozes que se manifesta normalmente no discurso, visto ser o pensamento do outro constitutivo do nosso, não sendo possível separá-los radicalmente.

“Ou como diz o outro”

Segundo Koch (2003), em relação ao emprego da polifonia, pode ser definida como a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a enunciadores ou personagens discursivos, a terceiros ou à opinião pública em geral. A expressão acima está presente em todas as crônicas de Simão.

A expressão “**Ou como diz o outro**” pode ser também caracterizada como uma expressão corriqueira, oral e popular, para trazer ao nosso texto o lugar comum, o conteúdo. **Ou**, estabelece relação de inclusão de outros elementos no discurso, ou seja, transmite ao leitor uma alternativa.

E a charge do Ivan¹² com um candidato: “Prometo lutar pelo adicional de periculosidade para todo o genro que morar com a sogra”. Esse com certeza vai ganhar estourado!

Crônica nº 4- 09/09/06

Uma das características das crônicas de Simão é o uso do dialogismo como já podemos notar, com a utilização de aspas, indicando duas vozes (a dele e a do outro). Bakhtin (1995), concebe dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do discurso, no caso do dialogismo discursivo, percebe-se dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário e do texto, a intertextualidade no interior do discurso. O verbo prometer com valoração performativa realiza a ação enunciada.

6.2.3 Formas Populares de Linguagem

O autor faz uso de algumas expressões que mostram o baixo nível dos candidatos. Nesse sentido, são expressões que mostram um exemplo de “antitucanês”, que pode ser definido como a linguagem que vem direto das ruas, sempre com muita astúcia, segundo o dicionário de José Simão. Os exemplos a seguir explicitam essa definição.

¹² Nascido em Areia Branca, em 1963, o cartunista e chargista Ivan Cabral, ocupa lugar de destaque na Página de Opinião do Diário de Natal, desde 1988.

Audácia da cabrita! E não avisa antes. Traidora! Como é que ela ousa mudar de roupa sem consultar a nação? Tem que ter plebiscito!

Como os comentários pressupõem um leitor bem informado, há neles muitas alusões que contam com a necessidade de outras informações. Nesse caso, a expressão **Audácia da cabrita**, nos faz lembrar a candidata Heloisa Helena por ela ser nordestina, já que no Nordeste eles costumam usar esse tipo de alusão a nomes de animais a nomes de pessoas. Além disso, naquela época a então senadora mudou seu figurino austero. A candidata do partido PSOL, costumava usar somente um estilo de roupa e de repente resolveu mudar. Isso explica a colocação do cronista a fazer uso do questionamento, ironizando o porquê de a candidata ter mudado de roupa. Na seqüência, o uso da expressão **Tem que ter** aparece no sentido de obrigação, expressa uma ordem.

E um amigo meu foi assistir ao hilário eleitoral, e sumiu a cor da TV. Tão roubando até a cor da TV .

Crônica nº 3- 02/09/2006

6.2.4 Intertextualidade

De acordo com Cardoso (1999), define-se intertextualidade pela relação de um texto com outros previamente existentes, efetivamente produzidos, pois todo texto é um intertexto, ou seja, outros textos estão presentes nele. A intertextualidade pode ser tanto explícita, quando é feita a citação da fonte do intertexto, (discurso relatado, citações de referências, resumos, traduções, etc), quanto implícita quando cabe ao interlocutor recuperar a fonte na memória para construir o sentido do texto (alusões, paródias, certas paráfrases, certos casos de ironia).

Antitucanês Reloaded, a Missão

A expressão citada no quadro acima, evidencia a questão da intertextualidade, expressão usada em todas as crônicas de José Simão, isto é o mesmo filme, a mesma situação novamente, nos lembra o filme Matrix II, o qual ocorre em um universo paralelo semelhante ao da política. A expressão **antitucanês** composta de prefixo+base+sufixo, faz uma referência ao PSDB, partido dos tucanos, o verbo **reloaded** em inglês significa repetir. Nesse contexto, a volta dos tucanos na presidência. Simão faz uso do estrangeirismo **reloaded** para o próprio efeito pragmático e humorístico de seus textos.

Inadimplência ou Morte!

Crônica Nº 4- 09/09/2006

Na expressão acima, é intensificada a questão da intertextualidade, pelo fato de o autor fazer uma referência à Independência do Brasil, pois faz colocação de uma frase oriunda de uma pessoa famosa, D. Pedro I, na proclamação do seu discurso “Independência ou Morte”. Simão coloca uma frase para ser comparada, mas obviamente no sentido de sátira.

6.2.5 Hipérbole

Em retórica, ocorre hipérbole quando há exagero numa idéia expressa, de modo a acentuar de forma dramática aquilo que se quer dizer, transmitindo uma imagem inesquecível. É freqüente na linguagem corrente. Os exemplos abaixo nos mostram a presença da figura de linguagem em questão. (NICOLA; INFANTE , 1997).

E uma amiga minha disse: o Rio tá virando uma Neverland! É mole, mas sobe!
Ou, como diz o outro: é duro, mas desce!

Crônica referente às sugestões metodológicas

E o Lula gastou US\$ 10 milhões só para o astronauta ficar levantando o dedão em sinal de positivo? O dedão tá desafiando a lei da gravidade.

Crônica referente às sugestões metodológicas

6.2.6 Metáforas e Comparações

De acordo com Faraco (2005), as metáforas e as comparações pertencem ao mesmo processo cognitivo de estabelecer relações de semelhanças entre eventos, pessoas, objetos, sentimentos. Em algumas ocasiões, deixamos a comparação explícita na expressão; outras vezes ela aparece condensada (temos então uma metáfora).

Desse modo, metáfora é uma figura de estilo (ou tropo linguístico), que consiste numa comparação entre dois elementos por meio de seus significados imagísticos, causando o efeito de atribuição "inesperada" ou improvável de significados de um termo a outro. Didaticamente, pode-se considerá-la como uma comparação que não usa conectivo (por exemplo, "como"), mas que apresenta de forma literal uma equivalência que é apenas figurada. As metáforas cômicas se aproximam da caricatura, ao colocar um aposto nas pessoas citadas, ao seu visual e ao comportamento, como no exemplo a seguir:

E em Floripa tem o João do ovo: "João do ovo, este é o povo". O quê? O João ou o Ovo? Rarará!

Crônica nº 1- 29/08/2006

Há uso de metáforas cômicas "**João do Ovo, este é do povo**", chamando o governador de Santa Catarina de João do ovo, por ser calvo. A metáfora vai além da simples apresentação de propriedades comuns, pensamos

uma realidade nos termos de uma outra, nos leva a alguma descoberta e nos proporciona um prazer estético.

O cronista faz com que o leitor identifique quem é o governador através de uma associação com um ovo. Essa mesma explicitação também é demonstrada no quadro das crônicas dos dias 01/09 e 02/09, pois compara o governador Quércia ao personagem da literatura Frankenstein, devido a sua aparência.

E os óculos do Enéas¹³ são duas TVs de 29 polegadas.

Crônica nº 1- 29/08/2006

Em vários momentos, o autor utiliza figuras de linguagem, faz jogos de palavras com uso de comparação **E os óculos do Enéas são duas TVs de 29 polegadas**, devido ao tamanho dos óculos do candidato Enéas, comparados a uma televisão.

E o Alckmin Picolé de Chuchu? Como é que o povo fica gritando “Acorda, Gerardo”, se ele é anestesista?

Crônica nº 2- 01/09/2006

A associação que o cronista faz em relação ao **Alckmin Picolé de Chuchu** foi um apelido dado por ele, ao ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, derrotado do PSDB às eleições presidenciais de 2006, isso, de certa forma, nos leva a entender, que chuchu não tem graça, não tem gosto de nada, portanto, Alckmin também não tem graça. Ele é um chuchu.

¹³ Enéas Ferreira Carneiro (Rio Branco, 5 de novembro de 1938 – Rio de Janeiro, 6 de maio de 2007) foi um político e médico cardiologista brasileiro. Como político fundou o Partido da Reedificação da Ordem Nacional, o PRONA, que hoje é o Partido da República (PR) numa fusão com o Partido Liberal (PL). Foi três vezes candidato à Presidência da República e, em 2002, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, recebendo votação recorde de mais de 1,57 milhão de votos.

E o Quércia tá parecendo Frankenstein. É só colocar um parafuso atravessado na cabeça! Frankensquércia!

Crônica nº 2- 01/09/2006

No décimo parágrafo, ele cita o político Quércia, comparando-o ao personagem dos filmes de terror Frankenstein, **E o Quércia tá parecendo um Frankenstein**, faz uso de metáfora cômica, porque o rosto do personagem se assemelha ao do Frankenstein, quadrado e comprido e também há uma certa comparação à história do Dr. Frankenstein um cientista que cria o monstro “a criatura” a partir de partes de cadáveres. Nesse caso, Quércia vai se aliando a vários partidos, não importa se é bom ou ruim, pois tem a intenção de ser prefeito de São Paulo.

E qual é o nome da psicanalista? Doutora PARASMO! Para um parado no marasmo, nada como a doutora Parasmo! Rarará!

Crônica nº 3- 02/09/2006

Nessa passagem, o autor usa a expressão **PARASMO** quando se refere a Geraldo Alckmin, faz uso de metáfora cômica com seu nome pois ele é conhecido como alguém extremamente “parado e devagar”, sendo assim até o nome da sua psicanalista lembra algo inerte.

E adorei a charge do Sinovaldo com o Lula conversando com uma piranha: “Com a minha bolsa criei cinco filhos”. E o Lula: “E com a minha vou criar 30 milhões de votos”.

Crônica nº 3- 02/09/2006

No seguinte trecho, onde aparece **Lula conversando com uma piranha**, há a comparação de uma mulher com a piranha, que é um peixe que possui dentes numerosos e cortantes. Obviamente, nos dá a idéia de que as bolsas que o presidente Lula oferece ao povo, se comparam às mulheres de condições

precárias e de “vida fácil” que se prostituem para criar os filhos, na linguagem vulgar “rodam bolsinhas”, isto é, se elas sustentam os filhos nessa situação, qualquer um pode fazer o mesmo com as bolsas que o Lula oferece.

E São Paulo agora está assim: o Nurikassab e o Não Lembo parecem um dos três porquinhos. E o Lembo parece diretor de usina nuclear. Aliás, um bom presente para o Lembo seria uma tesourinha de aparar sobancelha. Rarárá!

Crônica referente às sugestões metodológicas

O NuriKassab e o Não Lembo parecem um dos três porquinhos.

E o lembo parece diretor de usina nuclear, Tesoura de aparar sobancelha. O autor cita o atual prefeito de São Paulo (Kassab) o qual nunca sabe de nada e Cláudio Lembo (governador na época) o qual ele satiriza por não se lembrar de nada. Quando aborda a questão da tesoura, é devido à espessura da sobancelha de Cláudio Lembo e o fato de ele ter uma certa semelhança com um cientista maluco **diretor de usina nuclear**. A colocação dos três porquinhos é a comparação com um dos porquinhos da história infantil, que era o mais atrapalhado.

6.2.7 Neologismo

De acordo com Gabas Júnior (2001), quando um item é inserido no léxico de uma língua, seja por mecanismos internos ou externos, denominamos neologismo, dessa forma é um fenômeno lingüístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de novo sentido a uma antiga. Pode ser fruto de um comportamento espontâneo, próprio do ser humano e da linguagem, ou artificial, para fins pejorativos ou não. Portanto, é extremamente comum, no mundo humorístico de José Simão os colunáveis receberem nomes diferentes, então, seus leitores passam a conhecer as verdadeiras identidades. Simão cria neologismos para produzir efeito humorístico Na realidade, Simão tem uma grande conscientização da riqueza da linguagem , pois foi capaz de “inventar” duas línguas, o “tucanês” e o “lulês”.

UEBA! SAIU A CAMPANHA ANULALÁ!

Crônica nº 2- 01/09/2006

6.2.8 Pontos de Exclamação

Usamos o ponto de exclamação depois de interjeições, expressões exclamativas e em enunciados que expressam espanto, surpresa, alegria, perplexidade. (FARACO, 2005). Usamos também em orações imperativas e em chamamentos. Nas crônicas de José Simão, as expressões seguidas de pontos de exclamação, aparecem com a finalidade de chamar a atenção do leitor, pois são colocadas com letras grandes e chamativas e geralmente vem inseridas no título da crônica, próximas à ilustração, os quais tem que ser bombásticas. O ponto de exclamação completa a emoção que o autor quer demonstrar no texto, isto é, uma nova revelação está por vir.

UEBA! UAU! RARARÁ
BUEMBA! BUEMBA!

6.2.9 Trocadilhos e Jogos de Palavras

Segundo França (2006), do ponto de vista lingüístico, os trocadilhos são fenômenos que envolvem o significante. De um ponto de vista menos específico, trocadilhos representam brincadeiras faladas, que devem ser lidas em voz alta. Os trocadilhos são lúdicos, são combinações espirituosas. O trocadilho brinca com a capacidade interpretativa do leitor, submetendo-o a avanços e recursos, erros e acertos, a revisões e revelações. “Na verdade, os trocadilhos representam um jogo

espirituoso para produzir efeito” (TRINGALI, 1998, p. 141).

E diz que o Bin Laden tem um primo gay: o Min Raben! Rarará!

Crônica nº 2- 01/09/2006

E o hilário eleitoral devia passar na TV Al Jazira, todos com cara de terrorista! Até aqueles vídeos do Bin Laden gravados na caverna são melhores

Crônica nº 2- 01/09/2006

Nos quadros acima, há a presença dos trocadilhos nas expressões Bin Laden e Min Raben. O uso de brincadeiras sonoro/semântica são constantes nas crônicas de José Simão e podem ser revelados nos pares hilário/horário, expressão que José Simão utiliza em todas as suas crônicas.

Chega de pleito! Queremos blunda!

Crônica nº 5- 30/09/2006

Aliás tem que botar silicone nesse pleito

Crônica nº 2- 01/09/2006

Nas duas primeiras frases, Simão empregou como marca registrada em todas as suas crônicas da campanha pré-eleitoral, inseridas sempre nos dois últimos parágrafos do texto, com exceção da crônica do dia 30/09/06, pois, as frases foram abordadas logo no título.

Partindo de um trocadilho paradigmático, percebe-se um jogo sonoro semântico, com a criação da palavra **blunda**, subentende-se como uma brincadeira lingüística quase infantil, portanto, peito (**pleito**) e bunda (**blunda**).

Quanto ao efeito que o autor quer provocar no leitor, entende-se que a política está totalmente desmoralizada, entretanto precisa de sutiã, algo que apoie, ou seja, faz a comparação do objeto silicone, pois dá a idéia de algo em pé, feito para sustentar. Segundo Koch (2004), logo no segundo parágrafo é importante observar o operador discursivo **aliás**, que matiza uma enunciação anterior e exerce a função de ajustamento, de precisão do sentido.

6.2.10 Os Efeitos da Ironia nas Crônicas de José Simão

A ironia e a sátira, assim como o humor e a paródia, passam a chamar tipos de discursos cômicos“, os quais estão relacionados ao riso. Mas, segundo Brait (1996), a ironia não é necessariamente cômica“, contudo, pode ser uma argumentação, como afrontamento de idéias, como situações de polêmica ou até mesmo como estratégia defensiva. Diante dessa idéia, afirma:

É possível, assim, abandonar a série caracterizada como sendo a das figuras de linguagem, da frase de efeito que compõe um texto, e mesmo da comicidade, delineando-se o horizonte de uma outra perspectiva. Esta, concebendo a ironia como uma forma de discurso, pode compreender o humor, a paródia, a intertextualidade, a interdiscursividade e outros elementos elencados ao universo anteriormente mencionado, como mecanismos que participam, ao mesmo tempo ou não, da estruturação de um discurso irônico, ou que se oferecem como efeito de sentido provocado pela ironia (BRAIT, 1996, p. 58).

Isso explica, os efeitos de sentido que José Simão costuma provocar no leitor, quando ele exterioriza seu humor. A estrutura da linguagem e os próprios recursos lingüísticos de cada idioma que ele utiliza possibilitam a criação do humor por parte de diferentes usuários. Schmitz (2007), expõe que nos tempos de hoje, com tantas guerras, conflitos, enfim notícias caóticas, o humor serve como instrumento para não levarmos a vida tão a sério, pois tudo é passageiro. Nas crônicas de José Simão, é natural algumas figuras públicas e colunáveis receberem apelidos tais como: Belzebush, Ronalducho, Chuchu, Rita Cadilata e muitos outros. O fato de José Simão criar seus próprios neologismos e brincar com a própria linguagem, mostra que há uma certa riqueza no seu discurso, em todas as suas manifestações.

Nesse aspecto, podemos observar que alguns fatores contextuais, funcionam como sinais enunciativos. Por exemplo, logo no título das crônicas de Simão na seção Ilustrada da Folha de S. Paulo, já é abordado seu estilo metafórico e a frase inserida provoca o riso, mesmo antes de o leitor conhecer o conteúdo do texto. Entretanto, levando-se em consideração algumas informações obtidas no contexto:

Esses fatores contextuais, ainda que o contexto seja entendido aqui como espaço discursivo circunscrito pelo jornal impresso, funcionam como sinais enunciativos, uma vez que não há nenhuma marca no enunciado que autorize o reconhecimento da ironia, ou de um sentido diferente daquele que o significado de cada palavra e a organização sintática oferecem. Os sinais contextuais, portanto de ordem enunciativa, promovem no plano da significação uma cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário, de tal modo que imediatamente o leitor pode compreender que aquilo que o locutor assume e enuncia como fato é a tradução de um desejo coletivo e não de uma realidade. Daí o efeito de humor (BRAIT, 1996, p. 59).

O prazer do leitor é tentar descobrir o efeito que o autor provoca em um determinado momento irônico, caracterizando o seu estilo e visão de mundo, ampliando o campo produtivo da ironia. Além disso, se o leitor for capaz de discernir essa generalização, ou seja, um maior detalhamento da forma como mecanismos produtores da ironia aparecem em diferentes discursos, ele pode compreender vários tipos de discursos, sejam eles literários ou não.

6.2.11 Análises das Crônicas

Crônica 1

UEBA! HELOÍSA LANÇA BLUSA- FAMÍLIA

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador - Geral da República! Direto do Pleito Caído! A Galera Medonha! A Micareta dos Picaretas!

E a frase de revolta do Lula: “Quem disse que eu não estudei? Só no ABC, fiquei 20 anos” Rarará!

E o chargista Iotti já sabe como se livrar do hilário eleitoral. Desencapetamento. Desencapetamento é a solução.

Junta um monte de gente em volta do aparelho e começa a gritar: “Abandona esse aparelho que não te pertence! Abandona esse aparelho que não te pertence!”

E o clássico do rebaixamento já tá garantido; Corinthians X Plutão!

E tem um candidato chamado Ouchana! “Saúde, segurança, emprego, Ouchana!” O que é isso? Múltipla escolha. Eu fico com a letra D! Emprego Ouchana? Rarará!

E em Floripa tem o João do ovo: “João do ovo, este é o povo”. O quê? O João ou o Ovo? Rarará!

E tem um que fica esfregando as mãos o tempo todo. Parece que tá na frente do caixa do banco vendo o funcionário contar notas.

E os óculos do Enéas são duas TVs de 29 polegadas.

E como diz um amigo meu: “Estou esperando um candidato que vá trabalhar por mim , ir lá na senzala bater meu cartão”. Eu também quero um candidato que VÁ ATÉ A SENZALA E BATA O MEU CARTÃO!

Audácia da cabrita! E não avisa antes. Traidora! Como é que ela ousa mudar de roupa sem consultar a nação? Tem que ter plebiscito!

Trocou aquela blusinha de primeira comunhão por uma camiseta com um sol! O logotipo do PSOL. Patrocínio Sundown. E diz que ela vai lançar o novo programa: BLUSA-FAMÍLIA! É mole? É mole, mas sobe! Ou como diz o outro: é duro, mas desce!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha “Morte ao Tucanês”.

Acabo de receber mais um exemplo hilário de antitucanês. É que em Porto Velho tem um motel chamado Motel das cobras. Mais direto impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção! Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. “Postulado”: companheiro que foi jogado para escanteio.

Aliás, o Lula jogou todos os companheiros pra escanteio. Rarará! Nós sofre, mais nós goza. Hoje só amanhã

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.

Chega de pleito!

Queremos blunda!

(SIMÃO, 2006a, p. E5).

Análise

Quanto ao contexto de produção, todas as crônicas foram publicadas na Folha de S. Paulo, na coluna Ilustrada, do período que antecedeu as eleições. No título do texto, podemos observar a característica irônica do autor, pois ele usa o nome de uma candidata à presidência da República ao usar a expressão “**BLUSA- FAMÍLIA**”. O autor, para causar um efeito de humor, faz sátira com a blusa de Heloisa Helena e o bolsa-família da campanha do presidente Lula.

Algumas expressões utilizadas no decorrer do texto de Simão (marcas lingüístico-enunciativas) já foram explicitadas e analisadas no item anterior, pois tais expressões se repetem em todas as suas crônicas.

Quem disse que eu não estudei? Só no ABC fiquei 20 anos.
E o chargista Iotti já sabe como se livrar do hilário eleitoral. Desencapetamento é a solução

No primeiro quadro, além de demonstrar um questionamento, devido ao instrumento lingüístico de pergunta **quem**, e ao ponto de interrogação, o trecho nos dá a informação de que alguém disse que ele não estudou. Com relação ao advérbio de negação **não**, o autor demonstra no texto acima uma diferente maneira de negar, mostra um relevante sentido para o enunciado. Há o uso da negação, mas ele expõe que estudou, a negação não incide sobre a proposição negada, é a enunciação desse termo que é posta em questão, não o seu conteúdo. Há também a sátira em relação ao presidente Lula, quanto ao tempo que o presidente demorou a se alfabetizar.

Diante desse mesmo enunciado, a expressão **Só no ABC fiquei 20 anos**, demonstra a idéia de adjunto adverbial de tempo, relativo ao tempo passado, e a sigla ABC, além de nos passar a idéia do lugar onde o presidente Lula morou, o ABC paulista, também enfatiza a questão do ABC de uma cartilha e aborda a questão da ironia. O verbo **fiquei** no pretérito perfeito indica permanência de estado.

Na expressão modalizadora **Quem disse que eu não estudei?**, o enunciado é representado pelo o verbo **disse que**, que produz um efeito de pergunta. No segundo quadro, o autor destaca um comentário sobre o chargista Lotti¹⁴, enfatizando um sentido de afirmação pelo uso do operador argumentativo já em **já sabe**.

Convém ressaltar que a palavra **desencapetamento** indica um neologismo criado por José Simão e nos dá a idéia de que política é algo cheio de maldades e subornos. Para se livrar dessa situação só se os políticos agissem de boa fé, passasse por algum ritual de desencapetamento, se livrar do que há de ruim, ou seja, nos lembra um ritual de exorcismo, da igreja católica e de algumas igrejas protestantes.

Junta um monte de gente em volta do aparelho e começa a gritar: “Abandona esse aparelho que não te pertence! Abandona esse aparelho que não te pertence!”

Na expressão **junta um monte de gente**, o autor faz uso da linguagem oral generalizando a quantidade, a qual não nos traz uma informação numérica exata. A repetição intensificadora da mesma frase **Abandona esse aparelho que não te pertence!** aparece por duas vezes, aproximando-se novamente das características da linguagem oral. Essa expressão semelhante também aparecia no programa “Zorra Total” **Isso não te pertence mais**, que foi ao ar na Rede Globo aos sábados após a novela das oito. Seria uma expressão do senso comum, abrangendo a questão da intertextualidade.

¹⁴ Carlos Henrique Iotti, jornalista e cartunista brasileiro formado pela UFRGS. Atualmente trabalha em Zero Hora e Jornal Pioneiro. É mais conhecido como o criador do personagem de história em quadrinhos Radicci, um personagem apresentado dentro do contexto dos imigrantes italianos que colonizaram a região da Serra Gaúcha.

E o clássico do rebaixamento já tá garantido: Corinthians X Plutão!

O elemento **(já)** como marcador de suficiência de asserção, responsável pelo encadeamento de um novo segmento discursivo.

Como já é de costume em suas crônicas, José Simão sempre faz uma “maldadezinha” no mundo dos esportes, portanto, ele argumenta sobre o rebaixamento do time do Corinthians e satiriza comparando-o com o Planeta Plutão que não é mais planeta, pois foi retirado, ou seja, rebaixado do sistema solar, assim como o time.

E tem um candidato chamado Ouchana! “Saúde, segurança, emprego, Ouchana!”
O que é isso? Múltipla escolha. Eu fico com a letra D! Emprego Ouchana? Rarará!

O emprego de *slogans* de candidatos, **“Saúde, segurança, emprego, Ouchana!”**, nos mostra claramente que os mesmos não têm competência política, a palavra **Ouchana** nos lembra um termo “chulo”, uma brincadeira na composição do nome, **ou+chana**.

Nesse contexto, o autor nos mostra alguns nomes de candidatos extremamente vulgares. “Não tenho problemas com isso. Uso um parâmetro: no momento que falou no Domingão do Faustão, pode! É o parâmetro, domingo à tarde, a maior audiência do Brasil, se o cara falou... pode!” (SIMÃO, 2007, p. 25). O cronista conclui que, se em um programa todos podem assistir a comentários com um certo índice de vulgaridade, então nessa circunstância, ele também tem a liberdade de fazer uso dessas linguagens em seus textos.

E diz que ela vai lançar um novo programa:
Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno

Uso dos dêiticos **eu /ela** exercendo a função de pronome pessoal, os quais indicam os participantes da comunicação, os elementos fisicamente presentes na situação de fala.

BLUSA FAMÍLIA, VÁ ATÉ A SENZALA E BATA O MEU CARTÃO, ABC.

Enfatiza essas expressões com o objetivo de falar da opressão do povo escravizado e oprimido, grafadas em letras maiúsculas, com o objetivo de chamar a atenção, enfim, escandalizar.

Trocou aquela blusinha de primeira comunhão por uma camiseta com um sol!

Na passagem acima, o Pretérito Perfeito “**trocou**” representa uma perspectiva retrospectiva em relação ao tempo Presente.

Crônica 2

UEBA! SAIU A CAMPANHA ANULALÁ

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do Pleito Caído!

Aliás, tem que botar silicone nesse pleito. O pleito não ta caído, ta desabado!

E o hilário eleitoral devia passar na TV Al Jazira, todos com cara de terrorista! Até aqueles vídeos do Bin Laden gravados na caverna são melhores.

E diz que o Bin Laden tem um primo gay: o Min Raben! Rarará! E a frase dodia sobre Plutão: “Foi só mandar um brasileiro pro espaço que já sumiu um planeta”. Rarará.

E a frase da Heloísa Helena: “Sou terninha e limpinha”. Errado! A frase seria: “Sou lanterninha, limpinha e lavo minha blusinha”.

Ereções 2006! Adorei a candidata do rio: “Pelo idoso e pelos animau, Superzefa para federal. Vote 7001: sete, dois ovo e um pau”.

Rarará!

E tem aquele outro; “Não sou político profissional.Vivo do meu trabalho”. E se eleito, passa a viver do NOSSO trabalho!

E o Alckmin Picolé de Chuchu? Como é que o povo fica gritando “Acorda, Gerardo”, se ele é anestesista? É verdade, é formado em anestesia. O Geraldo tá anestesiado! E o Lulalelé é uma mala que só promete bolsa!

E o Quércia tá parecendo Frankenstein. É só colocar um parafuso atravessado na cabeça! Frankensquércia!

E tem o Zé Gaiola, único candidato que já vem preso! E tem uma amiga minha, Lenora de Barros, que tá lançando a campanha: ANULALÁ! Rarará! Sabe o que quer dizer PIB? Pobreza Individual do Brasileiro!

É mole?

É mole, mas sobe! OU, como diz aquele outro: é mole, mas, se provocar, ressuscita!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha “Morte ao Tucanês”. Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês.

É que em Florianópolis tem uma casa de móveis chamada a Arte de sentar.

Rarará.

Mais direto, impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil! E atenção! Cartilha do lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. “Corega”: companheiro que deixou o partido e foi pro Japão gastar o mensalão. Rarará.

O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mais nós goza. Hoje só amanhã.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.

Chega de pleito!

Queremos blunda!

(SIMÃO, 2006b, p. E11)

Análise

José Simão procura mostrar a campanha do presidente Lula, usando a expressão **ANULALÁ**, logo no título, associada ao verbete do dicionário de José Simão, “Lula lá é Lula lá, ué”. Satiriza fazendo uma modificação da palavra lulalá, tem-se a impressão de que o país continuará da mesma forma que está, então anular o voto seria a melhor solução.

O objetivo da crônica abordada é criar um clima de humor, através de seus neologismos e expressões cômicas. Quanto ao destinatário, como já foi colocado em suas análises anteriores, obviamente será alguém que seja leitor da Folha de S. Paulo. Seu texto é dirigido a um público adulto, em geral, que acompanha a situação política do país e conseguirá discernir o contexto em pauta.

Com relação às alusões propostas por José Simão, as quais geralmente partem para o riso, às vezes, a resolução delas passa pela necessidade de que o leitor domine outras informações, e não as colocadas pelo autor. Contudo, a impressão que Simão nos transmite é que o autor confia em que seu leitor buscará tais informações, desde que tenha o hábito da leitura.

No tema abordado, Simão faz uso do título em caixa alta **UEBA! SAIU A CAMPANHA ANULALÁ**, justamente para contextualizar o universo político dos grandes grupos sociais e também para intensificar sua enunciação.

E o hilário eleitoral devia passar na TV Al Jazira, todos com cara de terrorista! Até aqueles vídeos do Bin Laden gravados na caverna são melhores.

Quando o autor se refere a **Tv Al Jazira**¹⁵ a expressão funciona como adjunto adverbial de lugar, é uma emissora de televisão jornalística do Catar¹⁶. Devido a esse conceito, José Simão compara o horário com essa TV, pois as pessoas são parecidas com os terroristas, isto é, o horário político é tão horrível que é preferível assistir a emissora de TV Al Jazira, até com vídeos do Bin Laden¹⁷ gravados, o horário eleitoral. O autor faz uso do adjetivo **melhores**, estabelecendo uma relação de comparação. O operador argumentativo **todos** funciona como idéia de abrangência universal, afirmação plena de um enunciado anaforicamente referido, pois segundo Ilari (2001), as expressões anafóricas servem, tipicamente para “retomar” outras passagens do mesmo texto.

E diz que o Bin Laden tem um primo gay: o Min Raben! Rarará! E a frase do dia sobre Plutão: “Foi só mandar um brasileiro pro espaço que já sumiu um planeta”. Rarará.

Quando o autor utiliza a afirmação **diz que**, essa forma verbal exprime impessoalidade como se empregasse o que comumente se diz, sem comprometimento. “E se diz por aí...? O tempo verbal predominante nas crônicas de José Simão é o Presente do Indicativo do verbo ter, **tem**, o qual constitui o tempo fundamental empregado dentro do relato, designando uma atitude comunicativa de engajamento com o leitor e o texto.”.

Nessas passagens, quando Simão fala sobre o primo de Bin Laden, ele maliciosamente utiliza a expressão **Min Rabin**, querendo, na verdade, dizer outra coisa, bastante vulgar. O autor faz uma referência à sonoridade similar ao árabe e ao efeito sonoro. Diante desse contexto, José Simão aborda o humor sexual, o qual

¹⁵ Essa TV foi criada em 1996 pelo emirado do Catar e suas transmissões iniciaram em 1º de novembro daquele ano. Logo se destacou por alcançar um nível de liberdade de expressão e de oposição raramente visto no mundo árabe.

¹⁶ Catar é um país da Arábia que ocupa uma península do Golfo Pérsico e algumas ilhas adjacentes, de nível elevado.

¹⁷ Osama Bin Laden, comumente conhecido como Bin Laden - (10 de março de 1957), terrorista internacional, filho de um pobre imigrante iemenita que se tornou o homem mais rico e poderoso da Arábia Saudita depois do próprio rei. Graduado em Engenharia Civil, possui 53 irmãos, 5 esposas e 12 filhos.

sempre vem inserido em suas crônicas. De fato, o humor sexual é uma de suas marcas, livre e despreocupado com a crítica e com a moral.

E a frase do dia sobre Plutão: “Foi só mandar um brasileiro pro espaço que já sumiu um planeta”. Rarárá.

No que se refere ao planeta Plutão, quando o presidente Lula mandou um brasileiro para a Lua, há a idéia de que não houve benefício nenhum para o nosso país, e o planeta Plutão até sumiu, isto é, subentende-se que o brasileiro roubou o planeta da constelação, o que está implicitamente escrito é, que o brasileiro é ladrão e corrupto.

E a frase da Heloísa Helena: “Sou terninha e limpinha”. Errado! A frase seria: “Sou lanterninha, limpinha e lavo minha blusinha”.

Em relação ao comentário da frase de Heloísa Helena “**sou lanterninha, limpinha e lavo minha blusinha**”, tão adequadamente mostra que Heloísa Helena continua cuidando da sua roupinha, a blusinha branca e a calça jeans desbotada, a roupa que sempre está acostumada a usar, mas o seu partido está sem representatividade, o PSOL parece uma lanterninha, fraquinha, não tem brilho, está em último lugar, apesar de lembrar um sol e a marca da cerveja Skol.

Simão destaca ainda o uso dos adjetivos **lanterninha e limpinha** que indicam valoração dos fatos ou algo relacionado ao discurso, são usados com um sufixo indicando diminutivo. Poderia constar que o sufixo “inha” tem efeito estilístico pejorativo. O autor também estabelece o uso do verbo no Futuro do Pretérito **seria**, introduzido por um tempo comentador, o qual se passou ao relato. Portanto, tem-se uma metáfora temporal, que limita a validade do comentário, atribuindo-o a um outro interlocutor, certamente Heloísa Helena.

Ereções 2006! Adorei a candidata do rio: “Pelos idoso e pelos animau, Superzefa para federal. Vote 7001: sete,dois ovo e um pau”.01/09/06

Estas expressões mostram o baixo nível dos candidatos. Superzefa, uma personagem totalmente “tosca”, veiculada no “You Tube” sem cultura alguma. O “sete dois ovos e um pau” é uma afirmação mesquinha colocada em seu discurso para os eleitores não se esquecerem do seu número (7001), comportamento típico de alguns candidatos não conhecidos que aparecem no exíguo horário político. O cronista faz uma crítica ao absurdo de algumas candidaturas, faz brincadeiras com seus nomes e slogans, um deboche à campanha eleitoral.

Ainda no mesmo trecho, observa-se o erro de concordância nominal e ortografia. **Pelos idoso e pelos animau, superzefa para federal.**

Um outro fator bastante abrangente nas crônicas de José Simão e muito utilizado na época das eleições são as expressões de cunho sexual. Como já foi dito, seus textos são marcados pelo humor sexual, já que as eleições, assuntos da notícia, passam a ser **ereções 2006**, decorrendo daí a presença de vocábulos ligados à sexualidade, no entanto, por meio deles o humor é deflagrado.

Não sou político profissional. Vivo do meu trabalho. “E se eleito, passo a viver do NOSSO trabalho!”

Há o predomínio da intertextualidade com o suposto discurso de Eduardo Suplicy, o qual nunca afirma ser político profissional, mas é da elite e político desde 1980. A palavra **NOSSO** grafada em letra maiúscula, com o intuito de chamar a atenção do leitor, sugere que ele viverá do trabalho do povo brasileiro.

E o Alckmin Picolé de Chuchu? Como é que o povo fica gritando “Acorda, Gerardo”, se ele é anestesista? É verdade, é formado em anestesia. O Geraldo tá anestesiado! E o Lulalelé é uma mala que só promete bolsa!

Nesse contexto, seria importante frisar a colocação que Simão faz da palavra **anestesiado**, ironicamente a fim de satirizar o candidato que é médico anestesista, sendo assim ele está devagar, ele está parado tanto profissionalmente como em sua campanha a presidente da república. Ainda no mesmo quadro, podemos detectar o uso do operador argumentativo **se** como introdutor de suposição. A oração modalizadora **É verdade** identifica uma declaração, assinalando a força ilocucionária.

Convém ainda destacar, no mesmo parágrafo, a frase em que Simão ironiza o presidente Lula, ao fazer uma composição de palavras com o seu nome lula+ lelé, onde ocorre o acréscimo de um sufixo a um radical, a uma palavra primitiva ou derivada. A expressão Lulalelé nos lembra o personagem da história em quadrinhos de Maurício de Souza¹⁸ da turma do Chico Bento “Zé Lelé”¹⁹ e uma comparação com a seleção lexical “mala”, um objeto usado para transportar roupas que metaforicamente podemos comparar ao presidente Lula, que só promete e não cumpre, sempre com o mesmo discurso que todos já estão cansados de ouvir. A palavra “mala” nesse contexto significa pessoas cansativas, que só dizem lamúrias e não tem noção de que estão sendo inconvenientes.

E tem o Zé Gaiola, único candidato que já vem preso! E tem uma amiga minha, Lenora de Barros, que tá lançando a campanha: ANULALÁ! Rarará! Sabe o que quer dizer PIB? Pobreza Individual do Brasileiro!

¹⁸ É um dos mais famosos cartunistas do Brasil. Criador da turma da Mônica.

¹⁹ Segundo o site Wikipédia, Zé Lelé é um personagem da história em quadrinhos da turma do Chico Bento. É o menos inteligente do grupo. Sempre tira nota zero nas provas. (ZÉ LELÉ. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9_Lel%C3%A9>. Acesso em: 3 ago. 2007.

Nessa passagem o autor comenta sobre um outro candidato “tosco” do hilário eleitoral, Zé Gaiola, mais um dos alvos de José Simão, apresenta-se para servir de piada ao público.

A colocação do pronome relativo **que** retoma um termo expresso anteriormente, a argumentação do porquê do nome Zé Gaiola. Simão enfatiza que Zé Gaiola é um dos corruptos que já está na prisão.

O autor também argumenta sobre o **PIB**, que significa Produto Interno Bruto e satiriza dizendo que é Pobreza Individual do Brasileiro, mas na realidade o autor quer enfatizar que a maior parte da população é pobre, então os políticos estão cada vez mais ricos. Ele aborda a diferença social e lingüística ao utilizar o termo “pobreza”.

É que em Florianópolis tem uma casa de móveis chamada A Arte de Sentar.

Nessa passagem Simão implicitamente insinua que em Florianópolis há muito homossexual, ou seja, gostam de sentar em madeira (pau). Essa mesma expressão explicita um adjunto adverbial de lugar **em Florianópolis**.

Usa da ironia quando se refere à cartilha do Lula, “**Corega**”. O autor nessa passagem tem o objetivo de desqualificar a imagem do presidente Lula como um analfabeto, preguiçoso, incompetente, perdedor e radical, que não tem condições de governar o país. Quando ele fala da expressão **corega**, ele se refere a um amigo de origem japonesa que foi para o Japão gastar o mensalão. Na realidade “corega” é a palavra “colega” falado erradamente.

Crônica 3

LULALÁ 2006! A BOLSA OU A VIDA?!

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!

Socorro! Todos para o abrigo! Me mate um bode! Lulalelê vai lançar mais uma bolsa: A BOLSA OU A VIDA! Rarará!

E todo dia eu dou a definição definitiva do Lula: uma mala que só promete bolsa! E o PIB? Agora se fala em PIB: Pobreza Individual do Brasileiro. PIB: Produto Interno Bruto! Ainda bem que é bruto; se fosse líquido, o Lula beberia! Rarará!

E mais uma da Galera Medonha: tem uma candidata no Rio chamada Maria chupetinha. Tá certo! Em tempo de sanguessuga é melhor uma Chupetinha. Rarará!

Datapraia informa. Quando estou em São Paulo é Datapadaria, margem de erro zero. Mas, como estou na Bahia é Datapraia: margem de erro 100%. Aqui na praia só dá eleitor da Heloísa Helena. Todos tomando um PSOL!

E o Geraldo? Continua anestesiado! Apareceu uma psicanalista dizendo que o Geraldo tem que ser mais agressivo, tem que bater. E qual é o nome da psicanalista? Doutora PARASMO! Para um parado no marasmo, nada como a doutora Parasmo! Rarará!

E adorei a charge do Sinovaldo com o Lula conversando com uma piranha: “Com a minha bolsa criei cinco filhos”. E o Lula: “E com a minha vou criar 30 milhões de votos”.

A Galera Medonha! A Hora do Espanto! Tem um chamado Oreia: “Oreia, o que houve a população”. Esse não aprendeu português de ouvido, aprendeu pelas oreia!

E em Santa Tereza do Oeste, Paraná: “Sentado, em pé ou de croque vote no Roque”. Esse aprendeu português de croque! Tão assaltando a gramática.

E um amigo meu foi assistir ao hilário eleitoral, e sumiu a cor da TV. Tão roubando até a cor da TV. Pior aquele candidato que foi preso dando golpe do bilhete premiado. Não pode! Não pode roubar antes de ter mandato para isso. Rarará.

É mole? É mole, mas sobe. Ou como diz aquele outro: é mole, mas se provocar, ressuscita!

Antitucanês Reloaded, A Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha “Morte ao tucanês”. Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que em Itu em um local para eventos chamado Salão de Festas do Tistão! Cruzes! Mais direto, impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.

Chega de pleito.

Queremos blunda!

(SIMÃO, 2006c, p. E11)

Análise

O objetivo das crônicas de José Simão é de mostrar constantes inovações, com seu estilo humorístico e muitas vezes sarcástico. A crônica faz uso da ironia, que percorre todo o texto, e é utilizada como um recurso retórico **Lulalelê vai lançar mais uma bolsa: A BOLSA OU A VIDA! Rarará**. Revela e anuncia sempre algo que está por vir, mostrado logo nas expressões iniciais de seus textos. Obviamente, as notícias seguem com comentários irônicos.

Em relação ao destinatário, pressupõe-se que será alguém que seja leitor da Folha de S. Paulo, portanto um leitor que domine vários tipos de informações. Desse modo, um leitor ciente de que os jogos de palavras e as brincadeiras verbais se referem a acontecimentos recentes.

Socorro! Todos para o abrigo! Me mate um bode! Lulalelê vai lançar mais uma bolsa: A BOLSA OU A VIDA! Rarará!

Logo no segundo parágrafo, o autor utiliza o operador argumentativo **todos**, o qual funciona como idéia de abrangência universal, afirmação plena **Todos para o abrigo! Me mate um bode**. A questão do bode nos lembra um animal do Nordeste, colocado nessa situação pelo fato de o Lula ser nordestino.

E todo dia eu dou a definição definitiva do Lula: uma mala que só promete bolsa!
E o PIB? Agora se fala em PIB: Pobreza Individual do Brasileiro. PIB: Produto Interno Bruto! Ainda bem que é bruto; se fosse líquido, o Lula beberia! Rarárá!

A crônica é construída através de relatos, fatos marcados pelo tempo e pelas ações. O texto apresenta o tempo verbal no Presente do Indicativo, o qual aproxima o leitor do que está sendo relatado **E todo o dia eu dou a definição definitiva**, há o uso de uma redundância proposital por parte do autor, ele argumenta, relata, ou seja, ele é dado como fonte de um discurso.

O operador argumentativo **ainda bem** soma argumentos a favor da sugestão anterior; afirma que é melhor que o produto seja bruto, pois se fosse líquido supostamente o Lula beberia. O verbo **fosse** como Pretérito Imperfeito do Subjuntivo acompanhado do operador discursivo **se** faz parte do relato, mas quando usado como metáfora temporal, exprime irrealidade.

No mesmo trecho, o autor coloca a questão do **PIB**, satirizando a sigla com uma outra definição: Pobreza Individual do Brasileiro, expondo a situação do país em que, a maior parte da população é pobre, o político enche os bolsos, e não está preocupado com a “massa”. Isso é uma outra questão já observada em outra crônica analisada.

O verbo **beberia** no Futuro do Pretérito tem função de metáfora temporal de validade limitada, o qual pode ser considerado como um fenômeno da polifonia, em que se incorpora ao enunciado algo que se pode atribuir a um locutor real ou virtual, a um conjunto de enunciadores. O locutor, ser do discurso, resulta de uma constante dispersão e aglutinação de vozes, sociais e ideologicamente marcadas. Portanto, o locutor como responsável pelo enunciado, ao qual se refere o pronome **eu** e as outras marcas de primeira pessoa presentes no discurso, é diferente do sujeito falante, ser empírico, que é um elemento real da experiência, uma representação externa da fala, estranha àquela veiculada pelo enunciado (KOCH, 2004).

E mais uma da Galera Medonha: tem uma candidata no Rio chamada Maria chupetinha. Tá certo! Em tempo de sanguessuga é melhor uma Chupetinha. Rarará!

No quarto parágrafo o autor cita o nome de uma candidata do Rio de Janeiro, Maria Chupetinha, e comenta **Em tempo de sanguessuga é melhor uma Chupetinha**. Esta expressão metafórica, faz uma alusão ao humor sexual e mostra que o Brasil está cheio de sanguessugas, políticos que cada vez mais se aproveitam da situação do país. O uso da palavra “chupetinha”, que significa “sexo oral” supostamente seria pelo fato de causar menos dano, ser menos prejudicial, porém “sanguessuga”, apropria-se dos bens dos outros. Há o uso da expressão adjetiva **é melhor** indicando valoração do fato.

Datapraia informa. Quando estou em São Paulo é Datapadaria, margem de erro zero. Mas, como estou na Bahia é Datapraia: margem de erro 100%. Aqui na praia só dá eleitor da Heloísa Helena. Todos tomando um PSOL!

Segundo Simão (2007), **datapadaria**, é uma instituição brasileira, principalmente em São Paulo, onde todos se encontram e fazem comentários sobre o que está acontecendo, realmente é um centro de discussão, um fórum. “...exatamente um fórum romano” (SIMÃO, 2007, p. 42). E o **datapraia** seria a mesma definição, mas em uma cidade do litoral, como na Bahia. No entanto, esses termos também nos remetem à ironia que se faz ao Datafolha²⁰.

²⁰ O Datafolha é um instituto de pesquisa pertencente ao Grupo Folha. Foi criado como departamento de pesquisas do jornal Folha de S. Paulo em 1983 e em 1990 o instituto se estabelece com estrutura independente para atender clientes externos.

A Galera Medonha! A Hora do Espanto! Tem um chamado Oreia: “Oreia, o que houve a população”. Esse não aprendeu português de ouvido, aprendeu pelas oreia!

O autor, nessa passagem, comenta sobre um outro candidato “tosco” do hilário eleitoral e faz sátira com seu pseudônimo “Oreia”. O pronome demonstrativo **esse** é usado como referência contextual, utilizado para substituir o sujeito da frase. A palavra “**oreia**” no final da frase exerce uma outra função, a de substantivo comum, orelha. Essa repetição recebe o nome de diáfora.

E em Santa Tereza do Oeste, Paraná: “Sentado, em pé ou de croque vote no Roque”. Esse aprendeu português de croque! Tão assaltando a gramática.

O autor inicia com o operador argumentativo geográfico **Santa Tereza do Oeste**, dando a idéia de adjunto adverbial de lugar. O lugar referido, interior do Paraná, possui uma característica lingüística, distanciada da norma culta. O objetivo principal do *slogan* é atingir a grande massa da população, que supostamente é formada por iletrados. Dentro dessa concepção, o cronista faz uso de rima e sátira com as palavras “croque”, que na realidade seria cócoras, uma forma de se agachar sobre os calcanhares, com o nome do candidato “Roque”.

E um amigo meu foi assistir ao hilário eleitoral, e sumiu a cor da TV. Tão roubando até a cor da TV. Pior aquele candidato que foi preso dando golpe do bilhete premiado. Não pode! Não pode roubar antes de ter mandato para isso. Rarárá.

A repetição **Não pode! Não pode!** vale como recurso estilístico, pois tem a finalidade de reforçar a idéia de que um cargo político autoriza a corrupção.

O Pretérito Perfeito também é um tempo predominante nessa crônica, pois indica uma retrospectiva de fatos acontecidos em um passado próximo **E adorei a charge do Sinovaldo**²¹ .

É que em Itu tem um local para eventos chamado Salão de Festas do Tistão!

O autor cita ironicamente **Salão de Festas do Tistão**, referindo-se a um museu da cidade de Itu, que em 18 de abril de 1873, realizou uma reunião no prédio construído no mandato de Francisco de Almeida Prado²², que efetivou as bases do Partido Republicano Paulista, mais conhecida como convenção de Itu, transformado em museu pelo presidente do estado Washington Luís Pereira de Sousa. A questão de citar Itu, então, é uma pista semântica para dar coerência e coesão ao texto em afirmar que a República em que vivemos é um universo paralelo e pela palavra Tistão estar no aumentativo e lembrar que em Itu tudo é grande.

Crônica 4

BUEMBA! INADIMPLÊNCIA OU MORTE!

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do Pleito Caído! E as ex-aeromoças da Varig que posaram

²¹ Mario Arthur Junges, nasceu em Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul - 1950, é cartunista e gerente de arte do Grupo Editorial Sinos. Criador do personagem Vavau e sua turma, Valeca, Raton e Pilha-fraca. Diariamente cria charges e tirinhas para o Jornal NH, Diário de Canoas e VS de São Leopoldo. Vavau nasceu de um cachorro da rua, a inspiração veio daquele ser independente e mal humorado, e com desejos humanos. As histórias são sempre retiradas do cotidiano das pessoas.

²² Francisco de Almeida Prado, Prefeito da cidade de Itu-SP em 1873, proprietário do imóvel onde ocorreu a convenção do Partido Republicano Paulista em 1873, hoje o edifício está instalado o Museu Republicano na Cidade de Itu-SP, extensão do Museu Paulista —Universidade de São Paulo.

nuas para a “Playboy”? É a primeira empresa que faliu por excesso de fundos! Rarará.

E uma frase ouvida no ônibus sobre o Alckmin Picolé de Chuchu: “Por que eu quero um walkman se eu posso comprar um DVD”? Rarará! E o Ciro Botelho me disse que o Lula tá igual a cavalo de parada: fazendo, andando e sendo aplaudido! E um amigo diz que vai entrar no banco e gritar: “Inadimplência ou Morte!”Rarará!

E o Lulalelé continua de sauto auto, no alto das pesquisas! E adorei a charge do Kacio com o Geraldo gritando pro Lula: “Desce daí se for homem”. Rarará.

E uma amiga minha vai criar um partido chamado PAU. Partido da Alternativa Única. Menos Pão e Mais Pau! Rarará!

A Volta da Galera Medonha! A Hora do Espanto! Poltergeist 3! A Micareta dos Picaretas! Tem um candidato chamado Nosangue: “Chega de votar em nó cego, vote Nosangue”. E quem garante que ele não tá contaminado?

E a Heloísa Helena, a Chiquinha do Chaves, é tão do contra, mas tão do contra, que, quando uma revista ofereceu a capa, ela recusou: só aceito a contracapa.

E eu vou perguntar todo dia: quem vai me dar o nome do descabeleireiro da Heloísa Helena? Aquele ninho de jaburu!

E a charge do Ivan com um candidato: “Prometo lutar pelo adicional de periculosidade para todo o genro que morar com a sogra”. Esse com certeza vai ganhar estourado! Rarará! É mole? É mole, mas sobe! Ou como diz o outro: é mole, mas se provocar, ressuscita!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha “Morte ao Tucanês”. Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que em rio Formoso, Pernambuco, tem uma marcenaria que tem o nome de Dois Cacetes! Uau! Mais direto, impossível. Viva o antitucanês! Viva o Brasil!

E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. “Comensal”: companheiro que come uma vez por mês! A vizinha! Rarará! O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mais nós goza! Hoje só amanhã!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Chega de pleito!

Queremos blunda!

Rarará!

(SIMÃO, 2006d, p. E 7).

Análise

Neste texto, Simão aborda como de costume as notícias do contexto das eleições, celebridades, políticos, os quais dão lugar aos fatos e acontecimentos da época.

E as ex-aeromoças da Varig que posaram nuas para a “Playboy”? É a primeira empresa que faliu por excesso de fundos! Rarará.

O pronome relativo **que** exerce a função de oração adjetiva explicativa e justifica uma asserção anterior. O autor comenta sobre os fundos da empresa, ou seja, o capital, e maliciosamente sobre os fundos das aeromoças, relacionado a uma das partes do corpo.

“Por que eu quero um walkman se eu posso comprar um DVD?” Rarará!

A respeito desse trecho, nos é oportuno registrar um exemplo de estrangeirismo **walkman**. O autor, faz uso de expressões na Língua Inglesa nas suas crônicas. Essa questão de comprar um **DVD**, pressupõe que na campanha de José Serra, tentaram incriminá-lo, vendendo um DVD com gravações comprometedoras a seu respeito, nas quais supostamente ele estaria envolvido no caso do mensalão. Uma outra abordagem é a colocação das aspas, como um recurso retórico polifônico, a fim de incorporar o discurso de outras vozes. As aspas são utilizadas nos enunciados relatados em discurso direto para marcar sua

alteridade, manifestada pela ruptura sintática entre o discurso que cita e o discurso citado.

E o Lulalélé continua de sauto auto, no alto das pesquisas! E adorei a charge do Kacio²³ com o Geraldo gritando pro Lula: “Desce daí se for homem”. Rarará.

A explicitação das palavras **sauto auto** nos remete à idéia de sozinho, independente, pode se referir a saltar, estar de salto alto, individualismo, como se o resto não importasse. Expressão usada para mudar o sentido e transformar, muda a letra e provoca outro sentido, alto, de altura, e auto, de autonomia. Com relação à palavra **sauto** escrita de forma errada, o autor também faz referência à pouca escolaridade do Lula.

O discurso direto “**Desce daí se for homem**” indica um ato de autoridade, ordem, pelo fato de o verbo descer estar no Imperativo.

Tem um candidato chamado Nosangue: “Chega de votar em nó cego, vote Nosangue”. E quem garante que ele não tá contaminado?

Nessa passagem, subentende-se que em ninguém se pode confiar, com relação aos políticos, pois até o sangue pode estar contaminado.

E a Heloísa Helena, a Chiquinha do Chaves, é tão do contra, mas tão do contra, que, quando uma revista ofereceu a capa, ela recusou: só aceito a contracapa.

Ainda para mostrar ironicamente, José Simão faz comparação da candidata Heloisa Helena com a Chiquinha do seriado Chaves, por estar sempre

²³ Chargista do correio Braziliense.

usando a mesma roupa e por aparentar um certo semblante de ingenuidade. Na expressão **tão do contra**, inserida duas vezes no texto, o autor utiliza uma figura de repetição com a finalidade de reforçar uma idéia. A oração consecutiva que [...] ela recusou, exprime um fato de conseqüência, um efeito e uma causa.

E eu vou perguntar todo dia: quem vai me dar o nome do descabeleireiro da Heloísa Helena? Aquele ninho de jaburu!

Simão ainda destaca a questão da composição de palavras por prefixação e sufixação na palavra **descabeleireiro**, na qual é acrescentado um prefixo e um sufixo à palavra cabeleireiro, no sentido de cabelo desarrumado, bagunçado. O autor faz comparação ao ninho da ave jaburu, por ser um local feito de uma grande quantidade de galhos secos de árvores. O pronome demonstrativo **aquele** faz inferência ao cabelo de Heloisa Helena.

E a charge do Ivan²⁴ com um candidato: “Prometo lutar pelo adicional de periculosidade para todo o genro que morar com a sogra”. Esse com certeza vai ganhar estourado!

A palavra **periculosidade** indica perigo, ou seja, todo genro que mora com sogra merece um adicional, pois sogra tem fama de ser uma pessoa maldosa, isso sarcasticamente explicando. Temos essa noção pelo fato de existirem muitas piadas sobre sogras, e estas serem fortes aliadas do humor.

Também se tornou constante, à época das eleições, a citação de *slogans* de candidatos nas crônicas, muitas com comentários hilários.

O pronome demonstrativo **esse** indica referência ao candidato de nome não identificado. Observemos, ainda, a oração modalizadora **com certeza**,

²⁴ Nascido em Areia Branca, em 1963, o cartunista e chargista Ivan Cabral, ocupa lugar de destaque na Página de Opinião do Diário de Natal, desde 1988.

dando idéia de afirmação, funcionando como indicador da intenção, demonstrando a opinião do locutor, em relação ao discurso citado.

É que em rio Formoso, Pernambuco, tem uma marcenaria que tem o nome de Dois Cacetes!

A expressão **rio formoso, Pernambuco** exerce a função de lugar, geográfico. O uso da expressão “Dois Cacetes” nos mostra um exemplo de antitucanês, que pode ser definido como a linguagem que vem direto das ruas, sempre com muita “sacanagem”, segundo o dicionário de José Simão.

E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. “Comensal”: companheiro que come uma vez por mês! A vizinha! Rarará! O lulês é mais fácil que o inglês.

É importante ressaltar novamente a cartilha do Lula, onde a palavra “**comensal**”, vem seguida de um significado diferente do inserido. No dicionário da norma culta o significado seria cada um daqueles que comem juntos.

Crônica 5

CHEGA DE PLEITO! QUEREMOS BLUNDA!

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País do Pleito Caído! E o debate da Grobo? Que tédio. Aquilo não era um debate, era um DEBATÉDIO.

Prefiro debater banana com o Neston. E sabe por que o Lula não

foi? Porque NÃO SABIA! Se ele nunca sabe de nada, como ia saber do debate?

“Debate? Não sei de nada. Vou mandar a Polícia Federal investigar. Prende todo mundo do debate”. Mas o Lula foi muito mal-educado. Podia ter mandado flores!

E o Geraldo tava desmaiado. Acho que ele tomou uma overdose de coristina com groselha! E a Heloísa Helena a Chiquinha do Chaves, não nos decepcionou: foi com aquela blusinha de primeira comunhão. Como ela quer mudar o Brasil, se não consegue nem mudar de roupa? Rarará! De tanto debater, nada foi debatido. Prefiro debater uma bronha! Rarará!

Amanhã! Ereções 2006! Ai que preguiça! Não dá pra votar por telefone? Tem que ter um 0800! E eu vou quebrar a urna na cabeça do mesário. Vou dar um piti na zona! O mesário é o garçom da democracia!

Rarará!

E a urna eletrônica? Parece um microondas. Microondas cívico. Aquela urna tá boa pra estourar pipoca! E a urna vai parecer um trem fantasma. Você tecla, aparece a foto e desmaia. Só tem gente horrorosa. Tecla UUUUU. Tecla outro. UAU. Tecla outro número. UUUUUU! Trem fantasma!

E aqueles com mais de 40 não podem esquecer de levar os óculos. Pra ler a cola. Um amigo meu levou a cola e na hora percebeu que era a lista do supermercado: uma dúzia de banana, seis iogurtes e 200 cervejas. Foi o melhor voto da vida dele.

Rarará!

E o perigo de cheirar cola e ficar indeciso se vota no Enéas ou na Heloísa Helena. Rarará!

Anularam o voto nulo! Voto nulo na urna eletrônica não tem graça! Antigamente que era bom. Que você desabafava escrevendo: “Filhos duma quenga”, “Viva Rita Lee”, “Jesus pra presidente”, “Abaixo a Rede Globo”. Voto com humilhação. Rarará.

E quem quer mudanças vote na Granero. Quer mudanças? Vote na Granero! É mole? É mole, mas sobe!

E, pra terminar, os versos do poeta pernambucano: eleição é apenas o dia marcado/ para o povo abestalhado/ escolher a marca da vaselina/ com que vai ser enrabado.

Rarará. A baixaria vem de cima. Nós sofre, mais nós goza. Hoje, só

amanhã.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.

(SIMÃO, 2006e, p. E 9)

Análise

Nesta crônica, o título é composto pela expressão com a qual Simão finalizou todas as suas crônicas durante a época das eleições 2006. **Chega de pleito! Queremos blunda!**

E o debate da Grobo? Que tédio. Aquilo não era um debate, era um DEBATÉDIO.

Como as pessoas já estão cansadas e saturadas das propagandas políticas, assistir ao debate é realmente um debatédio. A palavra **aquilo** é um elemento dêitico indicando um evento extra textual Na mistura de debate+tédio ocorre uma justaposição. A palavra Globo vem grafada com um desvio da norma padrão para expor que esse debate é uma piada. A expressão **DEBATÉDIO** grafada em letra maiúscula também mostra o momento polêmico das eleições, principalmente quando os candidatos vão para o debate. O autor reúne numa mesma palavra, a figura de estilo oxímoro, designativa de uma realidade, pois debate, que é debate, nunca seria um tédio.

Prefiro debater banana com o Neston. E sabe por que o Lula não foi? Porque NÃO SABIA! Se ele nunca sabe de nada, como ia saber do debate?

Convém notar, nesse trecho, que é mais interessante bater com banana e Neston do que assistir ao debate dos candidatos. Na palavra debater

entende-se haver ambigüidade “**prefiro debater/ de bater**”. Um outro elemento, bastante comum é aquele que associamos às adivinhas **E sabe por que o Lula não foi?**, em que o enunciador questiona o leitor com perguntas que despertam a curiosidade e a expectativa. O leitor aguarda a resposta e se depara com o humor.

“Debate? Não sei de nada. Vou mandar a Polícia Federal investigar. Prende todo mundo do debate”. Mas o Lula foi muito mal-educado. Podia ter mandado flores!

Neste trecho, Simão faz uma sátira, onde percebemos que o presidente Lula está tão alienado do que está acontecendo. O presidente Lula se desculpa pelo fato de não ter ido ao debate. O que fica sugerido é que ele não teve coragem para enfrentar um debate. Pressupõe que o leitor deva conhecer tal realidade para que faça as inferências inerentes nesse discurso.

A oração modalizadora negativa **Não sei de nada** apresenta ambigüidade. A negação interage com outras operações, determinando diferentes possibilidades de interpretação. Nesse caso, devido ao escândalo do mensalão, o presidente Lula afirmou não saber de nada, o que deixou todos céticos.

E o Geraldo tava desmaiado. Acho que ele tomou uma overdose de coristina com groselha! E a Heloísa Helena, a Chiquinha do Chaves, não nos decepcionou: foi com aquela blusinha de primeira comunhão. Como ela quer mudar o Brasil, se não consegue nem mudar de roupa? Rarará! De tanto debater, nada foi debatido. Prefiro debater uma bronha! Rarará!

Novamente, o autor faz alusão ao candidato Geraldo Alckmin, utiliza-se de uma hipérbole caricatural, figura presente na paródia jornalística, e inserida nas crônicas de José Simão. Traços marcantes são evocados em relação a alguns candidatos às eleições, como é o caso de Geraldo Alckmim: a sua magreza e a pouca vivacidade quando comparado ao um Picolé de Chuchu. Quanto a Heloisa

Helena, o mesmo jeito sem graça e com aquele vestuário não diversificado, arcaico. Como alguém poderá mudar o Brasil se não muda nem de roupa? (SIMÃO, 2007).

Amanhã! Ereções 2006! Ai que preguiça! Não dá pra votar por telefone? Tem que ter um 0800! E eu vou quebrar a urna na cabeça do mesário. Vou dar um piti na zona! O mesário é o garçom da democracia!

Através desse trecho, Simão demonstra a desilusão do povo brasileiro com as eleições, realçando a vontade de cometer atos de vandalismo, em função da descrença em relação à política. A oração modalizadora **Tem quer ter um 0800** nos expressa a idéia de ordem e a questão do 0800 nos remete a idéia de votar sem ter despesas. Em **Vou dar um piti na zona**, o autor enfatiza que vai sair fora do seu estado normal, **na zona** expressa o lugar de votação, (zona eleitoral)

E a urna eletrônica? Parece um microondas. Microondas cívico. Aquela urna tá boa pra estourar pipoca! E a urna vai parecer um trem fantasma. Você tecla, aparece a foto e desmaia. Só tem gente horrorosa. Tecla UUUUU. Tecla outro. UAU. Tecla outro número. UUUUUUI! Trem fantasma!

Neste ponto, o que nos chama a atenção é a associação que o autor faz da urna eletrônica com um microondas, devido ao seu barulho. Na seqüência, faz alusão às fotos dos candidatos que aparecem, como um trem fantasma. As expressões **UUUUU**, **UAU** representam a figura de estilo onomatopéia, pela qual se procura representar sons através de sinais gráficos que nem sempre são palavras. As onomatopéias são conjuntos de fonemas criados não para denominar um ser ou fato, mas para imitar aproximadamente sons ou ruídos.

E aqueles com mais de 40 não podem esquecer de levar os óculos. Pra ler a cola. Um amigo meu levou a cola e na hora percebeu que era a lista do supermercado: uma dúzia de banana, seis iogurtes e 200 cervejas. Foi o melhor voto da vida dele.

Importa aqui dizer que é mais produtivo levar uma cópia errada do número dos candidatos do que votar no número certo. A expressão **Foi o melhor voto da vida dele** enfatiza a idéia de grau superlativo **o melhor**, no sentido de o mais intenso em relação a outros. Há o uso do verbo factivo **perceber** que indica estado psicológico completado pela enunciação.

E o perigo de cheirar cola e ficar indeciso se vota no Enéas ou na Heloísa Helena.
Rarará

Os candidatos à presidência da época não eram expressivos. Os eleitores, desorientados, buscavam saber quem não era tão ruim para que pudessem votar.

A desilusão é tanta que José Simão estabelece o seu jogo lúdico entre cronista e leitor em qual dos dois candidatos seria pior votarmos?

Anularam o voto nulo! Voto nulo na urna eletrônica não tem graça! Antigamente que era bom. Que você desabafava escrevendo: “Filhos duma quenga”, “Viva Rita Lee “, Jesus pra presidente”, Abaixo a Rede Globo”. Voto com humilhação.
Rarará.

Antigamente, quando os votos eram escritos, as pessoas podiam ironizar escrevendo bobagens nos seus votos, muitas vezes nomes de pessoas

famosas, para bagunçar ou por não concordar com os candidatos. Agora, com a urna eletrônica isso não acontece mais.

E quem quer mudanças vote na Granero. Quer mudanças? Vote na Granero! É mole? É mole, mas sobe!

Pelo fato de a Granero ser uma empresa de transportes, José Simão inclui seu humor relacionando a empresa com as mudanças políticas.

E, pra terminar, os versos do poeta pernambucano: eleição é apenas o dia marcado/ para o povo abestalhado/ escolher a marca da vaselina/ com que vai ser enrabado.

Concluindo, Simão utiliza a expressão acima em forma de versos, para explicitar que a política no Brasil é uma verdadeira “piada pronta”, como ele sempre aborda em todas as suas crônicas.

O eleitor, de antemão, sabe que será o único prejudicado, indiferentemente de quem seja o eleito, pois, não resta no fim das contas outra alternativa senão votar e continuar com sua vida de sempre.

6.2.12 Conclusões Parciais

Considerando as análises explicitadas a crônica é um gênero de narrativa curta, de entrecho nem sempre bem definido, em que o autor procura apreender um determinado momento, real ou imaginário, comentando-o de forma arguta e espirituosa. Embora muitas vezes os temas enfocados sejam triviais e pobres de sugestão, o poder de criação do autor consegue transmitir à crônica um

caráter poético, humorístico ou tragicômico (como as crônicas de José Simão, Rubem Braga, Carlos Heitor Cony, Lia Luft e Luís Fernando Veríssimo). A linguagem do cronista costuma ser amena, coloquial; o tom é predominantemente cativante, determinando que o encadeamento das idéias se dê mais por nexos imaginativos que lógicos. É por isso que o cronista consegue estabelecer uma atmosfera de intimidade com os leitores.

Outro aspecto interessante é que o cronista pode estar à distância dos fatos, já que a crônica exige um estilo dinâmico de escrever, pois ela pede um tipo de relato em que o autor não precisa estar presente quando se dá o episódio para relatá-lo, podendo recriá-lo pela invenção.

Na efemeridade das páginas de um jornal ou na eternidade de uma página de livro, a crônica está sempre ensinando alguma coisa, fazendo o leitor refletir, prestar atenção naquilo que, a princípio, parecia menor; apresentando uma realidade recriada. A crônica pode, portanto, exercer um papel fundamental na vida de um leitor, apesar de ser um espaço curto, principalmente nos jornais, mas com o intuito de tirar o público da passividade, pelo menos de pensamento.

Com base nesse contexto, são analisadas as crônicas de José Simão, um dos mais irreverentes cronistas da imprensa brasileira. Ele possui um estilo de escrita peculiar e capaz de levar a informalidade e a zombaria ao paroxismo. Os temas geralmente abordados em suas crônicas são futebol, cultura, política e as mazelas do cotidiano da cidade. Seus textos são compostos de períodos curtos e ágeis, os quais se constituem em leitura mais acessível e motivadora para uma sala de aula da segunda etapa do Ensino Fundamental. O cronista externa o humor por meio da linguagem.

Como quem fica parado é poste... José Simão, o colunista mais engraçado da cidade não pára um minuto em busca da melhor piada. Dono de uma língua afiada e uma gargalhada inconfundível, ele diverte os seus leitores há dezesseis anos com sátiras hilárias sobre gente famosa. (SALLUM, 2003).

De acordo com Schmitz (2007), Simão não escolhe um determinado assunto, escolhe o que está se passando no dia. Seu humor é crítico e social. “Eu gosto de mexer na palavra, sinto prazer, então eu crio trocadilhos”. (SIMÃO, 2007, p. 15).

6.3 MODELO DE SUGESTÃO DE ENCAMINHAMENTO PEDAGÓGICO

Crônica

UEBA! PSDB É PREFEITO SERRA DEU O BOLO!

Buemba! Buemba! Macaco Simão urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da piada Pronta! Sabe como se chama a cidade que mais sofreu atentados até hoje no Iraque? KERBALA! E sabe o que quer dizer PSDB? Prefeito Serra Deu o Bolo! E o que considero mais grave na violação do sigilo bancário do caseiro: o pai biológico depositou R\$ 38 mil na conta do filho para ninguém saber que ele era o pai e agora o BRASIL INTEIRO FICOU SABENDO!

E o Lula gastou US\$ 10 milhões só para o astronauta ficar levantando o dedão em sinal de positivo? O dedão tá desafiando a lei da gravidade. Ele só fica fazendo uma única coisa no espaço: sinal de positivo para a Globo! E grandes coisas que o Lula gastou US\$ 10 milhões para mandar um brasileiro ao espaço... O Corinthians não gastou US\$ 20 milhões para trazer um argentino ao Brasil? Rarará.

E, depois do escândalo dos 400 vestidos, a dona Lu Alckmin foi apelidada de dona Luxo. Dona Luxo Alckmin! E o que eu considero mais grave no escândalo dos 400 vestidos: já imaginou ela experimentando um por um antes de sair? Rarará.

E o Lula diz que está só. Mas o chargista Myrria acrescentou: “E mal acompanhado”. O Lula está só e mal acompanhado! E adorei a charge do Clauro com o Lula gritando pro espelho: “cadê a minha imagem que estava aí?”. O espelho abandonou o Lula. Até o espelho abandonou o barco! Rarará.

E São Paulo agora está assim: o Nurikassab e o Não Lembo parecem um dos três porquinhos. E o Lembo parece diretor de usina nuclear. Aliás, um bom presente para o Lembo seria uma tesourinha de aparar sobancelha. Rarará.

E uma amiga minha disse: o Rio tá virando uma Neverland! É mole,

mas sobe! Ou, como diz o outro: é duro, mas desce!

Antitucanês Reloaded, a missão. Continuo com a minha heróica mesopotâmica campanha “Morte ao Tucanês”. Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que em Camaragibe tem um inferninho chamado O Canto da Rola. Rarará. Mais direto, impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. Eucaristia: aumento do custo de vida. Rarará. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã .

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.

No pingolim...

Para ver se bate no teto!

UFA!

(SIMÃO, 2006f, p. E5)

Análise

No tema abordado **UEBA! PSDB É PREFEITO SERRA DEU O BOLO!**, podemos observar a característica irônica do autor, pois ele usa a sigla de um partido político, o PSDB, para satirizar o prefeito de São Paulo, portanto, nos dá a idéia de que o prefeito José Serra possa ter passado alguém para trás, para sair candidato único, ou seja, o tema se contextualiza no universo político dos grandes grupos sociais.

Sabe como se chama a cidade que mais sofreu atentados até hoje no Iraque? KERBALA! E sabe o que quer dizer PSDB? Prefeito Serra Deu o Bolo! E o que considero mais grave na violação do sigilo bancário do caseiro: o pai biológico depositou R\$ 38 mil na conta do filho para ninguém saber que ele era o pai e agora o BRASIL INTEIRO FICOU SABENDO!

Em seguida, o autor faz uso da pergunta **sabe como se chama a cidade que mais sofreu atentados até hoje no Iraque?** e da resposta **KERBALA!** para fazer referência à guerra no Iraque: “quer bala” (tiro). **E sabe o que quer dizer PSDB?** (Partido Socialista Democrático Brasileiro) as quais mostram atos de questionamento, dirigindo-se ao leitor e fazendo-lhe perguntas que direcionam para sua primeira crítica, utilizando para isso de um acróstico da sigla do partido **Prefeito Serra Deu o Bolo!**, para se referir ao personagem real.

Na seqüência utiliza o recurso gráfico (uso de letras maiúsculas) para intensificar sua enunciação **O BRASIL INTEIRO FICOU SABENDO!**, onde fala sobre um tal caseiro que descobriu falcatrúas a respeito do político Palocci. Foi violada a conta bancária do caseiro e descoberto que o seu pai biológico havia depositado R\$ 38 milhões na sua conta, por isso a frase o “Brasil inteiro ficou sabendo”).

A partir de então, começa uma seqüência de relatos, com o predomínio do Presente do Indicativo que é o tempo fundamental empregado dentro da crônica (**e o que considero**) e do Pretérito Perfeito (**o pai biológico depositou**) para indicar situações anteriores ao momento enunciado.

E o Lula gastou US\$ 10 milhões só para o astronauta ficar levantando o dedão em sinal de positivo? O dedão tá desafiando a lei da gravidade. Ele só fica fazendo uma única coisa no espaço: sinal de positivo para a Globo! E grandes coisas que o Lula gastou US\$ 10 milhões para mandar um brasileiro ao espaço... O Corinthians não gastou US\$ 20 milhões para trazer um argentino ao Brasil? Rarará.

O uso de dois pontos, tanto no primeiro quanto no segundo parágrafos indicam um esclarecimento a fim de matizar uma enunciação anterior, e ressaltar argumentos. Na passagem, **Ele só fica fazendo uma única coisa no espaço: sinal de positivo para a Globo!**, nessa passagem o autor quis mostrar a quantidade absurda de dinheiro que o presidente Lula gastou para mandar o astronauta para a Lua, e não trouxe benefício algum para o Brasil.

E, depois do escândalo dos 400 vestidos, a dona Lu Alckmin foi apelidada de dona Luxo. Dona Luxo Alckmin! E o que eu considero mais grave no escândalo dos 400 vestidos: já imaginou ela experimentando um por um antes de sair? Rarará.

E, depois do escândalo dos 400 vestidos, a dona Lu Alckmin foi apelidada de dona Luxo. Dona Luxo Alckmin! Em relação a esse comentário, o autor faz uma crítica à sociedade, ao luxo. O que se supõe é que um costureiro paulistano queria lançar sua marca e aproveitou a fama da esposa do governador de São Paulo, Lu Alckmin e lhe ofertou 400 vestidos para se promover, os quais foram para leilão e o benefício doado a uma instituição de caridade.

E o Lula diz que está só. Mas o chargista Myrria acrescentou: “E mal acompanhado”. O Lula está só e mal acompanhado! É adorei a charge do Clauro com o Lula gritando pro espelho: “cadê a minha imagem que estava aí?”. O espelho abandonou o Lula. Até o espelho abandonou o barco! Rarará.

E o Lula diz que está só. Mas o chargista Myrria acrescentou: “E mal acompanhado” .O Lula está só e mal acompanhado! Esta expressão mostra que a assessoria de Lula está em uma situação decadente, que além de ele estar só, está mal acompanhado. Em uma das charges do Chargista Myrria²⁵, as quais são publicadas em vários jornais do Brasil e edições on-line. Também nessa passagem, há o uso da palavra imagem, pois faz referência a representação gráfica do presidente Lula, quando na verdade está diretamente criticando a imagem pública dele. Explicita a imagem que está sumindo até do espelho devido a tantas coisas erradas que são feitas, as mesmas foram mostradas na charge do cartunista Clauro²⁶. A Repetição intensificadora da mesma frase. **É mole? É mole? O espelho**

²⁵ Cartunista do jornal “A crítica”

²⁶ Chargista e cartunista do site UOL e do Diário de Criciúma.

abandonou o Lula. Até o espelho abandonou o barco!, aparece por duas vezes, aproximando-se novamente das características da linguagem oral.

E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. Eucaristia: aumento do custo de vida. Rará. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã.

Há uso da Ironia quando se refere à Cartilha do Lula. Uso de expressão indicando lugar **É que em Caramagibe tem um inferninho chamado O Canto da rola**. Quer dizer que quem manda agora é Lula (rola) e não mais os tucanos.

Em vários momentos utiliza figuras de linguagem, como a hipérbole **o Rio tá virando uma Neverland!**, isto é, o Rio tá virando uma ilha do nunca. Nesta passagem o autor faz uma comparação com o Rancho Neverland de Michael Jackson na Califórnia, onde há zoológico e até um parque temático, sendo assim, se assemelha a um lugar que nunca cresce.

E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. Eucaristia: aumento do custo de vida. Rará. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã.

A crônica é finalizada quando o autor fala da cartilha do Lula e satiriza a forma como o presidente se expressa durante seu discurso, devido a algumas expressões que ele utiliza de forma errada. Na palavra **Eucaristia**, o autor aborda um significado do dicionário Lulês, que seria aumento do custo de vida, que não se assemelha ao real sinônimo, que significa um dos sete sacramentos da igreja. Encerra também com suas expressões de valor interjetivo, como já é de costume em suas crônicas.

Conforme os aspectos analisados, sugere-se que o gênero discursivo crônica jornalística de José Simão, possa ser trabalhado com uma 8ª

série do ensino fundamental, no processo de construção de sentidos, para que o aluno tenha condições de, além de produzir e interpretar de forma mais motivadora o gênero abordado, possa relacioná-lo com o seu contexto sócio-histórico de produção. A opção por uma 8ª série se dá pelo fato de a mesma já ter uma certa maturidade, experiência e condições de identificar os gêneros, para que possa ser explorada toda a parte gramatical, mas de uma forma contextualizada durante a prática de exercícios que promovam o estudo das marcas lingüístico-enunciativas.

É evidente que a abordagem aqui se refere a apenas um texto e apresenta-se como sugestão de trabalho a ser adaptado, reformulado, ampliado, enfim redimensionado, de acordo com a situação de uso.

Diante disso, é importante que os professores tomem consciência de que trabalhar com gênero, abre grandes esferas para o exercício da cidadania, desenvolvendo cada vez mais o trabalho com a linguagem, pois o conceito de gêneros não se limita a considerar apenas aspectos formais ou estruturais do texto, mas é preciso que se forme uma produção discursiva.

Também, salientamos mais uma vez, que as várias sugestões de atividade, procurando integrar, sem artificialidade, as práticas pedagógicas de leitura, análise lingüística e de produção textual, englobam aspectos referentes às condições de produção; ao tema; ao arranjo composicional.

A maior parte das atividades da crônica jornalística pode ser debatida apenas oralmente, em um primeiro momento, após a veiculação e discussão da mesma. O professor deve se aprofundar no estudo do gênero discursivo em foco, na sala de aula, propiciando aos alunos o contato com várias crônicas do mesmo periódico ou de diferentes jornais, tendo sempre em vista a relação entre o grau de complexidade da tarefa e o contexto de produção da mesma.

Dessa forma, são apresentadas, a seguir, as sugestões para um trabalho em sala, em termos de seqüência didática, com a contextualização da análise lingüística às práticas de leitura e de produção textual.

- Leia apenas o título do textos. Eles chamam sua atenção? Por quê?
- Quando foi escrita a crônica?
- O que você entende com o título do autor como Esculhambador-Geral da República?

- Por que o autor utiliza a sigla de um partido logo no título?
- Leia, agora, o texto e discuta:
- José Simão escreve humoristicamente sobre os fatos e personagens de notícias do dia-a-dia, sobretudo do mundo político. Podemos dizer que este texto é do gênero crônica jornalística de humor. Além destas crônicas que acabou de ler, você se lembra de ter lido outras? Conhece autores que escrevem crônicas reais ou fictícias (inventadas) como de humor? Se conhecer, cite alguns. Se não conhecer, pesquise para a próxima aula.
- Quem são os prováveis leitores desta crônica? Justifique sua resposta.
- O que significa “Reloaded” e “mesopotâmica”?
- O que é uma charge?
- Quem é Clauro?
- Mesmo sendo uma sátira **uma “esculhambação”** que mostra “miudezas do cotidiano”, a crônica aborda várias informações críticas. Cite 5 delas.
- O que significa a expressão KERBALA? Porque foi escrita com letra maiúscula?
- O que são os tucanos?
- Assinale as alternativas corretas

O título do texto:

- () explica detalhes da vida do prefeito Serra.
- () contém verbo no presente, para indicar relato.
- () tem uma linguagem humorística para atrair o leitor.
- () utiliza letras maiúsculas e uso de aspas para chamar atenção.

- Por que motivo é colocado o valor que Lula gastou com o astronauta?
- Você deve ter percebido que, ao relatar um fato acontecido, utilizamos com mais frequência um tempo verbal: o pretérito perfeito - que indica situações anteriores ao momento atual

(fatos acontecidos). Retire do texto quatro frases com verbos no pretérito perfeito e construa outras frases .

- A palavra **e** (elemento de coesão - progressão de sentidos do texto) aparece com frequência na crônica de José Simão, como nas frases:.. **“E o Lula, E uma amiga. E o lembo”**. Qual o significado deste elemento no texto?
 - Por que o autor usa a expressão metafórica “O canto da rola”?
 - No quarto parágrafo, há o uso da palavra “imagem”. Em qual sentido ela está empregada?
 - O que você entende pela expressão : “É mole, mas sobe! É duro, mais desce”!
 - Em vários momentos o autor utiliza figuras de linguagem. O que são figuras de linguagem? Explique entre elas: hipérbole (exagero), antítese (significações opostas), jogos de palavras com uso de comparação (consiste no confronto de duas realidades), e composição de palavras (processo do qual se criam palavras novas pela junção de palavras ou radicais já existentes). Isto faz parte do texto humorístico e do estilo do autor. Abaixo estão algumas figuras de linguagem. Ao lado, veja se as reconhece, nomeando-as.
- **lulante**: lula + **militante**, lul+ês _____
 - O Rio tá virando uma Neverland _____
 - É mole, mas sobe! _____
 - O lulês é mais fácil que o inglês _____
- O que o autor quer dizer quando ele utiliza a expressão *nóis sofre, mais nóis goza*? O que essa expressão sintetiza? Ele usou uma linguagem culta ou popular?
 - Quais as condições de produção desse gênero? (Em qual jornal o autor escreve? Qual público ele atinge? Em que caderno estão localizadas as suas crônicas?)

- Na expressão alucinógeno; qual a relação entre o tal colírio, o pingolin e o teto?

6.4 PRODUÇÃO TEXTUAL

Com o objetivo de construir um melhor conhecimento dos gêneros discursivos, foi elaborada uma proposta para uma atividade de produção textual a ser aplicada, para que o aluno tenha noção da compreensão das condições de produção, das características temáticas, estilísticas e composicionais próprias do gênero crônica jornalística.

A fim de que o trabalho tenha um bom desenvolvimento, é necessário que os alunos observem algumas técnicas, que são relevantes na produção textual, tais como: leitura com objetivo definido, ou seja, ler o texto cuidadosamente para a produção escrita do gênero abordado, trabalhar com a intertextualidade, ler outros textos do mesmo autor e discutir alguns tópicos, reconhecer características temáticas, estilísticas e composicionais, relacionadas às situações de produção e recepção do gênero.

O trabalho abaixo poderá ser realizado em dupla ou em grupo a uma maior interação e produção.

- Reúna-se com mais um colega e procure levantar informações em jornais, revistas, televisão, *internet*, a respeito de um tema do qual deseja falar (crônica jornalística) esportes, política, vida social, etc. As crônicas podem ser de outros jornais, não necessariamente a Folha de S. Paulo e também de um outro cronista que trabalhe com o humor e a ironia. Pense em um público que deseja atingir e um jornal em que gostaria que sua crônica fosse escrita. Escreva, então, seguindo o modelo de José Simão, uma crônica sem fazer cópias. Lembre-se do que deve estar contido no título, no corpo da crônica. Não se esqueça de localizar a crônica no tempo e no espaço e, também, do uso adequado dos tempos verbais, dos neologismos, do discurso direto e indireto, a

reconstrução temporal, paralelismo das funções sintáticas e frases curtas que você irá criar. Procure palavras que deixem seu texto mais real e concreto. Use adjetivos e figuras de linguagem. Sua crônica deve ter clareza e despertar interesse de seu público-alvo, por meio do humor e da sátira. Importante enfatizar, em momento posterior, o processo de refacção textual e a necessária circulação do texto, produzido e reescrito, seja via murais, ou como leitura da crônica em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a gramática de forma contextualizada tornou-se um desafio aos professores que, muitas vezes por comodismo ou má formação, enfocam o texto como pretexto para o ensino da gramática, sendo que isso não basta para o ensino efetivo da língua nem é a única forma de ensino.

Ao analisar, nessa pesquisa, o gênero crônica jornalística e perceber as marcas lingüístico enunciativas em relação ao contexto de produção, conteúdo temático e forma composicional. Compreendemos que o trabalho em sala de aula com a língua deve promover discussão, interação e continuamente a reflexão.

Pelo fato de o gênero crônica tratar de muitos assuntos diversificados e por ser um gênero de classificação ambígua, caracteriza-se como um meio de comunicação de grande abrangência, por tratar de temas que fazem parte do cotidiano do aluno. No entanto, ele pode refletir e ao mesmo tempo se distrair pelo simples fato de poder interagir com um gênero que lhe traz rápida informação de uma forma bastante natural com uma certa dose de humor. Sob essas características que elegemos as crônicas de José Simão como foco de análise.

Em suas crônicas, ao provocar o humor e a sátira, José Simão leva o enunciatário a repensar questões fundamentais da nossa sociedade e sobre o discurso ideológico do poder. A partir do vocabulário inovador, entre o “lulês e o tucanês”, traça o perfil da política do país, que a princípio gera o riso e a descontração, mas abre espaço para a reflexão e a crítica. Logo, um leitor atento percebe a escrita engajada do colunista, reproduzida dentro da oralidade do cotidiano. Cabe ao professor propiciar um contexto discursivo-textual privilegiando um trabalho focado nos gêneros discursivos, nas particularidades do texto e seus propósitos. Afinal, como já foi dito, a língua é resultante de um trabalho coletivo e histórico.

Com base nesse contexto, por ser um humor inteligente e por ter um caráter crítico em relação ao comportamento das pessoas, se trabalhado com alunos do ensino fundamental, 8ª série, esse público supostamente já assimila o assunto em questão e terá capacidade de emitir opiniões em relação aos fatos que envolvem seu cotidiano.

Nesse sentido as análises poderão servir de suporte pedagógico nas práticas de docentes que atuam no ensino fundamental, buscando novos caminhos para o ensino da Língua Portuguesa que priorize o desempenho lingüístico e os efeitos de sentido de um texto. Em vista do exposto, que a sala de aula passe a ser um ambiente formador de sujeitos críticos e expressivos na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. **Achados chistosos da psicanálise na escrita de José Simão**. São Paulo: Escuta, 1998.
- ALVES, V. O. **Crônicas**. Disponível em: <<http://www.sitedeliteratura.com>>. Acesso em: 27 jul.2006.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, D. L. PCN de língua portuguesa: há mudanças de paradigma no ensino de língua? **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 23, p. 77-83, jan/dez. 2001.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, D. **Enigma e comentários: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AZEREDO, J. C. **Fundamentos da gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARBOSA, J. P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis? In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC, 2000. p. 149-182.
- _____. **Notícia**. São Paulo: FTD, 2001. (Coleção Trabalhando com os Gêneros do Discurso; Relatar).
- _____. **Receita**. São Paulo: FTD, 2003. (Coleção Trabalhando com os Gêneros do Discurso: Instruir).
- BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BAUTIER, E. **Pratiques langagieres, pratiques sociales: de la sociolinguistique à la sociologie du langage**. Paris: L'Harmattan, 1995.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BENDER, F. C.; LAURITO, I. B. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993. (Coleção Margens do Texto).
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. São Paulo: Pontes, 1995.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOMBA! Bomba! Disponível em <www.eventoshumanos.blogspot.com>. Acesso em: 3 ago 2007.

BRAIT, B. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs.** (Org.). São Paulo: Educ, 2000.

_____. **Ironia em perspectiva polifônica.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado /enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin conceitos-chave.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo.** São Paulo: Educ, 1999 .

CARDOSO, S. B. C. **Discurso e ensino.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CARNEIRO, A. D. Uma classificação tipológica e os textos da mídia. In: WERNECK, S. L. (Org.). **Discurso, coesão, argumentação.** Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

CASTILHO, A. I. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 1998.

CHOMSKY, N. **Aspects of theory of syntax.** Cambridge: MIT Press. 1965.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965. v. 3.

DISCINI, N. **A comunicação nos textos.** São Paulo: Contexto, 2005.

DOLZ, J.; SCHNEWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita - elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (Francófona). In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado de letras, 2004. p. 41-70.

ECO, H. **Lector in fabula.** São Paulo: Perspectiva, 1986.

FARACO, C. A. **Infância, escola e modernidade.** In: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo (Org.). São Paulo: Cortez, 1997. p. 56.

_____. **Ensinar x não ensinar gramática: ainda cabe essa questão?** 2003. Prelo.

_____. **Português: língua e cultura, ensino médio.** Curitiba: Base Editora, 2005.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA JÚNIOR, J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa.** 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRANÇA, M. T. R. **A construção lingüística do riso nas crônicas de José Simão**. 2006. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

FREDERICO, Y.; OSAKABE, A.; PCNEM: literatura: análise crítica. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Políticas de Ensino Médio. **Orientações curriculares do ensino médio**. Brasília: MEC/SEB/ 2004. p. 62-63.

GABAS JÚNIOR, N. Lingüística histórica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HARTUIQUE, D. L. L. Crônica jornalística: um gênero ambíguo de texto. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 144-150.

ILARI, R. **Introdução à semântica argumentativa: brincando com a gramática**. São Paulo: Contexto, 2001.

JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

KOCK, I. V. G. **Argumentação e linguagem**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2004.

LOPES-ROSSI, M. A. L. G (Org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151–166.

MELO, J. M de. A crônica. In: CASTRO, G. de; GALENO, A. (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. p. 141.

MEDEIROS, V. G. Lendo as crônicas jornalísticas literárias do período JK. In: CONGRESSO DA ABRALIN, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 9.

MELO, J. M. A crônica. In: CASTRO, G.; GALENO, A. (Orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. p. 139-154.

MESOPOTÂMICA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/>>. Acesso em: 3 ago. 2007.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

NICOLA, J.; INFANTE, U. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de 1º grau. **Língua portuguesa e literatura 5ª a 8ª série**. Curitiba, 1994.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa para a educação básica**. Curitiba: SEED, 2006.

PERFEITO A. M. Análise lingüística e construção de sentidos. In: LIMOLI, L.; MENDONÇA, A. P. F. **Nas fronteiras da linguagem**: leitura e produção de sentidos. Londrina: Editorial Mídia, 2006.

_____. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: SANTOS, A. R.; RITTER, L. C. B. (Org.). **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa**. Maringá: EDUEM, 2005. v. 1, p. 27-79. (Formação de professores EAD 18).

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SALLUM, E. Como quem fica parado é poste. **Veja**, São Paulo. Seção Perfil, 17 dez. 2003. Disponível em:
<<http://209.85.215.104/search?q=cache:yYRKz4OL8G0J:veja.abril.com.br/vejasp/171203/perfil.html+%22SALLUM,+E.+Como+quem+fica+parado+%C3%A9+poste%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>>. Acesso em: 27 jul. 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHMITZ, J. R. A linguagem. **Revista Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 18-21, 2007.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de letras, 2004. p. 71-91.

SIMÃO, J. **No país da piada pronta**. São Paulo: Editora do Bispo, 2007.

_____. Buemba! inadimplência ou morte! **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 set 2006d. Seção Ilustrada, p. E7.

_____. Chega de pleito! queremos blunda! **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 set. 2006e. Seção Ilustrada, p. E9.

_____. Lulalá 2006! a bolsa ou a vida?! **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 set. 2006c. Seção Ilustrada, p. E11.

_____. PSDB é prefeito serra deu o bolo! **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 abr. 2006f. Seção Ilustrada, p. E5.

_____. Ueba! Heloísa lança blusa- família. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 ago. 2006a. Seção Ilustrada, p. E5.

_____. Ueba! saiu a campanha anulalá. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 set. 2006b. Seção Ilustrada, p. E11.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TRINGALLI, D. **Introdução à retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUCANOS. Disponível em: <www.psdb.org.br/opartido/porquetucano.asp>. Acesso em: 28 fev. 2008.